



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Relatório de Estágio

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizada por Luís Eduardo
Rebelo Socorro na Escola Secundária André de Gouveia**

Orientadora:

Professora Doutora Clarinda Pomar

Novembro 2011

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Relatório de Estágio

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizada por Luís Eduardo
Rebelo Socorro na Escola Secundária André de Gouveia**

Orientadora:

Professora Doutora Clarinda Pomar

Novembro 2011

AGRADECIMENTOS

E mais um ano que passou... mais rápido que a velocidade da luz!

A realização deste trabalho foi possível graças ao contributo de um conjunto alargado de pessoas, directa ou indirectamente, ajudaram a ultrapassar as dificuldades surgidas, tornando mais simples a passagem pelas diferentes fases até à sua concretização.

Nada teria sido possível se essas pessoas, não tivessem estado ao meu lado, na partilha dos sorrisos e no auxílio, sempre que as coisas pareciam não caminhar na direcção certa. Por tudo isto agradeço.

Aos meus pais, que desde sempre me transmitiram os bons princípios, a ideia de que nada se consegue sem trabalho e sem dedicação e que nunca interferiram na minha escolha de um dia querer ser Professor de Educação Física.

À minha orientadora Professora Doutora Clarinda Pomar pela sua ajuda, orientação, sabedoria, disponibilidade e convicção demonstrada acerca das opções assumidas ao longo destes dois anos.

Ao meu Professor Cooperante, Doutor Emanuel Silveira, por todo o apoio, energia, clareza, incentivo e compreensão que demonstrou naqueles momentos em que parece que já não somos capazes, e essencialmente por acreditar que eu ia ser capaz.

Ao Professor orientador Mestre António Monteiro, a minha sincera gratidão pelo apoio e conselhos dados, pela sua disponibilidade, cooperação e confiança. O meu sincero obrigado.

A todos os Professores e colegas do Departamento de Educação Física da Escola Secundária André de Gouveia, a constante disponibilidade em colaborar sempre que solicitados. O meu obrigado.

Aos meus colegas, alguns amigos (as) de estágio, que sempre acreditaram nas minhas capacidades, que mantiveram sempre presente o espírito crítico, aquele que permitiu aperfeiçoar a minha acção. Por todo o trabalho que desenvolvemos juntos: Parabéns!

Por fim, mas não menos importante, às turmas do 7º e 11º anos, que me permitiram perceber que a vida é ainda mais complicada do que parece, mas mesmo assim possível de ser vivida com um sorriso. Obrigado por me fazerem crescer profissionalmente com vocês.

À minha esposa Vera, pela presença constante, ajudando-me a ultrapassar com êxito alguns momentos críticos durante a execução deste trabalho. Pela sua compreensão e dedicação.

Aos meus filhos Vasco e Rodrigo.

A todos vocês dedico este trabalho.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	I
ÍNDICE GERAL	III
ÍNDICE DE QUADROS	V
ABREVIATURAS	V
RESUMO	VI
ABSTRACT	VII
INTRODUÇÃO	1
CAPITULO I – ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E APRENDIZAGEM	3
1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA SECUNDÁRIA ANDRÉ DE GOUVEIA	3
2. CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS	5
3. A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO PLANO CURRICULAR (DO 1º AO 12º ANO)	8
3.1 COMPOSIÇÃO CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA	9
4. PLANIFICAÇÃO E CONDUÇÃO DO ENSINO E APRENDIZAGEM	14
4.1 PLANO ANUAL DE TURMA	15
4.2 PLANEAMENTO E PROCEDIMENTOS DAS ETAPAS	19
4.3 CONDUÇÃO DO ENSINO	26
4.4 REFLEXÕES DAS AULAS	32
5. AVALIAÇÃO DO ENSINO E APRENDIZAGEM	33
5.1 PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO	37
5.2 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	38
5.2.1 AVALIAÇÃO FORMATIVA	39
5.2.2 AVALIAÇÃO SUMATIVA	39
CAPITULO II – PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE	41
ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS	41
CAPITULO III – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL SOCIAL E ÉTICO	51
FORMAÇÕES DESENVOLVIDAS	51
PARTICIPAÇÃO EM REUNIÕES	51
CAPITULO IV – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL AO LONGO DA VIDA	53
1. ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO	53
“AS PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA FACE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS NAS SUAS AULAS”	
2. ACTIVIDADE DOCENTE NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO	63
6. CONCLUSÃO	67

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
ANEXOS	76
ANEXO 1 – PLANEAMENTO ANUAL DE TURMA 7º ANO	77
ANEXO 2 – MODELO DE FICHA DE REGISTO DE AVALIAÇÃO INICIAL	78
ANEXO 3 – FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DE TURMA	79
ANEXO 4 – PLANEAMENTO ANUAL TURMA 11º ANO	80
ANEXO 5 – GUIÃO DE ENTREVISTA	81
ANEXO 6 – PLANO DE AULA	82
ANEXO 7 – FICHA DE AUTO – AVALIAÇÃO	83
ANEXO 8 – PLANO DE ETAPAS 7º ANO ENSINO BÁSICO	84
ANEXO 9 – PLANO DE ETAPAS 11º ANO ENSINO SECUNDÁRIO	85
ANEXO 10 – PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO ESAG	86
ANEXO 11 – GRELHA DE REGISTO AVALIAÇÃO FORMATIVA	87
ANEXO 12 – GRELHA DE REGISTO AVALIAÇÃO SUMATIVA	88
ANEXO 13 – PROPOSTA DE AVALIAÇÃO INICIAL ESAG	89
ANEXO 14 – GRELHA RESULTADOS AVALIAÇÃO INICIAL	90
ANEXO 15 – GRELHA RESULTADOS AVALIAÇÃO FINAL	91
ANEXO 16 – GRELHA DE RESULTADOS DE FITNESSGRAM	92
ANEXO 17 – GRELHA DE DEFINIÇÃO DAS MATÉRIAS	93

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – MATÉRIAS DO 1º CICLO

QUADRO 2 – MATÉRIAS DO 2º CICLO

QUADRO 3 – MATÉRIAS DO 3º CICLO

QUADRO 4 – MATÉRIAS DO ENSINO SECUNDÁRIO

QUADRO 5 – MATÉRIAS ALTERNATIVAS

ABREVIATURAS

AVI – AVALIAÇÃO INICIAL

BTT – BICICLETA TODO O TERRENO

EF – EDUCAÇÃO FÍSICA

EP – ESTÁGIO PEDAGÓGICO

ESAG – ESCOLA SECUNDÁRIA ANDRÉ DE GOUVEIA

DEF – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

FB – FEEDBACK PEDAGÓGICO

NEE – NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

PAT – PLANEAMENTO ANUAL DE TURMA

PES – PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

PNEF – PROGRAMAS NACIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

UE – UNIDADE DE ENSINO

ZSAF – ZONA SAUDÁVEL APTIDÃO FÍSICA

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada realizado por Luís Eduardo Rebelo Socorro, na Escola Secundária André de Gouveia, para a especialidade do grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

RESUMO

O presente documento surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, estágio pedagógico desenvolvido no mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, na Universidade Évora. A PES decorreu na Escola Secundária André de Gouveia, no 3º Ciclo e Ensino Secundário, no ano lectivo de 2010/2011.

A organização deste relatório teve por base a estrutura do regulamento da PES, procurando focar 4 dimensões: Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem; Participação na Escola e Relação com a Comunidade; Desenvolvimento Profissional Social e Ético; Desenvolvimento Profissional ao Longo da Vida. As dimensões referidas focalizam os momentos mais determinantes do nosso processo de formação, como professores estagiários no ano atrás referido.

A elaboração deste documento pouco ambíguo e suficientemente “compacto”, pretendeu reflectir as vivências que a PES nos proporcionou. A preparação acerca do seu desempenho, percurso, sucessos, dificuldades e aprendizagens. Terminando numa breve conclusão/apreciação sobre todo o processo desenvolvido.

Palavras-chave: Educação Física; Estágio pedagógico; Ensino Básico; Ensino Secundário; Prática de Ensino Supervisionada.

Report on Supervised Teaching Practice by Luis Eduardo Rebelo Socorro, at the Escola Secundária André de Gouveia, for the Master's Thesis in Teaching of Physical Education in Junior High and High School

ABSTRACT

The present work was developed under the Supervised Teaching Practice program for the master's thesis in Teaching of Physical Education in Junior High and High School, at the Universidad de Évora. With activities developed with the preparatory and secondary level classes' junior high and high school in the academic year 2010/2011.

The organization of the report was based on the PES regulation structure, with focus on four dimensions: Organization and Management of Teaching and Learning; Participation at School and Community Relations; Social and Ethical Professional Development; Lifelong Professional Development. The described dimensions correspond to the most decisive moments of the training process as teachers during the aforementioned academic year.

The preparation of the document was kept unambiguous and directed, and it is intended to reflect the experiences that ESP provided; as such, it focuses on performance, learning "path", successes, difficulties and learning experiences. The work concludes with a brief summary and/or assessment of the process.

Keywords: Physical education; Pedagogic internship; Preparatory education (junior high); Secondary education (high school); Supervised Teaching Practice (PES).

INTRODUÇÃO

A poucos passos de cortar a meta desta longa e ao mesmo tempo curta caminhada, a tão desejada PES, chegou o momento de reflectir acerca dos caminhos percorridos e passar para o papel os acontecimentos mais marcantes. Assim, surge este relatório que é parte integrante das tarefas da Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Universidade de Évora.

Estamos prestes a terminar mais uma etapa na nossa formação como professor. Se no início do ano lectivo surgiam dúvidas quanto às decisões, relações, matérias, perspectivas...enfim, todo um conjunto de emoções e de relacionamentos subjacentes ao próprio acto de ensinar, neste momento partimos com um conjunto de incertezas completamente diferentes. Questionamo-nos quanto ao nosso futuro, quanto à nossa condição de professor, quanto aos nossos projectos.

A PES é uma unidade curricular com 42,5 ECTS que está integrada na componente de formação de Iniciação à Prática Profissional desenvolvendo-se ao longo dos dois semestres lectivos do 2º ano deste ciclo de estudos (12,5 ECTS no 1º semestre e 30 ECTS no 2º semestre). Composta pelo número total de 325 horas no 1º semestre e 780 no 2º. As actividades a desenvolver no âmbito da PES são enquadradas pelo disposto no ponto 4. do artigo 14º do D.L. 43/2007 de Fevereiro, que estabelece o novo regime da habilitação para a docência, consignando o domínio de habilitação “Professor de Educação Física e Desporto” nos níveis de ensino “básico e secundário” adquirida mediante o grau de Mestre.

Os objectivos a alcançar com a intervenção na PES, estão relacionados com o perfil geral de desempenho profissional dos professores dos Ensino Básico e Secundário (Decreto-Lei 240/2001, de 30 de Agosto) que considera quatro grandes dimensões profissionais: I - Dimensão profissional, social e ética; II – Dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; III – Dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade; IV – Dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida. Destas quatro dimensões resultam áreas de intervenção às quais participaremos, tais como: Preparação científica, pedagógica e didáctica; Planificação e condução de aulas e avaliações de aprendizagens; Análise da prática de ensino; Participação na Escola e Desenvolvimento profissional.

Baseando-nos nas quatro dimensões atrás referidas, estruturámos o presente trabalho em quatro capítulos. Assim, no capítulo um referimo-nos à Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem; O capítulo dois refere-se à Participação na Escola e Relação com a Comunidade; No capítulo três abordamos o Desenvolvimento Profissional Social e Ético; Por ultimo no quarto capítulo referimo-

nos às nossas vivências sobre o Desenvolvimento Profissional ao Longo da Vida. No final deste trabalho apresentamos uma conclusão sobre a realização da PES.

A PES é uma etapa de transição para o mundo do trabalho, permitindo-nos melhorar competências de forma a exercer funções docentes no Ensino Básico e Secundário no âmbito da Educação Física e Desporto.

O estágio desenvolvido no ano lectivo 2010/2011 decorreu na Escola Secundária André de Gouveia, no 3º ciclo e secundário, dando cumprimento às exigências curriculares. O estágio pedagógico simboliza uma experiência de tal forma complexa e completa que seria impossível indicar, todos os benefícios, aprendizagens e dificuldades sentidas.

Desejamos que através desta reflexão possamos fazer aquilo a que se chama de “balanço final”, o mesmo que nos irá ajudar num futuro próximo, quando chegar uma nova realidade à qual teremos de nos adaptar, como fizemos ao longo do estágio. Todas as ilações que forem retiradas através desta reflexão serão mais um instrumento que nos irão ajudar a aperfeiçoar a nossa acção enquanto docentes e que servirá de arquivo vitalício, que iremos consultar aqui sob a forma escrita ou mesmo a nível mental.

Estamos cientes que não iremos conseguir relatar todas as experiências e todas as transformações que vivemos nestes meses de intenso trabalho, de intenso relacionamento, no entanto, não queremos deixar de testemunhar todo este processo e a forma como tudo se processou.

Pretendemos sobretudo, que este seja um documento que revele os traços mais marcantes desta intensa aprendizagem, confrontando essas vivências, conhecimentos e emoções com o nosso crescimento pessoal e profissional.

CAPITULO I – ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E APRENDIZAGEM

1. Caracterização da Escola Secundária André de Gouveia

A Escola Secundária André de Gouveia (ESAG) foi fundada em 1841 sob o nome de Liceu Nacional de Évora, mais tarde nomeado Liceu Central André de Gouveia e Liceu Nacional André de Gouveia, que funcionou no edifício da antiga Universidade de Évora (Colégio do Espírito Santo), desde a data da sua fundação até ao ano de 1979, quando foram inauguradas as actuais instalações no Largo de S. Sebastião com a entrada principal pela actual Praça Angra do Heroísmo.

A ESAG é uma escola secundária com terceiro ciclo que funciona em regime diurno. É uma escola formada por cinco pavilhões com salas de aula, laboratórios, museus, gabinetes, biblioteca, um recinto polivalente e um complexo desportivo. De destacar na ESAG a existência de uma biblioteca caracterizada pela riqueza do seu espólio literário; laboratórios modernos e bem apetrechados; modernas salas de informática; salas específicas para as disciplinas de Educação Tecnológica e Teatro; instalações e equipamentos adequados à prática de diversas modalidades desportivas; gabinetes para Directores de Turma e Serviço de Psicologia e Orientação; alguns gabinetes de trabalho para os Departamentos; um Centro de Formação Contínua de Professores (Centro de Formação Beatriz Serpa Branco).

A ESAG caracteriza-se ainda pela existência de uma tuna académica, de um grupo de teatro (GATAPUM) e de um núcleo de desporto escolar, os quais, não fazendo parte dos órgãos da Escola, são elementos que contribuem para a identidade da mesma e que ajudam a projectar a sua imagem.

O corpo docente da ESAG sofreu uma redução geral de 10%, contando, no ano lectivo de 2008-2009, com 94 professores. Existem 12 funcionários administrativos (Secretaria, Tesouraria e SASE) e 27 auxiliares de acção educativa. A Escola dispõe ainda de 3 cozinheiras e de um guarda-nocturno. Possui ainda um Serviço de Psicologia e Orientação Escolar, que integra uma psicóloga. No ano lectivo de 2008-2009, a ESAG conta com um total de 698 alunos, estando 286 matriculados no terceiro ciclo do ensino básico e 412 no ensino secundário. Ao nível ensino básico, 55 alunos frequentam Cursos de Educação e Formação; ao nível do ensino secundário, 124 frequentam o curso de Ciências e Tecnologias, 80 o de Ciências Sociais e Humanas, 40 o de Línguas e Humanidades. 139 Alunos frequentam o Curso Tecnológico de Desporto e 29 o Profissional de Informática.

Cerca de 30 % dos alunos vêm de freguesias rurais. Dos residentes na cidade de Évora, 65,5 % habitam em bairros associados à classe média baixa. Os alunos da ESAG são maioritariamente oriundos de famílias cujos pais têm baixa escolaridade (habilitações iguais ou inferiores ao 3º ciclo do ensino básico) e profissões ligadas ao sector operário, serviços, vendas e trabalho não qualificado. 65 % dos residentes em bairros associados à classe média baixa e em freguesias rurais não têm Internet. Ler e escrever, são hábitos que só alguns alunos ainda mantêm. Apesar destas condicionantes, a grande maioria dos alunos da ESAG tem uma perspectiva de formação académica superior.

De referir, os muito bons recursos humanos e físicos da ESAG, com especial destaque para a formação académica e a estabilidade do corpo docente; o espaço envolvente da Escola; a qualidade dos equipamentos informáticos e laboratoriais; as renovadas instalações da biblioteca escolar; os recursos materiais da sala de teatro; os recursos materiais e as instalações para a prática desportiva, que passamos a descrever:

Pavilhão Desportivo; Esta é uma instalação que permite a prática principalmente de modalidades desportivas colectivas. Neste pavilhão estão marcados vários campos com as medidas oficiais (Basquetebol; Andebol; Badmington; Futsal; Voleibol). Também existe parede de escalada, variados colchões de ginástica e espaldares.

Campo exterior de Futebol; Instalação que permite a prática de modalidades colectivas, principalmente Futebol e Râguebi derivado ao piso de terra batido que possui. Também se podem fazer algumas disciplinas de atletismo neste espaço, como lançamento do peso e lançamento do dardo.

Pista de Atletismo; Ao lado do campo de Futebol está a pista de Atletismo disponível na escola. Esta também tem piso de terra batida. Aqui podem-se realizar corridas de diversas distâncias, tal como efectuar o trabalho de corrida de estafetas e corrida de barreiras.

Campos de Basquetebol, Andebol e Futsal; São campos exteriores com piso em alcatrão, pouco apropriado para a prática da Educação Física. Como o nome indica são campos utilizados principalmente para se leccionarem os Jogos Desportivos Colectivos. No entanto podem ser desenvolvidas neste espaço aulas com conteúdos primários de diversas matérias.

Campo de Voleibol; Este é um campo exterior de Voleibol existente na escola. Este campo é utilizado para leccionar a matéria de Voleibol num espaço exterior. O mesmo apresentava má qualidade no piso e nos materiais (rede e postes).

2. Caracterização das Turmas

Ensino Secundário – 11º ano

A caracterização da turma permitiu conhecer algumas características importantes dos alunos em várias vertentes, e possibilitando uma melhor condução de todo o processo de ensino e aprendizagem.

A turma é constituída por 18 alunos, sendo 5 do sexo masculino e 13 do sexo feminino. A idade dos alunos, varia entre os quinze e os dezassete anos. A grande maioria apresenta idade de 16 anos (10 alunos) sendo 6 raparigas e 4 rapazes. Havendo duas raparigas com quinze anos e quatro com 17 anos.

A ocupação dos tempos livres da maioria dos alunos é a praticar alguns desportos. De salientar que os desportos preferidos dos mesmos são na sua maioria o Voleibol e Basquetebol. Assim como a Natação e o Ténis num patamar mais abaixo. Aparecendo 3 modalidades com menor opção / preferência (BTT, Equitação e Andebol).

Quanto ao aspecto de algum aluno ser federado nalguma modalidade desportiva, só 2 alunos responderam sim. Há dois alunos que são federados. Um no Futebol e um no Taekwondo. Os restantes alunos todos afirmaram não serem praticantes federados em nenhuma modalidade.

Dos dados recolhidos verificamos que os alunos possuem alguns hábitos de estudo, assim como outras opções normais nesta faixa etária. Como ouvir música, estar na internet, praticar desporto e ver televisão.

Relativamente ao gosto pela escola os resultados invertem-se, pois quase todos os alunos da turma diz gostar da sua escola (12 alunos). Os restantes, não mencionaram nenhuma preferência.

Quando questionados sobre quais as disciplinas preferidas, temos a Físico-química, Matemática, Educação Física, Biologia e Português.

Quando questionados se gostavam das aulas de Educação Física, praticamente todos os alunos da turma responderam que “Sim”. Exceptuando 2 alunos que disseram “Não”, 1 aluno não respondeu.

Os alunos apresentam como motivos de agrado destas aulas inúmeras razões, tais como: Poderem praticar desportos; por serem aulas práticas; poderem aprender coisas “fixes”; porque gostam de fazer desporto; por ser uma aula que faz bem à saúde.

Estes resultados foram dados para nós importantes pois ficámos a perceber quais as motivações dos alunos, perante as aulas de Educação Física, de forma a ir de encontro aos seus interesses e expectativas.

As matérias de eleição dos alunos foram o Voleibol e Basquetebol ambas escolhidas pelos alunos como as que mais gostam. Estes dados, foram interessantes pois a matéria de Voleibol foi uma das muito prioritárias nesta turma, pois os alunos apresentavam grandes dificuldades na mesma. Não deixando contudo de ser aquela da sua preferência.

Salientamos os seus hábitos alimentares: na sua grande maioria (8 alunos) refere fazer uma alimentação variada com peixe ou carne, legumes e vegetais frescos em salada, fruta, arroz e batata. Apenas três alunos referem ter por hábito comer cereais. Houve dois alunos que não responderam a esta questão.

Nesta caracterização foi feito um levantamento dos dados dos alunos num contexto familiar e curricular. Tentámos com o mesmo obter uma visão global da turma que englobasse itens como as disciplinas preferidas e preteridas dos alunos, tal como uma ideia da constituição do seu agregado familiar e da sua situação profissional. Estes aspectos foram deveras importantes para podermos entender muitas das atitudes/dificuldades/anseios dos alunos.

Ensino Básico 3º Ciclo – 7º ano

O objectivo de se realizar a caracterização da turma, prende-se com o conhecimento aprofundado de cada aluno no meio escolar, familiar e sócio-cultural. Com os dados obtidos, o professor poderá intervir e agir com oportunidade e estabelecer com cada aluno, uma relação mais próxima, individual e personalizada, respeitando as características e o ritmo de aprendizagem de cada um.

A turma é apenas constituída por treze alunos, o número de rapazes e de raparigas da turma é muito discrepante, pois temos dez elementos do género Masculino e três elementos do género Feminino.

Assim, a turma do 7º ano é uma turma desequilibrada e heterogénea quanto ao número de alunos e de alunas, sendo este um factor que pode dificultar, eventualmente, a aplicação de determinadas estratégias durante as aulas, nomeadamente aquando da formação de grupos e equipas.

No que diz respeito à idade dos alunos da turma, constatamos que varia entre os doze e os catorze anos. Sendo que a grande maioria dos rapazes apresenta 12 anos (6 alunos), e as raparigas apresentam, as três, 13 anos. Há ainda dois rapazes com 13 anos e outros dois com 14 anos.

A grande maioria dos alunos da turma (11 alunos) reside na cidade de Évora. Os restantes dois alunos residem na Azaruja.

Os alunos da turma têm na sua maioria (8 alunos) como Encarregado de Educação a mãe. Há quatro alunos que o pai é o seu Encarregado de Educação. Verificamos ainda que existe um aluno na turma cujo Encarregado de Educação é o padrasto. Os alunos desta turma são quase todos acompanhados pelos seus Encarregados de Educação, sendo a relação Escola/Família mantida.

A ocupação dos tempos livres dos alunos é bastante diversificada, pois, são várias as actividades e ocupações às quais se dedicam.

No topo destas actividades encontramos o “estar com amigos” e a “internet” com muitos alunos a referir que se ocupam desta forma. As ocupações “ouvir música” e “Ver televisão” são também referidas por um número significativo de 7 alunos. Praticar “Desporto” é uma das actividades predilectas de 6 alunos, sendo o Futebol e o Taekwondo os mais praticados.

As ocupações menos referidas são o “Ler”, pois, apenas uma aluna referiu gostar deste passatempo. A leitura parece não ser um hábito dos alunos desta turma, o que não nos surpreende uma vez que o gosto pelo estudo, que implica leitura, é quase nenhum.

Os alunos não possuem bons hábitos de estudo, a grande maioria (8 alunos) não gosta de estudar e refere que só estuda quando é mesmo necessário ou quando tem uma boa motivação. Apenas 5 alunos referem gostar de estudar e dizem fazê-lo regularmente.

Relativamente ao gosto pela escola os resultados invertem-se, pois quase todos os alunos da turma diz gostar da sua escola (12 alunos). O único aluno que refere não gostar da escola não apresenta justificação.

Quando questionados se gostavam das aulas de Educação Física, todos os alunos da turma responderam que “sim”. Os alunos apresentam como motivos de agrado destas aulas inúmeras razões, tais como: por serem aulas engraçadas e mexidas; poderem nelas praticar desportos; por serem aulas práticas; poderem aprender coisas “fixes”; porque gostam de fazer desporto; por ser uma aula que faz bem à saúde.

Estes resultados são dados para nós importantes pois ficámos a perceber quais são as motivações dos alunos da turma perante as aulas de Educação Física, de forma a ir de encontro aos seus interesses e expectativas.

As matérias de eleição dos alunos foram o Futebol e o Voleibol, ambas escolhidas por 5 alunos. Estas são seguidas pelo Basquetebol, matéria eleita por 3 alunos. O Badmington e o Atletismo também foram referidos por 2 alunos, que as consideram como matérias da sua preferência. Relativamente à Ginástica e Andebol, apenas um aluno as elegeu.

Relativamente ao número de refeições diárias que os alunos da turma habitualmente tomam, a maior parte dos alunos faz e/ou 3 refeições (6 alunos). Há ainda quem faça 4 refeições (4 alunos). Dois alunos disseram fazer 5 refeições, um aluno faz 6 refeições.

Considerando que o número de refeições diárias é importante para a manutenção de uma alimentação equilibrada e de um estilo de vida saudável, achamos que quem refere fazer três refeições, as quais deduzimos ser o pequeno-almoço, o almoço e o jantar, poderá modificar os seus hábitos alimentares, fazendo mais uma ou duas refeições, a meio da manhã e a meio da tarde.

Os restantes alunos deverão manter os seus hábitos alimentares, fazendo o número de refeições que referem, desde que elas sejam em pouca quantidade de alimentos, pouco calóricos e variados, no sentido de equilibrar o seu consumo diário.

A maioria (10 alunos) faz uma alimentação variada com peixe ou carne, legumes e vegetais frescos em salada, fruta, arroz e batata.

Todos os aspectos analisados são importantes, pois só assim se consegue entender muitas das atitudes/dificuldades/anseios dos alunos. Com este tipo de caracterização conseguimos fazer uma boa interpretação da vida do aluno, do seu dia-a-dia, e desta forma promover um ensino que se concretize numa aprendizagem mais personalizada.

3. A Disciplina de Educação Física no Plano Curricular (do 1º ao 12º ano)

Na sequência do Despacho no 12 591/2006 (2ª série), publicado no Diário da República no 115, em 16 de Junho, a disciplina de Educação Física apresenta agora um carácter obrigatório desde o 1º Ciclo do Ensino Básico, até ao 12º ano.

Segundo os PNEF (DGEB, 2001) os objectivos desta disciplina do Ensino Básico traduzidos em princípios de organização das actividades nas aulas, baseiam-se numa concepção de participação dos alunos definida por quatro princípios fundamentais:

- ⇒ A garantia de actividade física correctamente motivada, qualitativamente adequada e em quantidade suficiente, indicada pelo tempo de prática nas situações de aprendizagem, isto é, no treino e descoberta das possibilidades de aperfeiçoamento pessoal e dos companheiros.
- ⇒ A promoção da autonomia, pela atribuição, reconhecimento e exigência de responsabilidades efectivas aos alunos, nos problemas organizativos e de tratamento das matérias que podem ser assumidos e resolvidos por eles.
- ⇒ A valorização da criatividade, pela promoção e aceitação da iniciativa dos alunos, orientando-a para a elevação da qualidade do seu empenho e dos efeitos positivos das actividades.
- ⇒ A orientação da sociabilidade no sentido de uma cooperação efectiva entre os alunos, associando-a não só à melhoria da qualidade das prestações, especialmente nas situações de competição entre equipas, mas também ao clima relacional favorável ao aperfeiçoamento pessoal e ao prazer proporcionado pelas actividades.

3.1 Composição Curricular da Educação Física

O programa de Educação Física como instrumento de orientação vem sistematizar um conjunto de benefícios e competências específicas a serem consideradas e aplicadas por todas as escolas. Assim sendo, de forma a criar-se um grau de homogeneidade nas diferentes escolas, parte do programa é comum (ou igual), e a outra parte é adoptada segundo as características locais.

Segundo os PNEF (2001), *“Os motivos que justificam a escolha deste modelo por etapas, são, fundamentalmente, as sistematizações homogéneas e coerentes entre si na sua especificação por níveis (introdução, elementar e avançado), permitindo uma maior coerência no entendimento e coordenação do trabalho entre os professores e na articulação entre escolas”*.

Os conteúdos das matérias de ensino encontram-se especificados em três níveis: tal como:

- ⇒ **Introdutório** – Habilidades, técnicas e conhecimentos de preparação de base (“fundamentos”).
- ⇒ **Elementar** – Nível onde se diferencia os conteúdos de mestria, possuindo já um carácter mais formal relativamente à modalidade da cultura física a que se referem.
- ⇒ **Avançado** – Corresponde ao nível superior dos conteúdos e formas de participação nas actividades da matéria da disciplina de Educação Física.

Para a selecção deste modelo de organização curricular e o respectivo desenvolvimento, foram considerados dois critérios de decisão:

- Exequibilidade dos programas;
- Desenvolvimento da Educação Física a partir dos programas.

O primeiro ponto diz respeito à possibilidade dos programas serem concretizados nas escolas pelos professores e respectivas turmas, e o segundo ponto, à influência dos programas na elevação da qualidade da Educação Física e na ampliação dos seus efeitos.

Desta forma, a composição curricular das matérias de Educação Física encontra-se diferenciada da seguinte forma:

Quadro 1 – Matérias do 1º Ciclo

1º CICLO			
1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO
Perícia e manipulação	Perícia e manipulação	Ginástica	Ginástica
Deslocamentos e equilíbrios	Deslocamentos e equilíbrios	Jogos	Jogos
Jogos	Jogos	Patinagem	Patinagem
Dança	Dança	Dança	Dança
Percursos na natureza	Percursos na natureza	Percursos na natureza	Percursos na natureza

Quadro 2 – Matérias do 2º Ciclo (adaptado de PNEF)

2º CICLO	
5º ANO	6º ANO
Futebol (Elementar)	Voleibol (Elementar)
Voleibol (Introdução)	Futebol (Continuação)
Jogos (Avançado)	Basquetebol (Introdução)
Ginástica ⇒ Solo (Elementar) ⇒ Aparelhos (Elementar) ⇒ Rítmica (Introdução a um aparelho)	Ginástica ⇒ Solo (Elementar) ⇒ Aparelhos (Elementar) ⇒ Rítmica (Introdução a um aparelho)
Atletismo (Introdução)	Atletismo (Elementar)
Luta (Introdução)	Luta (Continuação)
Patinagem (Elementar)	Patinagem (Continuação)
Dança (Elementar)	Dança (Continuação)

Quadro 3 – Matérias do 3º Ciclo

3º CICLO		
7º ANO	8º ANO	9º ANO
Basquetebol (Elementar)	Andebol (Introdução)	Andebol (Elementar)
Andebol (Introdução)	Futebol (Avançado)	Futebol (Avançado)
Futebol (Continuação)	Voleibol (Continuação)	Voleibol (Avançado)

Voleibol (Continuação)		Basquetebol (Continuação)		Basquetebol (Avançado)
Ginástica	Solo (Elementar)	Ginástica	Solo (Continuação)	Ginástica (Elementar e Avançado)
	Aparelhos (Elementar)		Aparelhos (Continuação)	
	Acrobática (Introdução)		Acrobática (Introdução)	
Atletismo (Elementar)		Atletismo (Elementar e Avançado)		Atletismo (Avançado)
Patinagem (Elementar)				Badminton (Elementar)
Badminton (Introdução)		Badminton (Elementar)		Jogos Tradicionais
Orientação (Introdução)		Dança (Elementar)		Dança (Continuação)
Dança (Elementar)				

Quadro 4 – Matérias do ensino secundário

ENSINO SECUNDÁRIO	
10º ANO	11º ANO/ 12º ANO
Andebol	Jogos Desportivos Colectivos (JDC)
Futebol	
Voleibol	Atletismo
Basquetebol	
Ginástica	Ginástica
Atletismo	
Badminton	Dança
Jogos Tradicionais	
Patinagem	Outras
Dança	

Quadro 5 – Matérias alternativas

MATÉRIAS ALTERNATIVAS
2º e 3º CICLOS e ENSINO SECUNDÁRIO
Campismo/ Pioneirismo, Canoagem, Ciclocrosse, Ciclo turismo, Corfebol, Corridas em Patins, Danças Sociais, Danças Tradicionais Portuguesas, Aeróbica, Golfe, Hóquei em Campo, Jogo do Pau Português, Judo, Montanhismo/Escalada, Natação, Prancha à Vela, Râguebi, Softball / Baseball, Ténis de Mesa, Tiro com Arco, Vela, etc.

É a partir do 1.º ciclo que se estabelece a formação das competências fundamentais em cada área da Educação Física, quer através de formas tipicamente infantis como as actividades lúdicas e expressivas, quer através de práticas que favoreçam não só o desenvolvimento nos domínios social e moral, mas que também preparem as crianças para as actividades físicas características das etapas seguintes (através dos “jogos pré-desportivos”). Podemos verificar que, na primeira metade do 1º ciclo, as actividades ligadas à perícia, manipulação, deslocamentos e equilíbrios, assumem particular destaque. Na segunda metade do ciclo, o maior peso centra-se na Ginástica e nos jogos de pequena organização (pré-desportivos); é introduzida a Patinagem e a abordagem à Dança é incrementada. Estão presentes também ao longo de todo ciclo os Percursos na Natureza como actividades de exploração da natureza.

Já no 2º e 3º ciclo, inicia-se a construção do tronco fundamental da disciplina de Educação Física, que tem por base a oferta de um leque alargado de diferentes actividades físico-desportivas. Inicia-se aqui a abordagem aos Jogos Desportivos Colectivos. Deste ciclo de ensino perspectiva-se que evolua do nível introdutório até ao nível avançado, com excepção do Andebol, que não ultrapassará o nível elementar. O mesmo acontece em relação aos Jogos de Raquetes, à Ginástica Acrobática, à Patinagem e à Dança. O 2º Ciclo introduz as disciplinas do Atletismo bem como as actividades relacionadas com a Luta. A Orientação será introduzida apenas no 3º Ciclo, sendo que no 2º, as actividades de Exploração da Natureza se relacionam ainda com os Percursos na Natureza, pelo que poderiam ser introduzidas simultaneamente. A Dança é um conteúdo presente em todos os anos, assumindo maior relevância à medida que se vai avançando no ano de escolaridade. Os Jogos Tradicionais deverão ser abordados no 9º ano de acordo com o programa próprio de cada escola. As modalidades desportivas alternativas estarão presentes ao longo do 2º e 3º Ciclo, e serão alvo de abordagem contextual, de acordo com a realidade específica de cada escola.

Ao entrar no secundário, o objectivo principal passa pelo aperfeiçoamento e consolidação das aprendizagens nas matérias onde os alunos evidenciarem maior dificuldade, não esquecendo contudo, a elevação da aptidão física e o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno. O 10º ano sendo um ano de transição, assume um carácter mais de revisão e recuperação dos conteúdos até aí abordados, onde as novas aprendizagens não têm carácter essencial, não significando porém, que as matérias alternativas não possam ser abordadas.

Considera-se, que o mais importante, é consolidar e eventualmente completar a formação diversificada do ensino básico, facilitando assim a adaptação à mudança característica deste ano.

No 11º e 12º ano, é dada a possibilidade dos alunos escolherem duas modalidades desportivas colectivas, uma das sub-modalidades da Ginástica, uma respeitante ao Atletismo, outra ligada à Dança e, ainda, uma de entre as relacionadas com os Jogos Tradicionais e as Actividades de Exploração da Natureza.

Importa ainda referir, que as matérias não se encontram organizadas ao acaso, mas sim, por alguns princípios que passamos a citar:

O **Futebol** como desporto rei em Portugal, introduz-se desde cedo, pois as regras e as características técnicas são já conhecidas dos alunos e para a qual estes apresentam na generalidade maior aptidão. Por outro lado, é um jogo desportivo que permite a dissociação motora dos apoios, é um jogo de deslocamento concomitante com o domínio da bola, constituindo uma mais-valia na formação da plasticidade e na realização de acções complexas.

A introdução do **Voleibol**, é pela exigência do próprio jogo, que apresenta características formais e técnicas bastante específicas, apresentando um grande potencial de desenvolvimento global, pela constante procura do posicionamento adequado às trajectórias da bola, pelo próprio deslocamento sem controlo visual do solo, e ainda pela exigência de repulsão da bola característica desta modalidade.

Em referência ao descrito anteriormente, os “**jogos pré-desportivos**” constituem a base de aptidão individual necessária a uma prática do jogo formal, vocacionada para o aperfeiçoamento das actividades de equipa. Sendo o **Andebol** e o **Basquetebol** modalidades em que se manipula, agarra e dribla a bola, preconizam também uma base de acções adequadas aos últimos anos do 1º ciclo e ao 5º ano.

A **Ginástica** é uma modalidade que pela sua diversidade consegue abranger todo o currículo da Educação Física. Apresenta uma carga mais significativa do 3º ao 8º ano, por se tratar do período favorável (em termos de desenvolvimento motor e características morfológicas), para aceder a um nível elevado de desempenho e de aprendizagem das habilidades mais complexas nesta área.

Já o **Atletismo** por ser uma modalidade com características das suas habilidades fechadas, e das suas performances “provas”, dependentes de níveis de desenvolvimento das capacidades físicas condicionais, é por esse motivo que se lhe atribui maior carga horária, quando essas formas revelam maior interesse, nomeadamente face às características de desenvolvimento físico.

A **Patinagem** como modalidade com um padrão motor próprio (patinar), é introduzida logo no 1º ano na área de “deslocamentos e equilíbrios”, pois, nessa altura, os comportamentos são facilmente assimilados, aumentando assim o reportório motor da criança e conseqüentemente, contribuindo para o seu desenvolvimento global como indivíduo.

As **actividades de Ar Livre** com objectivos de Orientação, estão presentes no 7.º ano, baseando-se em experiências prévias de familiarização com a floresta, o campo, a praia, etc... O ideal será realizar este tipo de actividades em locais onde todos os sentidos possam estar despertos, aproximando os alunos da natureza, cativando-os para o respeito da mesma e alertando-os para as questões ecológicas do planeta.

A **Luta** aparece no 5.º e 6.º ano como seguimento dos jogos de oposição, desenvolvendo atitudes, organização e aptidão técnico-táctica, de acordo com as características do desenvolvimento motor, social e emocional da criança nesta etapa.

A admissão de **Jogos de Raquetas** (Badmington e outras), justifica-se pelas mesmas razões que a Luta, e por conceder uma variedade de jogos e experiências “pré-desportivas”.

A **Dança** tal como a Ginástica está prevista para todos os anos do ensino, pois é uma actividade que contribui em larga escala para o desenvolvimento global do aluno. A intervenção orientada no âmbito das actividades rítmicas expressivas no 1º ciclo permitirá que as aquisições se possam repercutir noutras dimensões da aprendizagem, contribuindo para um desenvolvimento mais harmonioso do aluno, permitindo o conhecimento e o desenvolvimento da sua expressão corporal. Assim, a Dança abarca um conjunto de actividades que vão desde as percepções rítmicas às coordenações e elaborações expressivas e criativas da própria dança.

4. Planificação do Ensino e Aprendizagem

Toda a planificação elaborada teve como base a concepção curricular vigente para o 3º Ciclo e Ensino Secundário, prevista nos PNEF, aprovados pelo Despacho nº 124/ME/91, de 31 de Julho (publicado no Diário da República, 2ª série, nº 188, de 17 de Agosto) e reformulados em 2001.

A planificação e os pensamentos e decisões interactivas são as categorias que mais interesses têm vindo a despertar aos investigadores do ensino que se baseiam nos princípios teóricos e metodológicos do paradigma dos processos de pensamento do professor. As decisões de planeamento ocupam um lugar destacado no ensino, nas suas actividades. Sendo que, quando o docente planifica, essa acção é tida como a parte inicial da sua acção pedagógica em relação aos seus alunos. Para Graça (2001), o planeamento do ensino consiste em reproduzir cenários próximos da realidade, tornando-se rotinas, consolidadas ao longo dos anos de experiência docente.

A acção de planear tem sido entendida, por um lado, como um processo psicológico em que se figura o futuro, se inventariam os fins e os meios inerentes ao conhecimento pedagógico e se constrói um quadro condutor da acção futura (Clark & Peterson, 1986).

Planificar não é só estruturar, definir, escrever e elaborar. Os métodos de ensino estão em constante desenvolvimento e actualização. *“O professor deverá desenhar em traços gerais o plano de trabalho com a turma, cuja operacionalização ocorrerá posteriormente e de forma adequada a cada turma, baseando-se nas conclusões da avaliação inicial e nas opções que daí advêm.”* In, *Programas Nacionais de Educação Física*.

Assim sendo, o processo de planeamento seguido, foi um processo de formulação e reformulação continua, no qual registámos todas as informações retiradas aula a aula, procurando com esse registo melhorar o processo de aprendizagem dos alunos. A planificação das aulas foi realizada com base nas características individuais dos alunos, das matérias e nos níveis de ensino dos mesmos.

Após a observação das prestações dos alunos das turmas do 7º e 11º anos nas diferentes matérias, durante a 1ª Etapa (Avaliação Inicial), pudemos formar grupos de nível, de acordo com as capacidades de cada um, no sentido de facilitar o planeamento do processo de ensino e aprendizagem das várias matérias, durante a programação e leccionação das aulas de acordo com as unidades de ensino. Estes grupos foram tidos em consideração aquando da preparação das aulas de cada matéria, assim como, no planeamento das etapas, referente a cada matéria, porque as competências/objectivos intermédios e finais definidos para os grupos definidos, considerando os alunos como seres individuais com características próprias e ritmos de desenvolvimento e aprendizagem diferentes, foram distintos. Pois só assim pudemos no final aferir concretamente qual a evolução dos alunos da turma.

É através do planeamento que o professor organiza e desenvolve todo o seu trabalho, nele espelha um conjunto de valores, crenças, e concepções do ensino. O acto de planear surge assim como uma actividade intencional, onde o professor demonstra a sua intenção em alcançar/determinar fins (Moretto, 2007).

4.1 Plano Anual de Turma

“O princípio da especificidade do plano de turma representa uma opção em que o professor selecciona e aplica processos distintos para que todos os alunos realizem as competências prioritárias das matérias, consoante as suas possibilidades pessoais.” In, Programas Nacionais de Educação Física.

Um dos primeiros passos, aquando da preparação do nosso planeamento, foi fazer a análise do calendário lectivo 2010/2011, com a finalidade de verificarmos a extensão dos períodos lectivos e os momentos das suas interrupções, no sentido de contabilizar o número de aulas previstas. Seguidamente, a nossa opção foi dividir o PAT em quatro etapas, de acordo com os princípios deste tipo de planeamento, ficando estas repartidas ao longo do ano lectivo.

Posteriormente, procedemos à definição das prioridades para cada matéria, de acordo com o estabelecido na Avaliação Inicial. Distribuámos o número total de aulas definidas para as diferentes

etapas, pelo tipo de matérias (mais ou menos prioritárias), tentando sempre que as mais prioritárias tivessem direito a um maior número de sessões que as restantes, hierarquizando-as, no sentido de promover a aquisição e evolução das aprendizagens dos alunos. No entanto, esta distribuição nem sempre foi possível realizar de forma coerente, devido à obrigatoriedade de termos de respeitar a rotação pelos espaços de aula (Mapa de Espaços) e haver matérias, como foi o caso da Ginástica de Solo e Aparelhos e algumas disciplinas do Atletismo, que só se podiam realizar em determinados espaços, nomeadamente o pavilhão e o campo de terra batida.

Na elaboração do plano anual da turma e nas tarefas que lhe são associadas, o critério principal de selecção e operacionalização dos objectivos e das actividades formativas é o aperfeiçoamento efectivo dos alunos. Trata-se de formular as prioridades de desenvolvimento identificadas pela Avaliação Formativa (Inicial e Contínua).

O projecto de Educação Física de cada turma seguiu as opções estratégicas que permitiram aos alunos aprendizagens e competências necessárias à participação nas actividades do plano anual, actividades Inter-Escolas e de Desporto Escolar.

Tal como é mencionado nos PNEF, os planos anuais de turma foram elaborados com base e de acordo com essas directrizes. Os mesmos foram estruturados de acordo com as competências específicas, gerais e por fim comuns. Sendo consideradas as seguintes áreas: Actividades Físicas, Aptidão Física e Conhecimentos.

Ser professor não é conhecer o conteúdo é ter o conhecimento pedagógico do conteúdo, ou seja é possuir um conjunto de conhecimentos processuais que permitem ao professor adaptar o conhecimento declarativo ao nível de compreensão e desenvolvimento dos alunos Shulman, (1986).

O objecto da primeira etapa de trabalho desenvolvido com as turmas, no começo do ano lectivo, foi a Avaliação Inicial, cujo propósito fundamental consistiu em determinar as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias do respectivo ano de curso, procedendo simultaneamente à revisão/actualização dos resultados obtidos no ano anterior.

Para poder assumir as decisões de orientação e organização mais acertadas, procurámos, no contexto da aula de Educação Física (em que o ensino e a aprendizagem, o desafio e a superação são uma constante) e num período relativamente alargado (4 ou 5 semanas), aperceber-nos da forma como os alunos aprendiam, do modo como se situam em relação ao programa previsto para o respectivo ano de escolaridade, e das suas possibilidades de desenvolvimento.

Ao mesmo tempo, confrontámos os alunos com o programa do respectivo ano de escolaridade (com os ajustamentos introduzidos pelo Departamento de Educação Física), em todas as áreas da extensão da Educação Física, rever aprendizagens anteriores, consolidar outras, relembrar e/ou criar rotinas de aula. Factores que levam à construção de um clima de aula favorável à aprendizagem.

Foi também um período importante para melhorar a condição física dos alunos, particularmente por se seguir a um período de férias prolongado.

O PAT definido para o 7º ano foi baseado em todas as directrizes recolhidas após a Avaliação Inicial e sua análise dos dados. O documento foi elaborado com base nas oito matérias, sendo que delas fazem parte quatro Jogos Desportivos Colectivos (Voleibol, Basquetebol, Andebol, Futebol), Ginástica de Solo e Aparelhos, Atletismo, Badminton e o Fitnessgram. Os dados destes testes não entraram para a definição de prioridades. Critérios definidos pelo Grupo de Educação Física da escola.

Após análise de todos os dados recolhidos durante a etapa da AVI, por matéria, através do quadro geral, e de modo a facilitar o futuro planeamento anual, resolvemos ordenar as matérias tendo em conta o nível global evidenciado pelos alunos.

A organização das matérias derivou fundamentalmente das que foram identificadas como prioritárias, material e estruturas disponíveis, bem como do sistema de rotação de espaços pré-definido pelo grupo de Educação Física. Para que no fim de todo o processo ensino e aprendizagem se possam registar melhorias nas capacidades motoras dos alunos, garantindo assim uma formação completa, e sustentada aos mesmos. Esta escolha das matérias prioritárias e não prioritárias foi feita com base nos PNEF, no nível da escola e também com base naquele que é o nível da turma, e que permite uma escolha mais acertada a este respeito, para que se possam atingir os objectivos referidos de forma satisfatória.

A organização do PAT, foi vasta e abrangente, sendo mais específico tendo em conta o planeamento das etapas e respectivas unidades de ensino. Com o mesmo, tivemos como principal finalidade calendarizar ao longo do ano lectivo as actividades de cada matéria, seleccionar objectivos a atingir, definir prioridades de desenvolvimento e estabelecer metas para cada etapa.

No quadro (**Anexo 1**), podemos ter uma visão geral do PAT do 7º ano do ensino básico, definido de acordo com os seguintes aspectos: Períodos lectivos, etapas do plano, unidades de ensino por etapa, numero de semanas e numero de aulas por UE, espaços disponíveis, matérias abordadas e

objectivos definidos. Com o mesmo, pretendemos fornecer um panorama de como organizámos o ano lectivo da turma do 7º ano, em que a base foi o modelo de ensino por etapas.

Apresentamos também (**Anexo 8**), o quadro referente ao plano de etapas, definido para o 7º ano, no qual podemos visualizar o numero de aulas que foram leccionadas nas diferentes etapas do ano, os espaços disponíveis e as matérias do PNEF, consideradas nucleares em cada aula, para os níveis que nos propusemos a alcançar.

Relativamente ao PAT definido para o 11º ano foi igualmente baseado em todas as directrizes recolhidas após a elaboração da Avaliação Inicial e respectiva análise dos dados.

O plano de turma foi elaborado com base em dois critérios: nas oito matérias diagnosticadas da Avaliação Inicial e na escolha elaborada pelos alunos, após preenchimento de um questionário onde lhes era solicitado que mencionassem as matérias que mais gostavam e aquelas onde queriam ser avaliados. De salientar, que este processo se desenrolou desta forma segundo o que está definido nos PNEF para os 11º e 12º anos. Sendo que delas fazem parte quatro Jogos Desportivos Colectivos, Ginástica de Solo e Aparelhos, Atletismo, Badmington e o Fitnessgram (os dados não entraram para a definição de prioridades). Critérios definidos pelo Departamento de Educação Física da escola. A organização das matérias depende fundamentalmente das matérias identificadas como prioritárias, material e estruturas disponíveis, bem como do sistema de rotação de espaços.

Na definição de matérias prioritárias e não prioritárias, tivemos em conta neste ano de escolaridade a vontade/preferência dos alunos sobre a leccionação de algumas matérias. Para aferir sobre as preferências dos alunos fez-se uma recolha de informação (**Anexo 3**) sobre as modalidades preferidas da turma de forma a adaptar o essencial tendo em conta a Avaliação Inicial da turma.

Depois de se apurar as preferências da turma, cabe antes de ser apresentado o PAT (**Anexo 4**), perceber que o mesmo deverá ser principalmente influenciado pelas matérias que os alunos são mais fortes ou mais fracos, tendo em conta a Avaliação Inicial e os dados recolhidos da mesma.

Após a observação das prestações dos alunos nas diferentes matérias, durante a 1ª etapa AVI, pudemos formar grupos de nível, de acordo com as capacidades de cada um, no sentido de facilitar o planeamento do processo de ensino e aprendizagem das várias matérias. Os mesmos, foram reajustados ao longo das restantes etapas (2ª, 3ª e 4ª), e durante a programação e leccionação das aulas de acordo com as unidades de ensino.

Os grupos definidos, foram tidos em consideração aquando da preparação das aulas de cada matéria, assim como, no planeamento das etapas, referente a cada matéria, pois as competências/objectivos intermédios e finais definidos para cada um destes grupos, considerando os alunos como seres individuais com características próprias e ritmos de desenvolvimento e aprendizagem diferentes, eram distintos e só assim pudemos no final aferir concretamente qual a evolução dos alunos da turma.

Esta forma de trabalhar permitiu que os alunos durante o ano pudessem aprender mais sobre aquilo que sabem menos, tentando que os mesmos cheguem a um patamar satisfatório em matérias que tenham mais dificuldades.

Posteriormente procedemos à definição das prioridades para cada matéria, de acordo com o estabelecido na AVI e distribuímos o número total de aulas definidas para as diferentes etapas **(Anexo 9)**, pelo tipo de matérias (mais ou menos prioritárias) **(Anexo 17)**, tentando sempre que as mais prioritárias tivessem direito a um maior número de sessões que as restantes, hierarquizando-as, no sentido de promover a aquisição e evolução das aprendizagens dos alunos.

A hierarquização das matérias como muito prioritárias, prioritárias, menos prioritárias ou não prioritárias, foi feita de acordo com os resultados da Avaliação Inicial, sendo consideradas muito prioritárias, aquelas em que os resultados dos alunos da turma se afastavam mais do nível desejado de acordo com o PNEF, e menos ou não prioritárias as que mais se aproximavam do nível referido no PNEF para o 11º ano.

4.2 Planeamento e Procedimentos das Etapas

Tal como recomendado pelos PNEF, na ESAG utilizámos o modelo por etapas. Este modelo prevê a organização geral do ano lectivo em etapas, ou seja, em períodos mais reduzidos de tempo que facilitem a orientação e regulação do processo ensino aprendizagem (Bom, et al., 2001).

Bom (2010), afirma que as decisões dos professores em Portugal são baseadas nas suas crenças, acrescentando contudo que estas crenças são reforçadas com a organização escolar, sendo elas o departamento de EF e a “natureza tradicional” que a escola apresenta.

A metodologia de ensino é uma área que está em constante evolução. Como tal, dentro dos modelos de planeamento vigentes, o modelo adoptado foi o modelo por etapas, pois segundo Rosado (s/d), os programas foram elaborados na perspectiva da sua aplicação não ser uma

simples sequência de acções de cada matéria, em blocos sucessivos, concentrando em cada bloco a abordagem de cada matéria (modalidade).

O modelo por etapas pressupõe um período ou fase do ano durante o qual se procura alcançar determinados objectivos, exigindo uma defesa de espaços polivalentes e da prioridade do plano de turma, com uma maior distribuição temporal dos conteúdos. Este modelo caracteriza-se por estar assente em aprendizagens no domínio motor (técnicas e táticas) tendencialmente distribuídas no tempo, tão necessário para as aquisições fundamentais, a consolidar e a reter de forma relativamente permanente. (Rosado, s/d).

O modelo de planeamento por etapas não foi implementado há muito tempo mas é uma referência bastante positiva dos PNEF adequando-se muito mais ao nível dos alunos. Neste modelo de planeamento pretende-se alcançar determinados objectivos ao fim de um período de tempo, objectivos esses baseados no nível de cada aluno e no nível geral da turma.

Em cada etapa desenvolvida existe uma interdependência onde a primeira é pré-requisito da segunda, a segunda da terceira e assim sucessivamente. Os objectivos deste tipo de planeamento são delineados anualmente, depois de se realizar a Avaliação Inicial dos alunos, pois adapta-se a aprendizagens que necessitam de uma distribuição temporal, possibilitando uma aprendizagem gradual e duradoura.

O mesmo tem características muito próprias:

- 1) A Avaliação Inicial recai sobre todas as matérias no início do ano lectivo;
- 2) A duração de cada etapa é imprevisível;
- 3) O planeamento é traçado após a Avaliação Inicial;
- 4) As aulas são de difícil controlo pois são poli temáticas na maioria dos casos;
- 5) Cada etapa é constituída por três Unidades de Ensino;
- 6) As Unidades de Ensino são conjuntos de aulas semelhantes com a mesma função didáctica e/ou conteúdos;
- 7) A periodização da actividade resulta da interpretação que o professor faz dos seus alunos;
- 8) Este método contempla a indispensável diferenciação do tempo e das situações de aprendizagem em função das aptidões dos alunos;
- 9) Distribuição dos conteúdos: maior distribuição temporal exigindo defesa de espaços polivalentes e da prioridade do plano de turma;
- 10) Hierarquização de objectivos e objectivos prioritários bem definidos;
- 11) Períodos de tempo que facilitam a orientação e regulação do processo ensino e aprendizagem;

12) Podem assumir diferentes características ao longo do ano lectivo, consoante a aprendizagem dos alunos e as intenções do professor;

13) Este método de planeamento tem em consideração o calendário escolar (pausas lectivas), características das instalações disponíveis e condições climatéricas para aproveitamento dos espaços exteriores.

O modelo por etapas define-se então por se basear num período de Avaliação Inicial sobre todas as matérias, na definição de objectivos anuais perseguidos ao longo das etapas, utilizando, frequentemente, aulas poli temáticas e conseguindo, na perspectiva dos seus utilizadores, uma maior distribuição das aprendizagens no tempo e facilitando, entre outros aspectos, a inclusividade e a diferenciação do ensino e diversos outros aspectos essenciais à concretização dos objectivos da Educação Física. Assentando numa estrutura: Programação, Avaliação Formativa, Avaliação Sumativa e Classificação, Referência Dominante, Meios de Motivação.

Os níveis considerados no modelo de planeamento por etapas são, segundo Rosado (s/d), os seguintes:

- ✚ Plano Plurianual
- ✚ Plano Anual de Turma
- ✚ Plano de Etapa
- ✚ Plano de Unidade de Ensino
- ✚ Plano de Aula

Contudo, na PES apenas considerámos o plano anual, o plano de etapa, plano de unidade de ensino e o plano de aula. O plano anual é constituído pelas seguintes etapas: **1ª** Avaliação Inicial, **2ª** Aprendizagem/Desenvolvimento, **3ª** Desenvolvimento/Aplicação e **4ª** Aplicação/Consolidação.

1ª Etapa – Avaliação Inicial

O processo de avaliação, nas suas vertentes diagnóstica e prognóstica, assume particular importância no processo de ensino e aprendizagem, pelo facto de constituir um instrumento de extrema utilidade na aferição dos diferentes níveis de prática e no conhecimento específico de cada aluno.

Em todos os processos iniciais, é fundamental formalizar decisões e compromissos, de modo a estabelecer uma metodologia de trabalho concordante, e um bom suporte teórico que permita a adequação de oportunidades de desenvolvimento a todos os alunos.

A Avaliação Inicial é a primeira etapa do PAT e surge com o objectivo de orientar todo o processo de ensino e aprendizagem. No início do ano lectivo somos confrontados com a necessidade de orientar o processo de ensino e aprendizagem, de escolher e definir os objectivos que vamos perseguir, isto é, de saber qual a direcção a imprimir ao percurso de desenvolvimento dos alunos. Desta forma, a Avaliação Inicial surge como o momento, em que o professor entra pela primeira vez em contacto com os alunos e, como qualquer etapa, tem vários objectivos. De referir alguns:

- ✚ Ensinar e aprender ou consolidar rotinas de organização, situações organizativas típicas da Educação Física, normas de funcionamento, etc;
- ✚ Apresentar as matérias a leccionar durante o ano aos alunos;
- ✚ Identificar as aptidões dos alunos em cada matéria;
- ✚ Identificar os “alunos-expert” e os “alunos-problema” da E.F. em cada uma das matérias;
- ✚ Recolher informações que permitam elaborar o Plano de Turma;
- ✚ Recolher informações para definir prioridades de desenvolvimento para a primeira etapa, no que respeita aos objectivos;
- ✚ Avaliar o nível dos alunos e as suas possibilidades de desenvolvimento no conjunto das matérias da E.F. e, se possível, no domínio dos conhecimentos que se considere necessário e fundamental;
- ✚ Definir o grau de exigência para cada matéria;
- ✚ Definir as matérias prioritárias de intervenção pedagógica;
- ✚ Criar um bom clima de aula e um estilo próprio de aula (isto irá otimizar o tempo útil de aula para as aprendizagens);
- ✚ Recolher informações para orientar a formação de grupos dentro da turma, caso a heterogeneidade o justifique;
- ✚ Obter informações para em grupo, elaborar ou reformular o plano plurianual, estabelecendo metas por ano e definindo objectivos mínimos.

A concretização desta etapa possibilita um eficiente prognóstico com validade e discriminação dos níveis de exigência e também, inserir a etapa seguinte na estratégia definida para o ano lectivo.

A Avaliação Inicial tem um papel preponderante no modelo de planeamento por etapas, uma vez que possibilita a programação anual assente em dados assertivos relativamente à turma. Dada a importância desta avaliação, não é por acaso, que habitualmente, a 1ª etapa seja construída a pensar nesta acção com a utilização de exercícios - critério que permitam identificar os níveis em que se encontram os alunos no programa de Educação Física.

A Avaliação Inicial orienta assim todo o processo de ensino e aprendizagem durante o ano lectivo, dando ao professor a oportunidade de formar grupos por nível de competências, definindo as bases

de diferenciação do ensino e ajudando a decidir assim, quais os objectivos anuais, quais as prioridades formativas, quais os objectivos prioritários e quais os objectivos secundários.

Como tal, a Avaliação Inicial desenvolvida nas nossas turmas, foi feita com base numa estrutura orientadora que já vigorava na escola em anos anteriores. Nomeadamente, um Protocolo de Avaliação (**Anexo 13**), criado pelo Departamento de Educação Física da Escola Secundária André de Gouveia, elaborado à luz dos Níveis (Introdução, Elementar e Avançado) de cada modalidade, contemplados nos Programas Nacionais de Educação Física, adaptados à realidade prática e cultural da escola.

Em relação aos níveis de avaliação contemplados nos programas de Educação Física; Introdutório (I); Elementar (E) e Avançado (A), de referir que foram feitas pequenas alterações que julgamos pertinentes para o registo da Avaliação Inicial das turmas que leccionamos durante este ano lectivo:

- Não Introdutório (NI) quando tenta realizar a tarefa mas não consegue ou realiza a tarefa com muitas incorrecções;
- Nível Introdutório (I) quando realiza a tarefa de forma simplificada revelando ser capaz de executar correctamente os fundamentos da habilidade;
- Nível Introdutório Mais (I+) quando realiza correctamente os fundamentos da habilidade indo além do nível introdutório, mas ainda sem conseguir chegar ao domínio pleno da tarefa. Este nível equivale a “Parte do Elementar”.
- Nível Elementar (E) quando realiza a tarefa com correcção, dominando a habilidade nos seus elementos principais e já com carácter mais formal, relativamente aos modelos de prática e organização da actividade;
- Nível Avançado (A) quando o resultado do desempenho da tarefa é considerado evoluído. Corresponde ao nível superior de execução da habilidade.

Segundo o protocolo de Avaliação Inicial do Departamento de Educação Física, (**Anexo 13**), as matérias avaliadas foram: Jogos Desportivos Colectivos (Futebol, Voleibol, Basquetebol e Andebol), Desportos Gímnicos (Ginástica de Aparelhos e Solo), Atletismo (Saltos, Corridas e Lançamentos), Desportos de Raquete (Badminton) e Aptidão Física (Fitnessgram).

A Avaliação Inicial implementada (**Anexo 2**) era composta por um conjunto de exercícios-critério e jogos reduzidos, com um carácter mais formal, onde a execução dos diferentes alunos foi avaliada. Desta forma, e após a identificação das principais dificuldades e necessidades dos alunos, ficámos com uma base de dados sobre a qual construímos o planeamento (identificação das possibilidades de desenvolvimento dos alunos; estabelecimento de objectivos exigentes, mas alcançáveis; definição de estratégias e metodologias) das restantes etapas do ano lectivo.

A Avaliação Inicial feita às nossas turmas, adoptou a seguinte metodologia: os alunos tinham o exercício critério / jogo no qual executavam a tarefa. Esta avaliação começou por ser efectuada pelo professor titular da turma, passando posteriormente a ser concretizada pelo (s) professore (s) estagiário (s), sendo sempre realizada sob a orientação e supervisão do referido professor. A Avaliação Inicial foi realizada ao longo de cinco semanas. As matérias foram avaliadas de acordo com o espaço disponível, em consonância com o “roulement” do grupo de EF.

A Avaliação Inicial permitiu-nos ir ao encontro de duas grandes metas do Programa Nacional de Educação Física, cuja presença é desejável e necessária numa aula de Educação Física de “qualidade”: a *inclusividade* e a *diferenciação* do ensino. O que se pretende, em última instância, é providenciar uma oferta de actividade adequada a cada um dos alunos (de acordo com os seus interesses, possibilidades e limitações), tomando por referência os objectivos programáticos do ano e ciclo respectivos.

2ª Etapa – Aprendizagem/Desenvolvimento

Após a realização de todas as avaliações iniciais, analisam-se os dados obtidos e inicia-se a etapa seguinte, na qual pretendemos, que os alunos adquiram novas aprendizagens das matérias incluídas no Plano Curricular do Grupo de Educação Física da Escola para o ano de escolaridade em causa, transmitir conhecimentos sobre a Educação Física, permitir a evolução nas várias matérias e ainda proporcionar uma melhoria da sua Condição Física através das aulas.

Nesta etapa, cuja função didáctica é a aprendizagem e desenvolvimento, pretendemos essencialmente que os alunos, de acordo com o seu nível de competência, atinjam os objectivos (intermédios) definidos na etapa, de forma a se apropriarem de pré-requisitos que lhes permitam evoluir para competências superiores na etapa seguinte.

Relativamente às nossas turmas, durante a 2ª etapa pretendeu-se que os alunos atingissem determinadas competências, em todas as matérias, de acordo com o seu nível de desempenho, as quais foram estipuladas à partida. O planeamento das aulas decorreu na tentativa de levar os alunos da turma a aprender e desenvolver as habilidades motoras que cada matéria abrange, através da abordagem dos seus conteúdos.

No final desta 2ª etapa, fizemos um balanço da mesma, a fim de comparar os resultados obtidos com os níveis verificados na Avaliação Inicial, isto é, pretendeu-se fazer uma comparação relativamente aos objectivos estabelecidos inicialmente e os depois alcançados.

3ª Etapa – Desenvolvimento/Aplicação

Esta etapa serve sobretudo para o desenvolvimento e aplicação dos conhecimentos trabalhados na etapa anterior, em situações mais próximas com a realidade da modalidade em si. Os alunos poderão aplicar as suas aprendizagens em situações de jogo e/ou outras nas matérias individuais, uma vez que até aqui serão trabalhadas situações de carácter mais fechado e analítico. Ou seja há promoção de experiências de maior autonomia e iniciativa pessoal dos alunos.

Esta etapa surgiu após análise e balanço da 2ª etapa, onde foram definidas aquelas que seriam as matérias que necessitariam de mais atenção de acordo com as definidas como prioritárias no Plano Anual de Turma. Assim, durante a 3ª etapa pretendeu-se que os alunos desenvolvessem determinadas competências, das matérias em causa, de acordo com o seu nível de desempenho, estipulados desde a Avaliação Inicial. O planeamento das aulas foi feito com a intenção de levar os alunos a desenvolver e aplicar as habilidades motoras inerentes a cada matéria, através da abordagem dos respectivos conteúdos.

No final desta etapa, fizemos um balanço da mesma elaborando uma reflexão sobre o nível em que os alunos estavam. Permitiu-nos comparar os resultados obtidos com os níveis verificados na etapa anterior. Apurando se os objectivos estabelecidos inicialmente foram ou não alcançados, e se foi feita a devida adequação.

4ª Etapa – Aplicação/Consolidação

Esta última etapa aplica-se sobretudo para a consolidação e revisão de todas as matérias leccionadas. Os alunos deverão conseguir aplicar no jogo e em exercícios critério, aquilo que aprenderam durante todo o ano lectivo. A comparação entre a primeira etapa e esta última etapa permite-nos com alguma segurança identificar a evolução das aprendizagens dos alunos da turma ao longo do ano lectivo, nas diferentes matérias. É nesta etapa que conseguimos identificar/constatar o que os alunos progrediram ao longo de todo o ano lectivo e perceber se as opções metodológicas que adoptámos foram adequadas.

A 4ª etapa teve como função didáctica “Aplicação e Consolidação” das competências, referentes às matérias abordadas, assim como, a aplicação e análise dos testes de Aptidão Física, através da Bateria de Testes de Fitnessgram a fim de se verificar se houve melhoria da Aptidão Física dos alunos ao longo das aulas. A aquisição de conhecimentos, também foi considerada através da aplicação de um teste escrito.

Durante a 4ª etapa, apesar de ter sido uma etapa de curta duração, pretendeu-se que os alunos aplicassem as competências das matérias em causa, de acordo com o seu nível de desempenho.

O planeamento das aulas foi feito com a intenção de levar os alunos a aplicar e se possível consolidar, as habilidades motoras inerentes a cada matéria, através da abordagem dos respectivos conteúdos.

Segundo (Bom et al., 2001), a 4ª etapa é a de mais curta duração do modelo de planeamento por etapas. É aquela onde essencialmente deverá ser proporcionado aos alunos com dificuldades significativas, uma fase de revisão, aplicação e consolidação das competências já assimiladas pelos mesmos, nas etapas anteriores, procurando-se tirar partido das adaptações e aperfeiçoamentos, entretanto reveladas pelos alunos.

Assim, e com base no referido pelo autor, não pretendemos observar uma grande evolução, mas sim a capacidade dos alunos para aplicar as competências já adquiridas.

Além das matérias referidas, tivemos oportunidade de aplicar os testes de Aptidão Física, da bateria de Testes de Fitnessgram, os quais foram realizados nas aulas.

A aplicação destes testes foi considerada na Avaliação Inicial dos alunos, através da aplicação da referida bateria. Nesta etapa, fez-se a sua segunda aplicação para podermos verificar se tinha havido melhorias nos nossos alunos, em termos de Aptidão Física, ao longo das várias etapas. Na nossa perspectiva, julgamos que esta matéria (Bateria de Testes de Fitnessgram) deveria ser abordada no final de cada período lectivo. Só assim os dados retirados, poderão ser significativos para que os alunos possam ter indicadores elucidativos da sua Aptidão Física.

4.3 Condução do Ensino

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”
(Paulo Freire)

Tardif (2000), refere que se quisermos formar professores, teremos que os por em situações reais de ensino, face a classes reais, vivendo experiências reais. Este autor diz ainda que no ensino há que “saber fazer”, e não simplesmente “saber dizer como se faz”, a prática docente assume um papel decisivo na formação dos professores, *“Aprende-se a fazer, fazendo”*.

A condução do ensino é um elemento chave na eficácia do ensino das actividades físicas e desportivas. Obter um empenhamento motor elevado dos alunos nas tarefas que lhes são propostas, exigiu uma planificação cuidada, um controlo permanente da actividade e vários ciclos de feedback aos alunos.

O facto de já termos alguma experiência de ensino, facilitou-nos a leccionação das turmas. Atrevemo-nos mesmo a afirmar que as turmas foram melhorando o seu empenho e motivação ao longo do ano, devido à boa qualidade de condução das aulas.

Segundo os PNEF (DGEB, 2001 p.23) *“O professor deverá explicitar os objectivos aos seus alunos, “negociando” com eles, níveis de desempenho para determinados prazos, na interpretação prática das competências prioritárias. É imprescindível que os alunos conheçam aquilo que se espera deles, os objectivos que perseguem, bem como a distância a que se encontram da sua concretização.”*

Foi com este intuito que considerámos todo o processo como fundamental, desde a AVI, até à 2ª, 3ª e 4ª etapa, para de uma forma geral, podermos potencializar as aprendizagens dos alunos, as competências, os saberes, etc.

A condução do ensino nas turmas de 7º e 11º anos que desenvolvemos na PES ao longo deste ano lectivo teve como base várias dimensões segundo a sistematização de Siedentop (1983). A dimensão instrução, gestão, disciplina e clima de aula. Não nos esquecendo, que por vezes a disciplina de EF também pode ser um momento de descontração, alívio, prazer, criando para tal momentos lúdicos, mas organizados. É sempre positivo lembrar aos alunos que se encontram numa aula e que a mesma não é de uma disciplina de lazer, mas sim de uma disciplina tão ou mais importante que as outras, apesar das suas características próprias menos formais. Foi com este intuito que por vezes leccionámos algumas aulas, sobretudo no 11º ano.

Toda a preparação das aulas foi efectuada tendo em conta o aproveitamento dos recursos materiais e espaciais disponíveis. Nelas incluímos actividades individuais, pares, grupos reduzidos ou mesmo toda a turma. Como tal utilizámos por vezes a organização das aulas em estações de trabalho e respectivos grupos nível por matéria. No final de cada aula efectuávamos uma reflexão, sobre a forma como a aula tinha decorrido, nessas reflexões eram registadas sugestões para melhorar situações de aulas futuras.

Durante o ano tentámos conduzir as aulas de forma eficaz, elaborando uma planificação cuidada com um permanente controlo das actividades, através das observações desenvolvidas durante as aulas, informando os alunos sempre que necessário acerca do objectivo dessas observações (avaliação do desempenho de cada aluno), comparando posteriormente os dados registados com critérios antes definidos.

Dimensão Feedback

As carências de atenção que alguns dos nossos alunos (7º ano), demonstraram ao longo de todo o ano foram evidentes e por vezes, o simples facto de nos mostrarmos preocupados em saber o porquê de este ou aquele não fazer a aula ou se as aulas estavam a correr bem, resultou em momentos que sentimos, por um lado, serem de uma certa estranheza, dado o seu carácter não muito vulgar. No entanto foi uma missão cumprida, consideramos que não adveio pelo simples facto de ser a nossa turma em ano de estágio, nem porque é politicamente correcto dizê-lo, mas sim porque entendemos que seja extremamente importante que sejamos para além de um professor, um amigo. E assim foi durante as aulas sempre fornecendo a informação adequada, antes e após o desempenho dos alunos e sempre que solicitados pelos mesmos.

Sendo o feedback pedagógico um comportamento de reacção do professor à prestação motora do aluno, foi com o objectivo de modificar, visando sempre uma melhoria na aquisição da (s) habilidade (s), que usufruímos deste instrumento como fonte de informação motivadora para a consecução das aprendizagens dos alunos. Todavia Reid et al, (2007), acreditam ser as principais funções do feedback pedagógico: Motivar, Reforçar e Informar.

Segundo Araújo (2005), o termo informação, engloba duas destrezas diferentes; o feedback e a instrução. O feedback diz respeito à informação transmitida pelo professor após o desempenho dos alunos. A instrução é a informação posterior ao desempenho. O que se tem concluído da investigação é que a transmissão de informação aumentada beneficia a aprendizagem de tarefas complexas.

Ao longo do ano fomos estabelecendo uma relação professor/aluno bastante positiva, mantendo sempre presente o respeito entre as partes, e transmitindo sempre que necessário a informação adequada para o sucesso pedagógico dos alunos. Tal como refere Pestana (2006), *“No processo de instrução, a emissão de feedback pedagógico é um comportamento que assume extrema importância na sua condução, uma vez que se apresenta como um elemento essencial para modificar o comportamento e a prestação motora”*. A sua emissão promove uma aprendizagem eficiente, assegura o correcto desenvolvimento da habilidade e influencia a motivação e persistência do praticante (Williams & Hodges, 2005).

De acordo com Williams (2005) dar feedback é um desafio, pois precisamos entender as outras pessoas e a maneira como elas reagem para aprimorar a nossa capacidade de dar retorno. E ser capaz de fazer uma leitura das outras pessoas não é uma habilidade inata, mas algo que precisamos desenvolver.

Num estudo desenvolvido por Bloom em 1979 (Mota, 1989), afirmava-se que o feedback pedagógico permite direccionar e influenciar a actividade do aluno, tornando-se por isso uma importante variável na eficácia e qualidade do ensino, e uma mais valia do professor no processo de interacção das habilidades motoras.

No entanto Pieron (cit. por Cruz, 2002), por sua vez, define feedback pedagógico como a informação fornecida ao aprendiz com o objectivo de o ajudar a repetir os comportamentos motores correctos, eliminar os comportamentos incorrectos e tomar em consideração os resultados alcançados.

Relativamente ao tipo de feedback utilizado durante as aulas, tentámos sempre diversificar ao máximo a utilização do mesmo, salientando sempre todas as dimensões (forma, direcção, objectivo, momento e afectividade). O tipo de feedback empregue, variou consoante as turmas que leccionámos e as matérias abordadas. Sabemos de antemão que o grande objectivo da emissão do feedback é o auxílio ao aluno para desenvolvimento das suas capacidades motoras.

No âmbito da aprendizagem motora, a investigação tem demonstrado uma forte ligação entre o feedback e a aprendizagem das habilidades motoras, como sugere Magill (cit. por Farias, 2007).

Dimensão Clima

Segundo Siedentop (1983), a dimensão clima engloba os aspectos da intervenção pedagógica que se relacionam com as interacções pessoais, as relações humanas e o ambiente.

No que respeita à dimensão clima e às formas de organização das aulas, tanto do 3º ciclo como do ensino secundário, tentámos sempre transmitir uma atitude positiva em relação às actividades, encorajando todos os alunos de forma a desenvolver o desejo de melhorar a sua prática. A definição de regras e rotinas foi essencial para que pudéssemos controlar, motivar e exigir cada vez mais dos alunos. Nunca deixámos de reforçar e de manter níveis de empenhamento, motivação e exigência elevados. Ficamos extremamente contentes por termos conseguido implementar um trabalho verdadeiramente eficaz e rentável.

Siedentop (1983), constata, pela natureza dos elementos que a compõem esta dimensão provoca, com alguma frequência, a crítica à sua subjectividade ou a simples recusa da sua treinabilidade dado que muitos a consideram fortemente dependente do domínio afectivo e do temperamento do docente. Neste sentido a atitude positiva e o entusiasmo que o professor deposita na sua intervenção pedagógica torna o ensino mais eficiente e estabelece um clima favorável à prática.

Rosado (1994), aponta que quaisquer que sejam os objectivos propostos aos alunos, as probabilidades de os alcançar são sempre maiores quando há um clima de confiança na turma.

Com base nos autores atrás referidos, podemos realçar que a nossa preocupação foi sempre a promoção de um clima de aula positivo, mantendo a confiança entre pares, através da transmissão de valores e atitudes adequados aos momentos vivenciados. Recorremos sempre que necessário ao reforço positivo, ao incentivo, à promoção de aulas atractivas e diversificadas, como motivação dos alunos e promoção de um clima de aula positivo.

Dimensão Gestão Tempo Aula

Relativamente à gestão do tempo de aula, no âmbito da pedagogia da EF e do desporto, esta dimensão é referida como bastante importante e a qual o professor deverá dominar, com o pressuposto de rentabilizar os ganhos das aprendizagens dos seus alunos. A este desígnio Siedentop (1983) diz-nos inclusivamente que o tempo de aprendizagem constitui a variável mais forte no presságio de um ensino eficaz.

Com base no pressuposto referido, procurámos sempre planificar e gerir as nossas aulas de forma a promover um elevado tempo de prática. Pois quanto mais tempo de prática motora o professor proporcionar ao aluno, maior tempo de aprendizagem ele terá.

Em todas as aulas tentámos ter sempre presentes os factores de sucesso pedagógico no ensino das actividades físicas (tempo de aula, feedback, clima e organização), para que existisse sempre diversificação, adaptação consoante as circunstâncias (matéria de ensino, espaço de aula), factores necessários para um melhor desenvolvimento das aprendizagens e competências, estimulando sempre a realização dos exercícios e ajudando todos os alunos, nomeadamente aqueles com maiores dificuldades de aprendizagem.

Tal como refere Carreiro da Costa (1995: p 9) *“É de esperar que a maximização das oportunidades de aprendizagem proporcionadas aos alunos esteja dependente, em larga medida, da forma como o professor reparte o tempo de aula pelas diferentes funções de ensino”*.

As estratégias utilizadas e relacionadas com a organização da aula, tem um papel deveras importante, pois tal como nos diz Piéron (1984), uma boa organização das aulas de EF permite entre outras coisas, um ganho de tempo nos deslocamentos e transições, o que por sua vez corresponde a uma maior quantidade de exercício dos alunos devido a uma utilização óptima dos materiais.

Nas nossas aulas utilizámos algumas estratégias como forma de organização da aula e consequente rentabilização do tempo de aprendizagem. Foram a organização dos materiais necessários para a mesma, nos momentos que antecederiam o seu início, ou durante o período de aquecimento, nomeadamente na turma do ensino secundário.

Por ultimo, em nossa opinião, referenciamos como tendo grande importância no decorrer das nossas aulas o tempo de instrução inicial ou período inicial de aula. O tempo dispendido para a transmissão da instrução no início das aulas, era sempre um pouco mais prolongado, uma vez que os alunos eram informados e esclarecidos dos objectivos da mesma.

No entanto, alguns sentidos não foram possíveis de despertar, nomeadamente, e não generalizando, o respeito pelo próximo e a cooperação. A realidade é que alguns dos nossos alunos, tiveram algumas atitudes, em alguns momentos, que não foram de encontro aos princípios que tentámos transmitir ao longo do ano. Claro que sabemos que a mensagem chegou à maioria, mas seria óptimo que tivesse chegado a todos. Arriscamos mesmo dizer que pelo menos das lições de moral a cada episódio menos feliz eles não esquecerão!

Por fim, no que respeita ao trabalho direccionado à aptidão física dos alunos, acreditamos que conseguimos de certa forma criar rotinas que outrora eram inexistentes com algum trabalho personalizado, tendo em conta a modalidade a abordar e as necessidades que esta provoca a nível muscular e mecânico. De realçar que este trabalho só foi possível de chegar até aos alunos se estes estivessem predispostos e motivados para ele. Este foi um desafio para nós, levar os alunos a perceberem quais os benefícios de ter uma boa aptidão física. Entre as várias estratégias que utilizámos para transmitir esta informação, mencionamos uma aula teórica onde expusemos através de PowerPoint e discutimos os benefícios de uma boa aptidão física. Fomos sempre reforçando nas aulas práticas (através de exemplos práticos) e teóricas, a importância do desenvolvimento harmonioso de todas as capacidades motoras, nomeadamente a resistência.

A maioria dos alunos demonstrou uma atitude bastante adulta (mesmo os do 3º ciclo), que favoreceu o desenvolvimento da sua autonomia, com menores riscos de transgredirem as regras estabelecidas. Além disso, facilitaram o próprio processo de ensino e aprendizagem, visto que os níveis de atenção, empenho e a capacidade de compreensão foram bastante razoáveis.

Apesar de todos os aspectos referidos anteriormente, temos de admitir que as turmas já eram muito boas, uma vez que os alunos já estavam habituados a regras e rotinas nas aulas de EF.

Concluindo, o que os professores conhecem acerca do que ensinam e as suas representações para o tornarem compreensível aos alunos, representa a ligação entre o conteúdo da disciplina e a pedagogia, numa compreensão de como tópicos particulares são organizados, representados e adaptados consoante os diversos interesses e capacidades dos alunos (Borralho, 2002).

Assim, não basta dominar os saberes a ensinar, é necessário para a sua transposição, planificar e organizar as situações de aprendizagem, analisar as dificuldades dos alunos e promover a diferenciação pedagógica, em suma, um conjunto de habilidades e de competências acrescidas.

4.4 Reflexões das Aulas

Ao planear o ensino, o professor é remetido para a reflexão da sua prática, pois é com base nesta que o seu trabalho evolui (Moretto, 2007). Ou seja, a capacidade do professor em realizar um planeamento eficaz, surge associada à sua capacidade de reflectir. Ao reflectir o professor procura aferir a eficácia do seu trabalho, e determinar novas estratégias que lhe permitam dar resposta às lacunas identificadas.

Realidade que fomos sentindo ao longo do ano, pois à medida que íamos evoluindo na nossa capacidade de reflexão, pudemos melhorar a eficácia do planeamento. Inicialmente as nossas reflexões tinham um carácter muito descritivo, surgindo como um relatório da aula. Nesta fase limitávamo-nos a descrever os exercícios, referindo os aspectos que corriam bem e mal.

Numa segunda fase a análise já não era tão descritiva, mas sim a aferir a eficácia das estratégias aplicadas, procurando identificar possíveis falhas, que nos obrigassem a reajustes no planeamento.

Na última fase ao reflectirmos a nossa prática, procurávamos que cada aula contribuísse de forma significativa para a melhoria das nossas competências profissionais. As reflexões foram uma ferramenta crucial no nosso processo de formação, revelando-se indispensáveis na construção de uma base sólida de conhecimentos e competências para o nosso futuro profissional.

A análise/reflexão final de cada aula, revelaram-se um dos pontos-chave no nosso processo evolutivo de professor estagiário, uma vez que se pretendia fazer uma reflexão crítica da aula, bem como, determinar estratégias para colmatar dificuldades encontradas. Pensamos que esta foi talvez uma das tarefas mais importantes, permitindo traçar objectivos e sobretudo torná-los exequíveis.

5. Avaliação do Ensino e Aprendizagem

Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, Avaliar significa *determinar o valor de algo, compreender, apreciar, prezar ou verificar a consecução de objectivos previamente definidos*. É observar, descrever, apreciar, interpretar, reflectir, julgar e tomar decisões.

De acordo com Etchepare (2000), a avaliação deve estar presente em todo o processo pedagógico, usufruindo de factores sociais, políticos, culturais e económicos de forma positiva, para contribuir com o desenvolvimento fisiológico, social, técnico e crítico dos educandos.

É neste âmbito que surge a avaliação, destacando-se como uma ferramenta importante na concepção do ensino, funcionando como um agente regulador que acompanha todo o processo, antes (Avaliação Inicial), durante (Avaliação Formativa) e o após a sua concepção (Avaliação Sumativa).

Na disciplina de Educação Física, os objectivos do ciclo constituem as principais referências no processo de avaliação dos alunos, permitindo ao professor através dos resultados da observação, interpretar e elaborar uma apreciação representativa das qualidades evidenciadas pelos alunos.

Como em todas as disciplinas escolares, o objectivo primordial da avaliação em Educação Física é a melhoria do ensino. Este objectivo, de natureza vincadamente pedagógica, antecede e excede largamente a intenção administrativa que se traduz na atribuição de uma nota ou classificação escolar.

Os objectivos são uma referência na avaliação por incluírem o tipo de actividade em que devem ser desenvolvidas e demonstradas atitudes, conhecimentos e capacidades, comuns às áreas e subáreas da EF e as que caracterizam cada uma delas.

Assim, o reconhecimento do sucesso é representado pelo domínio/demonstração de um conjunto de competências que decorrem dos objectivos gerais. O grau de sucesso ou desenvolvimento do aluno é estabelecido pela qualidade revelada por ele na interpretação prática dessas competências nas situações características (ex. Jogo 3x3, percurso, composição, etc.).

No que respeita à disciplina de Educação Física um dos instrumentos de avaliação do professor é a observação. Mas tem-se levantado questões que é o facto de esta ser feita através da observação, o que poderá de certa forma criar alguma subjectividade do que se está a avaliar, uma vez que dois professores quando observam a mesma acção, fazem-no de forma diferente. Todavia, Abrantes

(2002), reconhece a subjectividade do acto de avaliar admitindo que a mesma não é um defeito, mas sim uma característica inerente ao acto de avaliar / observar. No entanto, considera que é necessário evitar, não a subjectividade, mas sim a arbitrariedade devido à ausência de critérios de avaliação. Assim, é importante que o professor de EF estabeleça concretamente quais as situações de avaliação que vai propor aos alunos, através da selecção de critérios e indicadores de observação precisos e objectivos.

Uma vez que estamos a falar de avaliação, não poderíamos deixar de referenciar as duas formas distintas de avaliação; a avaliação criterial e normativa.

A avaliação criterial considera o aluno como um ser individual. Serve para reorganizar as condições de aprendizagem de acordo com as necessidades sentidas por cada um, de modo a que, na medida do possível, todos possam atingir os níveis desejados, negociando critérios, caracterizando as situações de aprendizagem, tornando claros os parâmetros que orientam a avaliação. Torna-se mais fácil a observação e a análise das situações mais eficazes e adequadas às decisões a tomar.

A competição consigo mesmo é própria da avaliação criterial porque o aluno sabe o que dele se espera. Assim, todos podem evoluir sem que o professor estabeleça relações entre os alunos (Ribeiro, 1990).

A avaliação normativa pretende classificar e hierarquizar. Nela o desempenho de cada aluno é comparado com o desempenho médio do grupo de que faz parte, no sentido de dividir a turma em classes de acordo com os níveis de desempenho. Esta avaliação promove, em parte, a competição entre os alunos (Ferraz et. al. 1994). O professor ao perceber que um aluno atingiu os critérios para determinado nível, vai compará-lo com os colegas que à semelhança deste, superaram critérios idênticos. Deste modo, o professor vai avaliar com base na comparação. De acordo com os objectivos da avaliação sumativa, a avaliação normativa é considerada nos finais de cada período lectivo uma vez que tem como intenção classificar, no sentido de dividir os alunos em classes em função do seu resultado final.

Quando fazemos referência a estes dois conceitos de avaliação, devemos referir que através da avaliação criterial, desejamos avaliar o aluno, em que a referência é a comparação do seu desempenho numa tarefa, com a forma como a consegue realizar e os critérios de êxito estabelecidos para a mesma tarefa. Relativamente à avaliação normativa, o aluno é avaliado comparando-se o seu desempenho com o dos restantes colegas da turma nessa tarefa, fazendo posteriormente uma escolha. Segundo Ferraz (1994) só a avaliação criterial possibilita identificar o grau de concretização dos objectivos estabelecidos e determinar o tipo de medidas necessárias

para que os alunos com dificuldades possam ser apoiados de forma diferenciada na concretização dos objectivos desejados.

Na nossa perspectiva, a avaliação criterial deveria ser a principal forma de avaliação a utilizar nas aulas de EF, pois permite ao professor estabelecer critérios de avaliação bem definidos a fim de poder avaliar com rigor as competências dos alunos. No entanto, utilizámos os dois tipos de avaliação referenciados, apesar de a avaliação normativa ter sido considerada em cada final de período, como um apoio à classificação final dos alunos, complementando a avaliação criterial. De qualquer forma defendemos a complementaridade destes dois tipos de avaliação, porque são indispensáveis para o professor avaliar as prestações dos alunos.

Na nossa PES realizámos a avaliação das diferentes matérias ao longo do ano lectivo, através de momentos formais de avaliação, direccionando a nossa atenção para a avaliação criterial dos alunos. Nunca deixando de registar anotações, com o objectivo de se comparar o desempenho dos diferentes alunos. Posteriormente numa fase de reflexão, classificávamos os alunos em que a referência eram os critérios de êxito das diferentes situações de aprendizagem, estabelecendo uma comparação entre o desempenho dos alunos, que nos permitisse aferir sobre a justiça da avaliação criterial, adaptando a classificação atribuída se justificável.

Para definir o caminho adequado, o professor deverá proceder à avaliação inicial dos alunos e orientar toda a avaliação formativa e sumativa de acordo com os momentos apropriados à consecução das mesmas.

Durante o ano lectivo, efectuámos estes tipos de avaliação: A avaliação inicial, avaliação formativa e sumativa. Uma vez que a avaliação inicial tem um carácter informativo, é considerada como avaliação formativa, pois permite ao professor identificar as possibilidades de aprendizagem dos alunos, decidindo onde iniciar, definir objectivos, as matérias prioritárias, os alunos com maiores e dificuldades e conseqüente acompanhamento mais próximo do processo ensino e aprendizagem.

A integração da avaliação formativa deve ser considerada como a mais importante para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Constitui talvez a forma de avaliação em que a preocupação central é retirar todos os dados que permitam reorientar a sua actividade e serve ao aluno para auto-regular as suas aprendizagens, consciencializando-se de que a aprendizagem não é um produto de consumo, mas sim um produto de construção onde ele próprio tem um papel fundamental. No final de cada etapa do ano, a avaliação dos resultados do processo a que os alunos foram sujeitos é determinante para a preparação da próxima etapa ou ano lectivo.

Este princípio é seguido por Carvalho (1994) que defende ainda que, ao longo do processo de ensino e aprendizagem, o professor deve ajustá-lo no sentido de ir ao encontro das necessidades dos seus alunos.

O professor cooperante da escola, foi quem iniciou a avaliação inicial nas turmas por nós acompanhadas. Sendo a nossa intervenção a meio do processo relativamente ao tratamento de dados. A avaliação inicial foi realizada de acordo com o protocolo definido e aplicado pelo grupo de EF da ESAG. Protocolo esse, que após análise pormenorizada pareceu-nos pouco convincente, talvez até inadaptado à realidade da escola e respectivos alunos. Mas, sendo professor estagiário na escola tive que me adaptar à realidade onde estava inserido, acabando por aplicar e desenvolver o processo da melhor forma possível. Nunca esquecendo que a avaliação referida, era importante para a planificação do ano lectivo.

“A aposta essencial da avaliação formativa é tornar o aluno actor da sua aprendizagem; nesta perspectiva a avaliação formativa é interna ao processo; é contínua, analítica e mais centrada sobre o aprendiz do que sobre o produto acabado”

(B. Petitjean, data: 1984)

A avaliação formativa assegura que os procedimentos de formação se vão adequando às características dos alunos, permitindo a adaptação do ensino às diferenças individuais. Esta avaliação, ainda que considere os resultados da aprendizagem que se vai concretizando, incide preferencialmente sobre os processos desenvolvidos pelos alunos face às tarefas propostas ao longo das aulas. Este tipo de avaliação é definido por Cortesão (2002) como a “bússola orientadora” do processo de ensino e aprendizagem.

Na prática, todos os resultados da avaliação formativa são obtidos tendo em conta o planeamento efectuado pelo professor e as situações pedagógico/didácticas seleccionadas, onde em cada momento este vai avaliando o desempenho dos alunos. Os instrumentos de registo e recolha de dados relativos à avaliação formativa, assim como os momentos em que esta se efectua, são fundamentais e de extrema importância, dado que através deles se poderão clarificar dúvidas sobre as classificações a atribuir no final do período na avaliação sumativa, permitindo que esta se torne numa avaliação muito mais adequada e justa.

A avaliação sumativa, segundo Cortesão (2002) é aquela que pretende traduzir, de forma breve e codificada a distância a que se ficou de uma meta que, explícita ou implicitamente, se decidiu ser importante atingir. A avaliação sumativa traduz-se geralmente numa classificação mas não se esgota nela nem se pode confundir com ela. O seu resultado pode ser quantitativo ou qualitativo,

geralmente é quantitativo. Há que seleccionar criteriosamente os objectivos mais relevantes e mais representativos do trabalho desenvolvido e por ser uma síntese, a avaliação sumativa, deve reportar-se aos objectivos curriculares definidos nos PNEF.

Em suma, ainda que a avaliação sumativa corresponda a balanços que se vão fazendo ao longo do processo ensino e aprendizagem, esses balanços têm essencialmente uma função formativa, excepto no final de ciclo em que a função sumativa é predominante.

5.1 Procedimentos de Avaliação

Segundo Peralta (2002), avaliar competências implica observar os alunos na realização das actividades tão próximas quanto possível de situações autênticas, usando para tal um conjunto de instrumentos que permitam a recolha de evidências sobre o desenvolvimento (geral ou parcial) das competências do aluno ou sobre a sua demonstração em situação de prática.

A avaliação está sempre presente na aula. É um dos pontos importantes e incontornáveis do processo de ensino e aprendizagem, atribuindo conceito ao aluno, situando o aluno em relação aos seus progressos e atendendo às exigências institucionais e culturais. Sabemos que avaliar não é uma tarefa fácil, ainda para mais quando os grupos de nível elaborados trabalhavam por grupos e matérias distintas. Mas, aproveitámos um pouco da nossa experiência de leccionação noutra ciclo de ensino, e nas observações elaboradas durante as aulas, conseguimos registar e controlar a turma, ao mesmo tempo. Essa capacidade foi muitíssimo melhorada durante a PES, através da criação de rotinas e outras formas de organização das aulas.

Relativamente ao registo de informações (**Anexo 11**), semanalmente conseguimos fazê-lo, em ambas as turmas. Permitindo um melhor acompanhamento da evolução dos alunos e respectivas necessidades. Esta estratégia além de permitir aprofundar o nosso conhecimento relativamente às capacidades dos alunos, tornou mais fácil a realização da avaliação sumativa, fazendo com que no momento, a mesma fosse precisa e rigorosa.

A avaliação em EF segundo os PNEF, assenta em três grandes áreas: as actividades físicas (matérias), a aptidão física e os conhecimentos. Todas elas com algumas particularidades. Relativamente a cada área o aluno situa-se em três níveis: introdutório, elementar e avançado. Sendo a das actividades físicas, a que assume maior relevância, pois corresponde às matérias de carácter eminentemente prático, abordadas ao longo das aulas de EF, requerendo maior exigência da parte do professor, no momento de avaliar. As áreas da aptidão física e dos conhecimentos,

também importantes, têm um carácter de aferição distinto, tendo o aluno de ser considerado apto nas mesmas, a fim de assegurar o sucesso na disciplina de EF.

Nas turmas que leccionámos na PES, o 7º ano e o 11º ano, a avaliação sumativa incidu nas matérias abordadas ao longo do ano lectivo. Assim, a fim de objectivar a avaliação no final de cada período, foram avaliadas as matérias onde se incidu com maior número de sessões e naturalmente se promoveram mais aprendizagens. De salientar que no 11º ano, os alunos eram avaliados nas matérias que tinham optado, consoante o preenchimento no início do ano de um documento **(Anexo 3)**.

Quanto à área da aptidão física, aulas práticas ou (bateria de testes de Fitnessgram), as avaliações foram desenvolvidas no final de cada período. A avaliação dos conhecimentos foi realizada através de trabalhos escritos (individual ou grupo), testes escritos, questionamento nas aulas, apresentação do período inicial e ou final de aula (aquecimento / alongamentos), arbitragem de jogos participação nas aulas teóricas.

5.2 Instrumentos de Avaliação

Os instrumentos utilizados que nos permitiram recolher e interpretar as informações, para tomar as decisões certas relativamente à avaliação formativa, foram: para anotações semanais uma grelha de registo diário **(Anexo 12)** em todas as aulas. Registando o desempenho dos alunos (escalas qualitativas) para uniformizar a informação recolhida, o registo das atitudes, comportamentos e matérias. Todos os dados recolhidos foram analisados com frequência no sentido de conduzir o ensino em função dos resultados.

No que respeita à avaliação sumativa: foi aplicada a ficha “síntese de avaliação sumativa interna” **(Anexo 10)** no final de cada período. Esta ficha foi elaborada, para o efeito, pelo grupo de EF da ESAG, onde o registo das áreas de avaliação e respectivos parâmetros estão apresentados de forma explícita. Os resultados obtidos através das fórmulas permitiram uma análise da situação de cada aluno, no entanto, esta ficha nem sempre se mostrou eficaz, uma vez que, a proposta de classificação final que correspondia ao valor atribuído ao aluno, de acordo com todas as ponderações anteriormente descritas, não permitia todas as probabilidades, em termos de níveis atingidos pelos alunos nas matérias, tendo sido necessário fazer alguns reajustamentos.

5.2.1 Avaliação Formativa

Fez-se a recolha e registo de informação, decorrente da observação do desempenho e evolução dos alunos ao longo das aulas e nos momentos formais de prática, comparando com os resultados da avaliação inicial. Os desempenhos dos alunos foram anotados regularmente, de acordo com escalas qualitativas pré-definidas, no sentido de sistematizar e uniformizar todas as informações. O questionamento oral foi habitual durante e no final das aulas. Foi também valorizada a diferenciação pedagógica, trabalhando por grupos de nível, avaliando os alunos de acordo com as competências definidas para o seu grupo (**Anexo 11**).

Os registos eram feitos numa grelha (**Anexo 11**). Os resultados permitiam-nos observar se o processo de ensino e aprendizagem estava a ir de encontro ao previsto no PAT e no respectivo plano da etapa. No final de cada etapa, através dos resultados da avaliação formativa realizada ao longo da mesma, preparávamos a etapa seguinte, modificando ou reajustando as tarefas.

Através dos dados retirados da observação e registo formativo, pudemos analisar as causas que podem ter motivado que não se atingissem os objectivos propostos. Este facto contribuiu para a constante adaptação da estratégia definida para se proceder à consecução da avaliação formativa e tendo em conta os momentos em que é imprescindível proceder à avaliação sumativa.

Na última aula de cada período, solicitámos aos alunos o preenchimento de uma ficha de auto-avaliação (**Anexo 7**). Documento próprio para o efeito que foi elaborada por nós. No sentido de percebermos qual a imagem que eles próprios tinham do seu processo formativo.

5.2.2 Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa realiza-se no final de cada etapa e/ou de cada período lectivo. No nosso caso realizou-se no final de cada período. Porquanto havia a necessidade de classificar os alunos em função das competências adquiridas. Através da aplicação da mesma, conseguimos quantificar no final de cada período o desempenho dos alunos, de forma a conceber se os objectivos determinados estavam ou não a ser alcançados, sempre tendo em conta os PNEF para os diferentes ciclos de ensino e os critérios de avaliação do grupo de Educação Física da ESAG.

A estratégia utilizada e aplicada para a objectividade da avaliação sumativa foi a recolha dos dados nas aulas de cada etapa, previstas no respectivo planeamento anual. Achámos que não deveriam ser proporcionados momentos formais de avaliação sumativa, sendo os alunos avaliados nas circunstâncias normais de cada aula. Assim, os referidos foram avaliados através de actividades que nos permitiram observar e avaliar as competências pretendidas para cada momento da etapa,

no sentido de quando necessário termos informações concretas e suficientes para atribuir as classificações aos alunos.

Aplicámos a avaliação sumativa de modo a que os alunos não se apercebessem que estavam a ser avaliados, podendo sentir-se à vontade enquanto faziam as suas aprendizagens.

Seguindo as orientações do PNEF onde é definido o patamar de sucesso em EF, definiu-se criteriosamente as classificações de 1 a 5 níveis para o 3º ciclo e de 1 a 20 valores, para o secundário. No PAT, para o 7º ano, foram definidas apenas competências para os níveis Introdutório e Elementar por serem aqueles que se previa que a grande maioria dos alunos conseguiria atingir. Para o 11º ano foram definidas competências para os níveis Introdutório, Elementar e Avançado. De salientar que os alunos se situaram entre os níveis de desempenho mencionados, quando foi feita a Avaliação Inicial.

Relativamente aos resultados da avaliação sumativa aplicada nas duas turmas, podemos considerar que a consecução dos objectivos foi atingida, verificando-se uma evolução dos alunos ao longo do ano lectivo, o que é visível pelos resultados alcançados, pelos mesmos, na disciplina de EF. Nomeadamente na turma do 7º ano não foram atingidas todas as competências definidas à partida, no PAT, mas destacamos algumas matérias onde estas competências foram aplicadas e até consolidadas, quer pelos alunos do grupo Introdutório, quer pelos do grupo Elementar, sendo visível o bom nível global da turma; Atletismo, Basquetebol, Voleibol e em parte a Ginástica de Solo. Algumas destas matérias foram referidas no PAT como muito prioritárias, daí considerarmos ter atingido os nossos propósitos ao proporcionar aos alunos a aprendizagem e desenvolvimento das respectivas competências. Em relação à turma do 11º ano, não foram atingidas todas as competências definidas à partida, no PAT, porque o tempo de abordagem de cada matéria foi um factor limitativo, mas podemos destacar algumas matérias onde estas competências foram aplicadas e até consolidadas. Quer pelos alunos do grupo Introdutório, quer pelos do grupo Elementar, sendo visível o bom nível global da turma. Nesta situação temos o Voleibol e o Rugby, assim como a Ginástica de Solo e Aparelhos. Das matérias mencionadas, só o Voleibol foi referido no PAT como muito prioritária. As outras foram matérias prioritárias, daí considerarmos ter atingido os nossos propósitos ao proporcionar aos alunos a aprendizagem e desenvolvimento das respectivas competências.

CAPITULO II – PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

Actividades Desenvolvidas

Ainda que breve, não poderíamos deixar de fazer referência aos trabalhos de grupo realizados, pois também eles contribuíram para a nossa formação, quer ao nível da organização, ou a nível da participação.

Na perspectiva do trabalho produzido, há que referir a importância e o desenvolvimento pessoal inerente a cada uma das Actividades Extracurriculares planeadas e levadas a cabo.

Relativamente às actividades que desenvolvemos na comunidade escolar, no âmbito da nossa participação na escola, pensamos que todas elas se constituem como excelente contribuição para a promoção do sucesso educativo dos alunos. O desenvolvimento de todos os projectos referidos, encontra-se em concordância com o Dec - Lei nº 240/2001 de 30 Agosto. Estabelece que o professor deverá cooperar na elaboração e realização de estudos e projectos de intervenção integrados na escola e no seu contexto.

No início do ano lectivo, foram definidas por todos os estagiários as directrizes a seguir relativamente às actividades em que o núcleo de estágio iria participar/organizar. Assim, decidimos que seriam quatro as actividades em que haveria a nossa colaboração/organização/participação. Porquê tantas? Porque seriam atribuídos pesos (avaliações) diferentes em termos do projecto, consoante a dimensão das mesmas, por parte do nosso orientador da Universidade.

Torneio Futsal ESAG

A actividade referida, foi organizada e dinamizada por nós. A mesma, no início do ano lectivo foi sugerida pelos professores orientadores cooperantes da escola. O Torneio de Futsal foi realizado no âmbito das actividades de final do primeiro período. Esta actividade visou a promoção da prática desportiva de uma das modalidades mais apetecidas pelos nossos alunos, o Futebol, e ao mesmo tempo proporcionar um meio de desenvolvimento social e pessoal dos mesmos através da actividade física. A mesma fez parte do Plano Anual de Actividades da Escola, pelo que a ideia de sermos nós, estagiários, a implementá-la foi proposta ao Grupo Disciplinar de Educação Física, o qual desde logo concordou e aceitou. Neste sentido informou-se a Direcção da Escola e posteriormente a actividade foi aprovada em Conselho Pedagógico de acordo com o citado Plano Anual de Actividades.

A actividade consistiu num torneio em que, ao longo de um dia, se realizaram Jogos de Futsal entre as equipas inscritas, sendo estas equipas representantes das turmas de cada ano de escolaridade. As equipas, tinham uma competição, salutar, em que inicialmente, disputaram a fase de grupos e posteriormente o primeiro lugar do respectivo ano de escolaridade. Os jogos desenvolveram-se de acordo com um calendário pré-estabelecido.

Com a realização do torneio, quisemos sobretudo implementar e desenvolver o gosto pela prática desportiva e fomentar o espírito desportivo e ao mesmo tempo fazer a promoção de hábitos de vida saudável.

O Futsal, associado ao Futebol é uma das práticas mais desejadas pelos jovens de hoje, quer na escola, quer fora dela. No entanto, sabemos que a disciplina de EF, no contexto escolar, não se pode dedicar unicamente às matérias mais apreciadas pelos alunos, pois possui orientações específicas face às matérias a abordar, de acordo com o presente nos PNEF. Sabendo que de acordo com essas orientações, não conseguimos dar resposta às solicitações dos alunos no âmbito desta matéria, surgiu a necessidade de levarmos a cabo uma actividade, que se enquadre nos PNEF e ao mesmo tempo vá de encontro ao Projecto Educativo da ESAG, tentando ir de encontro à sua Meta que é *“Tornar a Escola numa escola de referência em termos de promoção do sucesso escolar e educativo”* (PEE 2010-2013 ESAG).

Sabemos que o sucesso educativo pode ser promovido se fomentarmos, na escola, aquilo que mais entusiasmo e motiva os alunos, pois, o sucesso educativo não se atinge apenas com as competências das “áreas nobres”, mas sim com a aquisição de competências e valores que são comuns a todas as áreas. Neste sentido pretendemos que a nossa actividade “Torneio de Futsal” possibilitasse que a ESAG se tornasse numa escola de referência para os seus alunos.

O sucesso escolar e educativo deverá ser promovido num sentido eclético onde todas as áreas disciplinares deverão contribuir para tal. Assim, a EF tem um papel importante nesse sentido, pois, segundo os PNEF (2001), *“O percurso educativo dos alunos obriga à aquisição de competências em diferentes domínios e matérias próprias da Educação Física, numa ampliação das experiências motoras vividas, de modo eclético, tendo como pano de fundo a perseguição constante da qualidade de vida, da saúde e do bem-estar. Neste quadro perseguem-se um conjunto de finalidades enformadoras de todo o plano curricular e garante de orientação, equilíbrio e interdependência quer entre os diversos anos, quer dentro de cada ano e ciclo de escolaridade (...) na perspectiva da melhoria da qualidade de vida, da saúde e do bem-estar:*

- *Melhorar a aptidão física, elevando as capacidades físicas de modo harmonioso e adequado às necessidades de desenvolvimento do aluno.*

- *Promover a aprendizagem de conhecimentos relativos aos processos de elevação e manutenção das capacidades físicas.*
- *Assegurar a aprendizagem de um conjunto de matérias representativas das diferentes actividades físicas, promovendo o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno, através da prática de:*
 - *Actividades físicas expressivas (danças), nas suas dimensões, técnica, de composição e interpretação;*
 - *Actividades físicas de exploração da Natureza, nas suas dimensões técnica, organizativa e ecológica”.*

Através da actividade “Torneio de Futsal”, podemos proporcionar aos alunos a prática “formal” de uma das matérias abordadas nas aulas de EF, sendo uma mais-valia para a promoção do seu desenvolvimento pessoal e social, pois a prática do Futebol por ser um desporto competitivo, onde o objectivo é combater o oponente, de forma a obter a vitória, faz com que seja necessário aprender a saber reconhecer a superioridade ou a inferioridade frente aos adversários e principalmente respeitar e ser respeitado.

O respeito conquista-se e transmite-se com os comportamentos responsáveis de todos, com atitudes respeitadoras das regras do jogo e das decisões do árbitro, dos êxitos e dos fracassos da equipa, enfim, com o cumprimento das regras básicas de uma boa conduta cívica. Estes serão valores que promovem o desenvolvimento dos alunos, os quais pretendemos inculcar com a nossa actividade indo de encontro aos (3.3.2) “*Objectivos específicos para melhorar o sucesso educativo – qualidade do desenvolvimento pessoal, social e profissional*”, presentes no Projecto Educativo da Escola.

Objectivos da Actividade:

- Proporcionar um dia de actividade física e desportiva no espaço escolar.
- Promover o desenvolvimento pessoal e social de todos os membros da comunidade estudantil.
- Fomentar o convívio entre os alunos das diversas turmas.
- Promover entre os alunos o espírito de equipa e o respeito pelo adversário, mantendo sempre uma atitude de “Fair-play”.
- Reconhecer a necessidade da cooperação e solidariedade com os colegas da equipa.
- Aceitar as decisões da arbitragem e da mesa.
- Desenvolver as capacidades físicas e promover a aprendizagem de uma correcta gestão do esforço.
- Fazer a promoção da saúde através da actividade física.
- Proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento de valores de respeito ao próximo e a si mesmo.
- Adquirir hábitos de disciplina e concentração no trabalho individual e em grupo.

De realçar também a boa planificação, organização e estruturação da actividade, evitando a ocorrência de inactividade entre as mudanças de equipas/jogos possibilitando assim uma rentabilização do tempo de prática entre todos os participantes.

Concluindo; no nosso ponto de vista, esta actividade foi produtiva e ao mesmo tempo muito importante devido ao facto de ser um projecto elaborado para a comunidade escolar, tendo esta participado e aderido, dando-nos bases futuras para elaborações de actividades deste género.

Acção de Formação “Tag Rugby”

Esta actividade foi desenvolvida pelo Núcleo de Estágio de Educação Física, com o apoio da Associação de Rugby do Sul. Surgiu no âmbito de uma conversa mantida entre os Professores Estagiários e os Professores Cooperantes, onde se pretendia encontrar uma solução para colmatar a lacuna existente nesta matéria, pois, concluiu-se que os professores deste departamento de Educação Física sentiam necessidades de formação para a abordagem desta modalidade nas suas aulas. Daí que, como Professores Estagiários, julgámos que ao promover esta acção, estaríamos a criar novas oportunidades e a proporcionar meios para o desenvolvimento desta matéria nas aulas de Educação Física dos nossos colegas de departamento, assim como, nós próprios poderemos usufruir destes conhecimentos nas aulas com as nossas turmas.

Para a realização desta actividade, contactámos directamente o Professor Henrique Garcia, técnico responsável pela Associação de Rugby do Sul, a quem apresentámos os propósitos da realização de uma Acção de Formação de Tag Rugby, à qual este se mostrou desde logo disponível para colaborar.

Informámos o Coordenador de departamento e o Director da Escola acerca da realização da actividade. A autorização para a sua realização foi obtida de imediato, apesar de esta acção não constar do Plano de Actividades aprovado em Assembleia-Geral. Mas uma vez que a Acção de Formação em causa iria servir como formação complementar para os professores do departamento de Educação Física, não foram postos quaisquer entraves para a sua consecução.

A mesma decorreu no dia 9 de Fevereiro no pavilhão da ESAG, no período da tarde.

Esta Acção de Formação integrou-se num projecto que estava a ser desenvolvido pela Federação de Rugby de Portugal a nível nacional e que tem por nome “Projecto Nestum Rugby nas Escolas”. O supracitado, está estruturado como forma de ser uma mais-valia para a divulgação, desenvolvimento e implementação desta modalidade nas escolas, desmistificando um pouco

aquela imagem que existe de que “O Rugby é um Desporto violento...”; apresentar uma metodologia de ensino centrada no jogo e dar a conhecer a modalidade.

Na primeira parte da acção (componente teórica) foi feita a apresentação de um CD informativo sobre alguns aspectos importantes para a leccionação do “Tag Rugby” e do “Bitoque Rugby”. Neste ponto foram abordadas as variantes desta modalidade e as suas principais regras, os vários tipos de jogos, as estratégias, os materiais, dimensões do campo, número de elementos por equipa, etc.

Houve também, a transmissão e visionamento de alguns vídeos sobre a modalidade, e o formador relatou ainda, algumas situações que havia experimentado na abordagem ao “Tag” e ao “Bitoque” com crianças e jovens.

De acordo com a nossa percepção, consideramos que esta primeira parte da acção correu bastante bem. Foi importante o relato de todo um conjunto de directrizes essenciais a ter em conta relativamente à abordagem e desenvolvimento da modalidade, assim como, foi interessante o diálogo acerca desta matéria, estabelecido entre os presentes.

Após a componente teórica, o formador iniciou a sua intervenção. Durante os exercícios propostos foram apresentados exemplos de situações práticas, os quais foram experimentados por todos os formandos. Foram essencialmente desenvolvidos exercícios em grupo, tais como situações de passe e recepção, desmarcação, finta, etc.

A acção decorreu dentro do previsto com a participação muito empenhada de todos os professores. No final foi entregue a cada participante um “Diploma de Participação” na acção e CD’s com os conteúdos abordados na parte teórica.

De referir também que, com a realização desta acção o departamento de Educação Física da ESAG usufruiu ainda de um kit (dez “Tags” e cinco bolas de Rugby) para os professores de Educação Física poderem abordar a matéria nas suas aulas, sem limitações de material.

Como aspecto menos positivo, salientamos o pouco tempo de que dispusemos para a realização desta Acção de Formação.

Como aspecto positivo, destacamos a disponibilidade do formador e a colaboração da Associação de Rugby do Sul.

Em suma, esta actividade proporcionou momentos de convívio, interacção, empenho e aprendizagem entre alguns colegas do grupo disciplinar.

Pensamos que se proporcionou um ambiente e um relacionamento positivo entre os professores presentes, desenvolvendo métodos e estratégias de acção numa modalidade ainda pouco desenvolvida e abordada nesta escola. Foi uma acção que permitiu informar, ensinar e dotar os participantes de um conjunto de instrumentos bastante úteis para o dia-a-dia nas suas aulas de EF.

Não restam dúvidas quanto à importância desta acção, que apesar de ter sido de “curta duração”, com certeza foi uma excelente forma de promover a formação dos professores de Educação Física da escola.

Mega Sprinter

Esta actividade foi desenvolvida pelo Departamento de Educação Física e dinamizada pelo professor coordenador do Desporto Escolar com a colaboração de todos os docentes do Grupo Disciplinar e Professores Estagiários. A referida, decorreu no mês de Março no 2º período e teve lugar na pista de Atletismo da Escola Secundária André de Gouveia, a fase de Escola do Mega Sprinter.

Assim, desde que nos foi solicitada a colaboração, mostramos total disponibilidade em colaborar com o Grupo Disciplinar nesta actividade, apesar da mesma não fazer parte do nosso Plano de Actividades. Neste sentido, além de termos sido uma mais-valia no dia da realização da actividade, apoiando os colegas nas mais diversas tarefas, pudemos também ter contacto com esta realidade.

Ao participarmos nesta actividade, uma vez que todos tínhamos alunos apurados para a fase de Escola, proporcionamos aos alunos uma motivação extra incentivando-os a usufruir da hipótese de desenvolverem as suas capacidades físicas de forma saudável, praticando uma modalidade tão completa como o Atletismo.

Para a realização desta actividade, demos todo o apoio ao Professor Francisco Linhol, Coordenador do Desporto Escolar da Escola Secundária André de Gouveia. No entanto, quando fomos solicitados a colaborar, já o colega tinha preparado toda a documentação necessária para o registo/inscrição dos alunos apurados na fase de turma, nas várias disciplinas que integram o Mega Sprinter, nomeadamente o mega km, o mega salto e o mega sprint.

A divulgação da actividade do Mega Sprinter, foi feita através de um cartaz afixado no pavilhão desportivo da Escola e por cada professor de Educação Física, junto das suas turmas. Cada docente, ao longo do mês de Fevereiro, planificou aulas da matéria de Atletismo e durante as mesmas foi registando os resultados dos alunos das suas turmas, referentes às disciplinas atléticas em causa.

Após o término da data estabelecida para recolha das fichas de inscrição, o professor Linhol, responsável pela actividade, elaborou o calendário e horário das três provas, distribuídas pelos vários escalões (infantis B, iniciados, juvenis e juniores) para no dia 2 de Março decorrer o Mega Sprinter.

Todos os professores do grupo disciplinar de Educação Física da Escola Secundária André de Gouveia que se comprometeram em colaborar nesta actividade, estiveram presentes na actividade.

As provas tiveram início às 09.30 horas. Desenvolveram-se em simultâneo o mega salto e o mega sprint, ficando o mega km agendado para o final da manhã.

De acordo com a nossa percepção, consideramos que a fase de Escola do Mega Sprinter correu bastante bem.

Em síntese, esta foi mais uma actividade desenvolvida pelo Departamento de Educação Física com a colaboração do Núcleo de Estágio da ESAG, que proporcionou momentos de convívio, interacção, empenho e aprendizagem entre alguns colegas de Grupo Disciplinar. Pensamos que se proporcionou um ambiente e um relacionamento positivo entre todos os presentes.

Passeio de BTT “Conhecer a Anta do Zambujeiro”

Sendo conhecedores dos hábitos de actividade física reduzidos, que hoje em dia as crianças, os jovens e até os menos jovens, têm no seu dia-a-dia, fomos levados a pensar numa actividade para a comunidade escolar da ESAG que os convidasse a, pelo menos por um dia, praticar actividade física em contacto com a natureza que envolve a nossa cidade.

Esta actividade consistiu num passeio de BTT, realizado ao longo de um percurso pré-estabelecido, pelos caminhos de Monfurado, inserido nos “percursos ambientais de Évora”, dando a conhecer aos participantes, um dos monumentos megalíticos de grande importância, que se situa no concelho de Évora, nomeadamente a “Anta Grande do Zambujeiro”.

Com a realização do nosso passeio de BTT, quisemos implementar, desenvolver e fomentar o gosto pela prática de actividades de ar livre, através da promoção de hábitos de vida saudável, nomeadamente pela prática de bicicleta de todo o terreno - BTT.

Aliamos a este facto, a possibilidade de dar a conhecer alguns monumentos que estão tão perto de nós e possivelmente não os conhecemos, permitindo-nos aumentar o conhecimento sobre a era megalítica, assim como, apreciar toda a envolvimento da paisagem e local onde a “Anta Grande do Zambujeiro” se insere.

A disciplina de Educação Física, no contexto escolar, possui orientações específicas face às matérias a abordar, dependente de vários factores, como o contexto, a forma, o momento, etc. E é de acordo com estas orientações que surgiu a necessidade de levarmos a cabo uma actividade, que se enquadrasse no Projecto Educativo da Escola Secundária André de Gouveia e fosse de encontro à sua meta que *“Tornar a Escola numa escola de referência em termos de promoção do sucesso escolar e educativo”*.

A actividade em causa, “Passeio de BTT – Conhecer a Anta do Zambujeiro”, integrada nas actividades físicas de exploração da natureza, surge como uma das matérias do PNEF, pertencente ao grupo das matérias alternativas. Apesar de esta matéria não estar definida no Projecto Curricular de Educação Física, uma vez que o grupo disciplinar não tem projecto curricular específico, pois, apenas possui um quadro de composição curricular, a mesma encontra-se inserida no Plano Anual de Actividades do grupo disciplinar de Educação Física, que surge como uma das *“estratégias de execução, mais específicas, com a devida calendarização, (...) que se constituem como instrumentos consequentes no cumprimento dos objectivos e metas do Projecto Educativo”*. (PEE, 2010-2013. ESAG)

Neste sentido, o Plano Anual de Actividades deriva do Projecto Educativo de Escola e está consequentemente de acordo com os princípios do mesmo, sendo que esta actividade, “Passeio de BTT – Conhecer a Anta do Zambujeiro”, se submete aos seus objectivos gerais, mais especificamente no que se refere aos pontos 3.2.3 – *“Estratégias para melhorar o Sucesso Escolar dos Alunos”* e 3.3.2 – *“Objectivos específicos para melhorar o sucesso educativo – qualidade do desenvolvimento pessoal, social e profissional”*, no seu n.º 5 – *“Aumentar o envolvimento dos alunos na vida escolar”*.

Através da actividade “Passeio de BTT”, pudemos proporcionar aos alunos a prática e vivência de uma matéria que não faz parte das matérias abordadas nas aulas de Educação Física, sendo uma mais-valia para a promoção do seu desenvolvimento pessoal e social.

Desta forma, o sucesso educativo na sua vertente de qualidade do desenvolvimento pessoal e social pode e deve ser feito, para além do espaço físico e geográfico da escola, daí considerarmos que a actividade “Passeio de BTT”, como se pode verificar nos objectivos da mesma, além de atingir esse objectivo do Projecto Educativo da Escola, vai também de encontro à sua grande meta *em termos de promoção do sucesso escolar e educativo*”, considerando que essa promoção só pode ser feita se criarmos oportunidades para os alunos poderem vivenciar situações inovadoras e aliciantes, transformando o seu conceito de escola, num conceito de algo que lhes pode proporcionar momentos agradáveis e ao mesmo tempo de aprendizagem.

Esta actividade teve como principais objectivos, poder proporcionar um dia de actividade física não formal fora do espaço geográfico da escola; promover o convívio entre alunos, funcionários e professores; promover o desenvolvimento pessoal e social dos alunos; desenvolver e aplicar conhecimentos adquiridos noutras áreas curriculares; promover a interdisciplinaridade com as disciplinas de História de Portugal e Geografia de Portugal; desfrutar do contacto com a natureza e descobrir a importância da sua preservação; desenvolver as capacidades físicas e promover uma correcta gestão do esforço.

Este passeio de BTT teve também como objectivo levar alunos, funcionários e professores a conhecer o monumento “Anta Grande do Zambujeiro”, monumento megalítico localizado nas coordenadas  38° 32' N 08° 00' W, na Herdade da Mitra situada a 13 km da cidade de Évora. Relativamente à presente actividade, de referir que, de um modo geral, correu de acordo com o que estava previsto no projecto.

Em relação aos objectivos traçados para esta actividade, consideramos que foram atingidos de forma bem sucedida, e até superaram as nossas expectativas, nos seguintes aspectos:

- Proporcionou-se a vivência de um salutar dia de actividade física não formal fora do espaço geográfico da escola;
- Promoveu-se o desenvolvimento pessoal e social dos alunos no sentido do saber estar, da tomada de decisões, da partilha de opiniões, entre outros aspectos de carácter pedagógico.
- Proporcionou-se o envolvimento dos alunos na vida escolar, através da sua participação numa actividade da escola.
- Houve cooperação e ajuda entre todos os participantes, incentivando-se e apoiando-se, uns aos outros, cumprindo sempre as regras de segurança;
- Contactou-se com a natureza, desfrutando da mesma, permitindo aos participantes conhecer a importância da sua preservação;
- Transmitiu-se e fomentou-se nos participantes o gosto pela prática de actividade física, nomeadamente a prática do BTT, no seu dia-a-dia;

- Aplicaram-se conhecimentos adquiridos noutras disciplinas como História, Geografia e Biologia;
- Desenvolveram-se capacidades físicas e promoveu-se a aprendizagem para se fazer uma correcta gestão do esforço.
- Conheceu-se o monumento megalítico “Anta Grande do Zambujeiro” e o “Castro do Geraldo”, localizados junto à povoação de Valverde, situada a 13 km da cidade de Évora.

A actividade permitiu aos participantes, conhecer caminhos que circundam a cidade de Évora, daí que tenhamos tido uma opção adequada, ao decidir pela realização do Passeio de BTT, uma vez que esta prática é uma forma de se poder observar e conhecer toda a beleza que a natureza conserva e apresenta.

A título de conclusão, podemos considerar que no computo geral, a actividade foi positiva, tanto a nível de participação dos elementos da comunidade escolar, como, em termos de conhecimentos e aprendizagens transmitidas sobre a prática do BTT e sobre os locais históricos visitados, nomeadamente a Anta Grande do Zambujeiro e o Castro do Geraldo, em Valverde.

É no sentido e na importância destas actividades, que verificamos que um simples acto, uma simples intervenção pode realmente modificar comportamentos e formas de estar. Não tendo a possibilidade de contactar e vivenciar a aplicação das matérias a outras turmas (ao longo de todo ano), revimos nestas actividades a carência que a maior parte dos alunos apresenta relativamente ao contacto com matérias alternativas, com momentos de prazer diversificados durante as aulas, com emoções, com regras, com atitudes, inculcidas pelo professor. De algum modo retiramos uma concepção bastante marcante deste conjugar de ideias, nós professores de Educação Física somos e seremos aqueles que maior intervenção poderemos ter na criação de regras, na modificação de comportamentos, na estimulação da identidade pessoal e na dinamização e motivação dos desejos dos alunos.

CAPITULO III – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL SOCIAL E ÉTICO

Acções / Formações Desenvolvidas

Segundo Piéron (1996), o sucesso de um programa de formação profissional depende da articulação e coordenação entre os seus componentes: (a) a formação académica (ciências aplicadas); (b) a preparação profissional (conhecimentos e competências); (c) formação no contexto da prática (experiência no contexto profissional).

A formação docente é um processo contínuo. Processo esse que tem início na nossa formação inicial e que deve constituir-se como sendo o primeiro momento de aquisição de saberes, conhecimentos, aprendizagens, experiências, etc. Esse processo possui uma importância singular na constituição do ser professor.

A formação contínua faz parte das exigências que se colocam a nós professores de uma forma premente. Assim e na perspectiva de aperfeiçoamento pessoal e profissional, durante o ano lectivo, participámos em algumas acções de formação dentro da área da nossa actividade profissional.

Relativamente à formação realizada no período em análise; Frequentámos nos meses de Outubro e Novembro de 2010, uma acção de formação de Natação – “Ensino e Aprendizagem nas Escolas” com a duração de 25 horas e o registo de acreditação nº CCPFC/ACC-61149/09. Pelo Centro de Formação de Professores, pertencente à Associação de Professores e Profissionais de Educação Física de Évora.

Frequentámos também a Acção de Formação de Tag Rugby, no mês de Abril, que decorreu na ESAG, integrada no nosso estágio pedagógico.

Acreditámo-nos/Certificámo-nos como formador pelo Conselho Científico Pedagógico da Formação Contínua – Área C18 Práticas do Desporto Escolar – CCPFC/RFO-28435/10.

Participação em Reuniões

Ao longo do ano lectivo estivemos presentes nalgumas reuniões do grupo disciplinar. Sempre que convocados e com disponibilidade horária, assim aconteceu. As reuniões em que participámos foram momentos de discussão de assuntos importantes do dia-a-dia da escola e de preparação de actividades finais de período.

Destas, retirámos sempre informação e aprendizagens enriquecedoras, apesar da nossa experiência e algum conhecimento em participações anteriores nas reuniões de departamentos de Educação Física.

Revelámos sempre uma participação responsável e crítica. Demonstrando uma atitude positiva e de colaboração com todos os sectores da comunidade educativa.

Relativamente às reuniões de conselho de turma, nunca participámos em nenhuma, quer do ensino básico, quer secundário, porque o nosso horário não permitiu essa articulação. Também o facto de termos alguns anos de experiência de conselhos de turma de ensino básico e secundário. Tendo mesmo desempenhado as funções de director de turma, por diversas vezes em anos anteriores de leccionação.

CAPITULO IV – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL AO LONGO DA VIDA

Estudo de Investigação

“AS PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA FACE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS NAS SUAS AULAS”

No que respeita a esta área, ela engloba as actividades e vivências importantes na construção da competência profissional, numa perspectiva do seu desenvolvimento ao longo da vida profissional.

Assim, o tão temido “estudo”, foi para nós um desafio. Inicialmente surgiram muitas dúvidas e “boatos” acerca do tema, estrutura, definição do problema, etc. Dado ser um tema novo. No entanto, após os esclarecimentos e conversas com a professora orientadora, tudo ficou mais claro e decidimos não complicar. Pensamos que foi um elemento muito importante para o enriquecimento do nosso conhecimento nesta área.

Definição do Problema

- 1) Conhecer e reflectir sobre as percepções e as práticas que os professores de Educação Física possuem e implementam nas suas aulas de forma a promover a inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais nas suas aulas.
- 2) Quais as estratégias e acções práticas que os professores de Educação Física utilizam nas suas aulas para dar resposta à inclusão dos alunos com Necessidades Educativas Especiais.
- 3) Quais as dificuldades sentidas por estes (as) professores para concretizar essa inclusão.

A decisão da escolha do tema “Percepções e Práticas dos Professores de Educação Física face à inclusão de alunos com Necessidade Educativas Especiais nas suas aulas”, recaiu essencialmente sobre a necessidade de sabermos mais sobre esta temática, pois estes alunos especiais são cada vez mais comuns nas aulas de ensino regular e acreditamos que os professores, na maioria das vezes, não estejam capacitados para dar resposta a esta inclusão.

Para além da abordagem sobre as Percepções e Práticas dos professores, pretendemos também ao longo do estudo abordar alguns conceitos e perspectivas sobre as NEE, sobre a Integração e Inclusão, bem como, sobre a forma como se relaciona esta tríade (NEE/ Integração/Inclusão).

A nossa preocupação em abordar este tema surgiu do nosso conhecimento de causa, pois sabemos que hoje em dia, os professores de Educação Física têm de assumir a responsabilidade das práticas pedagógicas e didáticas que promovam a inclusão dos alunos com NEE nas suas aulas de ensino regular. Desta forma, como professores não nos devemos, nem podemos alhear-se dessa tarefa, devendo encontrar o caminho para, promover da melhor forma, a inclusão nas nossas aulas, dos alunos com NEE.

Com o presente estudo, pretendemos contribuir para uma melhoria do conhecimento e desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem com alunos com NEE em escolas e, conseqüentemente, aulas regulares, no sentido de irmos de encontro à cada vez mais emergente Educação Inclusiva.

Essa Educação Inclusiva e conseqüente inclusão, está actualmente prevista e é protegida e regulamentada através do Decreto-Lei n.º 2/2008 de 10 de Janeiro. Este Decreto-Lei define os apoios especializados a prestar aos alunos com Necessidades Educativas Especiais, visando a criação de condições para a adequação do processo educativo às suas especificidades.

Enquadramento Teórico / Conceitos

Segundo o conceito da Organização Mundial de Saúde (1989), o termo **“Necessidades Educativas Especiais”** significa *“alguma restrição ou perda, resultante do impedimento, para desenvolver habilidades consideradas normais para o ser humano”*. Ou seja, na nossa perspectiva, são portadoras destas necessidades as crianças que requerem estratégias de actuação especiais para poderem desenvolverem as suas próprias capacidades.

No relatório Warnock (1978) citado por Castro (2009), entende-se por *“aluno com Necessidades Educativas Especiais aquele que apresenta qualquer incapacidade (física, sensorial, intelectual, emocional, social ou uma combinação destas), que afecta a aprendizagem a tal ponto, que são necessários alguns ou todos os meios de acesso ao currículo (adaptado ou especial), isto é, condições de aprendizagem adequadas para que possa beneficiar de uma educação eficaz”*.

Segundo Nielsen, (1999), citado por Castro (2009), *“a expressão de «criança com necessidades educativas especiais» refere qualquer criança ou jovem que exiba discrepâncias significativas no que diz respeito aos factores capacidades/resultados e que, por essa razão, possa necessitar de receber serviços especiais, para dar resposta às suas necessidades educativas” (p.26)*.

Apresentamos alguns conceitos que estão associados a alguns tipos de NEE, implícitas no presente estudo:

Perturbação Mental que é, segundo referência da O.M.S. (1968) citado por Pacheco et al. (1997: p. 18), uma perturbação associada a *“indivíduos com uma capacidade intelectual sensivelmente inferior à média, que se manifesta ao longo do desenvolvimento e está associada a uma clara alteração dos comportamentos adaptativos”*

Dificuldade Motora que, segundo o GEP-ME (1990), citado por Gomes (2009: p. 68), *“em termos conceptuais numa definição da OMS, a deficiência motora, abrange todas as alterações ou deficiências orgânicas do aparelho motor ou do seu funcionamento, que afectam o sistema ósseo, articular, nervoso e/ou muscular”*.

Dificuldade Visual é um tipo de dificuldade muito frequente nas crianças e usualmente utiliza-se o termo défice visual para a caracterizar. Esta criança pode ser assim entendida como aquela que sofre de uma alteração permanente nos olhos ou nas vias de condução do impulso visual, segundo a página [«www.deficienciavisual.com.sapo.pt»](http://www.deficienciavisual.com.sapo.pt) refere, citando Martin e Bueno (s/d).

Dificuldade Auditiva que é segundo a O.M.S. (2003) citado por Monteiro (2008: p. 43), a *“alteração significativa da percepção da presença de sons, da discriminação e localização, timbre, intensidade e qualidade dos sons. Nesse sentido, o indivíduo com deficiência auditiva, pode apresentar características deficitárias nas estruturas relacionadas com a audição a três níveis, ouvido externo, ouvido médio e ouvido interno”*.

O nosso estudo, embora tenha como ponto fulcral a problemática das NEE, ele assentou essencialmente na questão acerca das Percepções e das Práticas dos Professores, sobre a Integração e Inclusão desses alunos especiais nas aulas de Educação Física, daí também ser pertinente apresentarmos um breve conceito destas palavras-chave. Assim temos:

O conceito de **Percepção**, como sendo o *“acto ou efeito de perceber; tomada de conhecimento sensorial de objectos ou de acontecimentos exteriores”* segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora (2004). Percepções são as formas como o indivíduo percebe e atribui valores à realidade que o cerca.

O conceito de **Integração** como sendo o *“acto ou efeito de integrar ou integrar-se; inclusão de novos elementos a um sistema; processo pelo qual um indivíduo ou um grupo se incorpora e adapta a uma sociedade ou cultura”* como refere o Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora (2004).

O conceito de **Inclusão** como sendo o “*acto ou efeito de abranger, compreender ou integrar; acto ou efeito de inserir ou acrescentar*” de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora (2004).

O conceito de **Educação Inclusiva** pode ser definido como sendo “*o desenvolvimento de uma educação apropriada e de alta qualidade para alunos com necessidades especiais na escola regular*” segundo Hegarty (1994) citado por Rodrigues (2007).

A escola Inclusiva / A Educação Inclusiva / A Inclusão

Tal como refere Rodrigues (2007) a “*proclamação da «Declaração de Salamanca» (UNESCO, 1994) é uma verdadeira “magna carta” da mudança de paradigma da escola integrativa para a educação inclusiva. Toda a declaração aponta para um novo entendimento do papel da escola regular na educação de alunos com NEE*”.

Antes da inclusão propriamente dita, dos alunos com Necessidades Educativas Especiais no ensino regular, este processo inclusivo passou por várias fases, sendo, tal como defende Correia (2003), a primeira, aquela que passou pela integração física destes alunos nas escolas regulares, preconizando uma mudança radical quanto à forma como estes alunos com NEE eram educados e acompanhados, abrindo caminho à sua entrada nas escolas regulares.

Ainda segundo Correia (2003) esta entrada viria a dar lugar a uma aproximação em termos de interações entre os alunos com Necessidades Educativas Especiais e os outros alunos, criando-se assim para os primeiros, o acesso aos ambientes sociais das classes regulares. Esta foi a fase da integração, denominada de integração social, a qual preconiza que o aluno com NEE beneficia mais com um ensino à parte no que respeita às áreas académicas (as quais definem muitas vezes por áreas nobres), e reconhece que ele se deva juntar aos seus colegas nas áreas específicas das Expressões, onde surgem a Educação Física e Educação Visual e Tecnológica.

Castro (2009), defende mesmo que uma Escola Inclusiva é uma Escola onde todas as crianças deverão ser respeitadas e encorajadas a aprender, mas mesmo que se fale muito em reestruturações e reorganizações do ensino, ainda existem muitos professores que se questionam quanto à melhor forma de responderem às necessidades dos alunos com Necessidades Educativas Especiais.

Os desafios que a educação inclusiva coloca acentuam a necessidade de reformulação da formação e capacitação de todos os professores para lidarem com a diferença na sala de aula e na

escola, visando uma orientação educativa flexível, contribuindo para uma melhoria das respostas de todos alunos, incluindo os que se encontram em situações de maior vulnerabilidade (Rodrigues, 2006).

“A Escola deve procurar reconhecer os diversos estilos de aprendizagem garantindo um nível de educação de qualidade, através da flexibilização curricular e de uma adequada apropriação de estratégias pedagógicas e recursos” (Ferreira 2009).

Nesta perspectiva, Ferreira (2009), refere que a *“Diferenciação Pedagógica tem como objectivo o sucesso educativo de cada um, na sua diferença. Esta é uma preocupação importante numa escola que tem de ser para todos, constituindo um interessante desafio aos professores”*.

Perrenoud (2000), refere-se à diferenciação pedagógica como sendo preciso mudar profundamente a escola para que cada aluno, através de uma pedagogia que responda às suas características individuais, possa vivenciar situações ricas de aprendizagem.

Ainda de acordo com a perspectiva de Ferreira (2009), para se considerar a Diversidade e consequentemente a Diferenciação Pedagógica, é necessário adequar as estratégias de ensino à diversidade dos alunos, sem no entanto, isso significar, que a escola e os professores ao trabalhar estas estratégias pretendam facilitar o acesso aos currículos sem considerar o sucesso necessário à aquisição de aprendizagens.

Neste sentido, em nosso entender, é importante que os professores para fazerem a inclusão de todos os alunos nas suas aulas se apropriem de múltiplas estratégias de actuação e sejam ao mesmo tempo conhecedores de práticas a fim de serem capazes de corresponder às necessidades específicas dos seus alunos, seleccionando e adaptando as estratégias mais adequadas ao contexto da sua aula.

Segundo Pomar et al. (s/d) *“existe já uma assinalável literatura sobre práticas e estratégias inclusivas em sala de aula. Com base na análise desta documentação, o projecto IRIS procurou definir ou salientar um conjunto de práticas e estratégias que poderão constituir-se como referências eficazes. Contudo, há que ter sempre presente que não existe, propriamente, “receitas” e que cada sugestão ou estratégia deverá ser devidamente ponderada e adaptada às características do contexto educativo onde vai ser utilizada”*.

Metodologia

O presente trabalho consistiu em desenvolver, validar e implementar um guião de entrevista para saber quais as percepções e práticas dos professores de Educação Física face à inclusão de alunos com Necessidade Educativas Especiais nas suas aulas.

No nosso estudo utilizámos instrumentos metodológicos de orientação fundamentalmente qualitativa, empregando para recolha de dados a entrevista semi-estruturada. Posteriormente fizemos uma análise de conteúdo.

Segundo Graça (1997), a amostra deve possibilitar a recolha o mais abrangente possível das informações que, dizem respeito ao trabalho desenvolvido pelo professor.

A amostra foi constituída por 4 professores de Educação Física, com alunos com NEE. Estes professores eram docentes de Escolas do 2º e 3º ciclos do ensino Básico, pertencentes à cidade de Évora. A escolha destas escolas e dos professores em causa, não foi feita de forma aleatória, dado que essa escolha obedeceu a certos critérios, tais como, as escolas terem alunos com NEE integrados em turmas de ensino regular, na disciplina de Educação Física e os professores serem ou terem sido recentemente docentes dessas turmas.

Relativamente ao instrumento utilizado para recolha de dados, aplicamos uma entrevista por nós adaptada do guião da entrevista do “Projecto IRIS”, Universidade de Évora (2007), a qual será apresentada em **(Anexo 5)**.

A recolha dos dados foi feita através de entrevista semi-estruturada. A análise dos dados das entrevistas foi feita individualmente. Fez-se a sua transcrição integral e respectiva análise de conteúdo, de acordo com as diferentes dimensões, para daí obtermos os resultados do nosso estudo e respectivas conclusões, os quais serão apresentados mais adiante.

Os dados retirados após aplicação do instrumento foram tratados de forma descritiva e quantitativa. Os procedimentos dos mesmos, tem como objectivo relacionar a informação retirada dos professores de Educação Física. As suas percepções e práticas face à inclusão de alunos com NEE, e as estratégias utilizadas para melhorar a inclusão desses alunos.

Após a análise e tratamento dos resultados, apresentamos algumas das conclusões mais relevantes. Uma vez que a amostra é pequena (4 professores), podemos dizer que é um estudo de

caso. Optámos por retirar as ideias fortes de cada entrevistado, referente a cada questão, apresentando abaixo algumas dessas ideias.

Questão 1 – Para si o que é uma Escola inclusiva?

...”Respeita todos os alunos independentemente de terem NEE e abrange as necessidades de todos”.

...”É fazer a inclusão de miúdos com NEE, Conseguirem ser autónomos”.

...”É a que inclui todo o tipo de deficiências. A que faz integrar os NEE”.

...”Permite integrar alunos com necessidades educativas especiais”.

Perante os dados acima apresentados conclui-se que escola inclusiva é aquela que abrange, integra, inclui todos os alunos.

Questão 2 – O que faz no contexto da sua aula com alunos com NEE para que ela seja inclusiva / que práticas de ensino promove neste sentido?

...”Costumo misturar, os grupos os alunos não só pelo nível de dificuldade e facilidades, mas acabo por agrupa-los independentemente das aptidões”.

...”Fazemos adaptações em relação a cada caso”.

...”Não sinto muita dificuldade em integrar os NEE, porque eles já facilmente se adaptam e os outros alunos também se adaptam aos NEE”.

...”Tenho que adaptar os programas”.

Analisando o que dizem os professores, podemos constatar que agrupam e adaptam as suas aulas às circunstâncias com que se deparam.

Questão 3 – A inclusão dos alunos com NEE nas aulas traduz-se em exigência e esforços adicionais para o professor? Porquê?

...”Sim. Isso ai depende das características dos miúdos”.

...”Que há sempre um trabalho acrescido”.

...”Que estar mais atentos a todos os pormenores, todas as dificuldades a ultrapassar”.

...”Esses alunos são sempre acompanhados por auxiliares com especialização ou por professores”.

Neste ponto todos os entrevistados adoptam ideias diferentes, tem de estar mais atentos, depende das características dos alunos, trabalho mais acrescido.

Questão 4 – Em que medida considera que a Educação Física, enquanto disciplina escolar poderá contribuir para a inclusão de alunos com NEE?

...”Depende da nossa postura como professor, depende da nossa maneira de ser, da nossa maneira de estar, da nossa atitude perante a diferença do outro”.

... "A Educação Física é uma mais-valia, porque é uma disciplina prática, essencialmente trabalham em grupo".

... "Extremamente importante, muito importante, é das mais fortes, porque existe o contacto físico, o grupo, espírito de equipa, etc."

... "Principalmente na parte, na vertente social".

A ideia forte que podemos retirar depois de analisarmos a informação que os professores entrevistados apontam, é a mais-valia da disciplina de Educação Física, para a integração de alunos com NEE.

Questão 5 – Existe alguém que trabalhe consigo no sentido de o apoiar para que a sua aula seja inclusiva?

... "Sim. Eu não tenho apoio de auxiliares, mas existe, acho que é mesmo a mais-valia".

... "Na escola existe a equipa de apoio, do ensino especial".

... "A nível dos surdos, tenho a intérprete de linguagem gestual. Ao nível de educação física esse apoio não existe".

... "A experiência que eu tive, os alunos, são sempre acompanhados por um professor do ensino especializado ou por auxiliares com experiência".

Podemos aferir relativamente às ideias apresentadas, que todos os docentes têm alguém que os apoia quando nas suas turmas há alunos com NEE.

Questão 7 – Quais são os principais obstáculos que encontra numa aula de Educação Física com alunos com NEE?

... "Isso depende das NEE de cada um, os obstáculos é mesmo mudar as atitudes de todos nos, quer dos professores, quer dos próprios alunos".

... "O principal obstáculo é logo à partida o número de alunos turma".

... "Vamos falar dos surdos, não encontro obstáculos. Uma vez que a interprete que está presente traduz tudo aquilo que eu digo".

... "Primeiro que tudo os próprios alunos. A minha formação é um pouco limitada ao nível do ensino especializado".

Também nesta questão os docentes entrevistados apresentam diferentes ideias, ou diferentes formas de enfrentar os obstáculos. Não deixando todos eles de apontarem pequenas necessidades que sentem nas suas aulas. Salientando um deles que tem uma interprete presente, permitindo a tradução simultânea e facilitando a interpretação do que é transmitido pelo docente.

Questão 8 – Quais são os principais recursos existentes para a promoção de uma aula de Educação Física com alunos com NEE?

... "Temos comprado já material de psicomotricidade".

...”A escola tem esse material, mas para ser sincero eu na aula não costumo utilizar esse tipo de material”.

...”Os recursos utilizados praticamente são os que utilizamos com os outros alunos”.

...”Primeiro que tudo temos os recursos humanos. Recursos materiais, a escola dispõe de recursos adaptados”.

Pensamos que nesta questão existe unanimidade. Todos referem que as respectivas escolas têm diversos recursos, apesar de nem todos eles o utilizarem nas suas aulas.

Questão 9 – Quais os principais benefícios ou mais-valias que as suas aulas com alunos NEE poderão ter?

...”Para já o relacionamento, eu acho que sou muito afectiva com os miúdos e relaciono-me bastante bem com eles todos”.

...”Sinceramente, acho que (...) eles deveriam estar noutra lugar. Acho que a escola não é inclusiva”.

...”Para os alunos ditos normais é a tal inclusão, aceitar a diferença, perceber que existe o outro, as suas dificuldades, tentar colaborar e ultrapassar essas dificuldades”.

...”É muito importante para os outros alunos terem a percepção de que estes alunos especiais, também têm direito à actividade, às aulas de educação ao currículo normal, apesar de adaptado”.

Relativamente a esta questão há respostas algo diferentes, apesar de a ideia forte que nós retiramos, ser a importância atribuída ao relacionamento entre os pares (alunos normais e com NEE). Salientamos que um dos docentes afirma peremptoriamente que os alunos com NEE, deveriam estar noutra lugar e não incluídos nas turmas.

Conclusões

Em seguida mencionamos algumas das conclusões que retirámos deste estudo.

O nosso objectivo era precisamente saber algo mais sobre o tema, para num futuro próximo podermos agir correctamente, perante a presença de alunos com NEE, nas nossas futuras aulas de Educação Física.

Na interpretação dos conteúdos das entrevistas, tentámos basear-nos nas nossas poucas vivências e principalmente, no suporte da revisão da literatura que fizemos. Neste sentido, poderá entender-se que aquela que pensamos ser uma dificuldade se transformou numa vantagem, já que nos obrigou a fazer uma maior pesquisa sobre o tema e uma reforçada atenção e concentração no momento de procedermos à interpretação e análise das respostas dos entrevistados.

A escolha do tema foi uma mais-valia, sendo uma fonte de conhecimento, pois, além de conhecermos as opiniões dos nossos colegas que trabalham com estes alunos especiais, ficámos também a saber como eles actuam quando têm alunos com NEE nas aulas de Educação Física.

Um dos resultados que este estudo poderá produzir para o desenvolvimento da nossa prática profissional em Educação Física, é o facto de nos levar a verificar que o professor para promover a inclusão de alunos com NEE nas suas aulas, antes de se centrar e concentrar na ideia de que esse aluno tem de aprender o conteúdo e a matéria, deverá consciencializar-se de que o seu papel perante estes alunos, e o papel da própria disciplina de Educação Física, devido às interações que implica, são elementos fundamentais e muito poderosos no processo de socialização dos alunos NEE e também dos outros alunos, através da prática desportiva.

Outra das conclusões, que podemos inferir deste estudo, é que o professor de Educação Física, independentemente das condições, em termos de recursos humanos, materiais e espaciais, existentes ou não na sua escola, tem de ser capaz de se adaptar a essa realidade e integrar os alunos com NEE nas aulas regulares.

Retiramos também do estudo, o facto de considerarmos que os PNEF deveriam estar adaptados a esta circunstância, ou seja, deveriam prever a inclusão de alunos com NEE, quer a nível de referência a competências/matérias adequadas, quer a nível da adequação do processo de avaliação.

O facto de os auxiliares que acompanham os alunos com NEE, nas aulas de Educação Física não possuírem formação específica e especializada para tal, implicando um esforço acrescido para o professor, e acréscimo de atenção dirigida a esses alunos.

Não podíamos deixar de considerar relevante, o facto de o professor ter de ir à procura de formação (contínua) específica para que essa falta de formação não se torne um obstáculo para a leccionação das aulas com os alunos NEE.

Por último e em forma de conclusão final, não poderíamos deixar considerar que o professor deverá ter uma atitude positiva perante a inclusão dos alunos com NEE nas aulas, no sentido de conseguir inculcar aos outros alunos o respeito pela diferença, a tolerância e a aceitação do facto de que estes alunos requerem muita atenção do professor.

Concluimos assim, que ainda existe uma certa discrepância entre o que se concebe ser a inclusão de alunos com NEE nas aulas de currículo normal e as realidades sobre as atitudes, a formação e o apoio que os professores de Educação Física dispõem para concretizar a educação inclusiva.

Consideramos que a educação motora proporcionada através da disciplina de Educação Física é um direito de todos os alunos, logo tem de ser inclusiva e nenhum aluno pode ser dispensado dela.

Em suma, consideramos que a Educação Física pode, com rigor e com investimento por parte dos seus profissionais, ser efectivamente uma disciplina chave para tornar a educação mais inclusiva e pode mesmo, ser um campo privilegiado de experimentação, de inovação e de melhoria da qualidade pedagógica na escola. O processo da inclusão de alunos com NEE tem muito a beneficiar com as metodologias e estratégias que são utilizadas na Educação Física, uma vez que podem usar a corpo, o movimento, o jogo, a expressão e o desporto como oportunidade para aceitar a diferença e proporcionar aos alunos experiências que desenvolvam a sociabilidade e realcem a cooperação e a solidariedade.

Actividade Docente no 2º ciclo do Ensino Básico

Já passaram alguns anos desde o ultimo que leccionei a disciplina de Educação Física. Foi no ano lectivo de 2003/2004. Nesse ano, estive colocado na Escola Básica 2,3/S D. Manuel I de Alcochete.

Em conformidade com o artigo 39º do E.C.D., foram desenvolvidas ao longo do período atrás referido, actividades educativas, individualmente e em grupo, que se reportaram a quatro aspectos, nomeadamente ao aspecto da educação em geral, do ensino propriamente dito, de outros serviços prestados à comunidade e, finalmente ao aspecto das qualificações.

O nosso primeiro contacto com a escola revelou-se positivo. Na Escola Básica 2,3/S D. Manuel I de Alcochete, senti sempre um ambiente acolhedor e de convívio agradável proporcionado pela boa disposição geral, cooperação e entreaajuda por parte dos colegas docentes e pela amabilidade, eficiência e disponibilidade do pessoal auxiliar.

A simpatia, a compreensão e a disponibilidade para com toda a população escolar, por parte dos membros da Comissão Executiva, assim como a sua postura democrática e o seu espírito metódico, responsável e dinamizador foram sem dúvida um contributo para garantir o bem-estar de todos.

No presente ano lectivo, desempenhei as seguintes funções: director de instalações desportivas e professor coordenador do Núcleo de Desporto Escolar da Escola D. Manuel I de Alcochete.

Foi-me também atribuída 1 hora de TNL (Ocupação de tempos não lectivos), onde desenvolvi como actividade interna os Jogos Tradicionais.

O horário distribuído foi de 22 horas lectivas e era constituído pelas seguintes turmas: 5º Ano, turmas A, B, C, D, E e G – Educação Física (blocos de 45 minutos e 90 minutos);

O grupo de Educação Física promoveu algumas actividades neste ano, com características extracurriculares, mas que estavam contempladas no planeamento anual. Foram: Torneio inter-turmas masculino e feminino de Futebol, Torneio inter-turmas misto de Andebol, Torneio de Jogos Tradicionais, Passeio de BTT, Orientação (Na Pista de...), Ginástica Acrobática com participação no Desporto Escolar, Ginástica Aeróbica, Badmington e Natação.

Relativamente ao processo ensino-aprendizagem, a planificação das aulas foi elaborada cuidadosamente tendo em conta as dificuldades iniciais após teste diagnóstico, demonstradas pelos alunos, assim como a aquisição destes dos conteúdos fundamentais da disciplina de Educação Física, procurando sempre apresentar as actividades lectivas de uma forma atractiva e utilizando os conhecimentos das áreas da didáctica e da pedagogia das actividades físicas e desportivas. Embora em consciência de que o que sobremaneira interessa é a qualidade e não a quantidade, foi procurado de acordo com as possibilidades e o ritmo de cada turma, cumprir as competências mínimas aprovadas pelo Conselho Pedagógico da escola.

Procurei criar um clima positivo e favorável nas aulas, utilizando estratégias diversificadas, na tentativa de adequar as situações de aprendizagem ao nível do desenvolvimento dos alunos.

Preparei cuidadosamente as matérias a ministrar, os planos de aula e as provas adequadas e no âmbito da avaliação contínua, quer ao nível da prática, quer ao nível da escrita. Levando em linha de conta a inserção de alunos com currículos especiais nalgumas turmas que me foram distribuídas.

Diversifiquei adequadamente os métodos de abordagem dos diferentes temas, de modo a manter os alunos interessados e participativos. Também utilizei métodos activos baseados no diálogo professor/aluno e aluno/aluno. Proporcionei sempre aos alunos o apoio de que tinham necessidade e mantive com eles um bom relacionamento.

Na maioria das turmas foram obtidos bons resultados em termos de aproveitamento e comportamento.

Como professor de várias turmas do 5º ano, sempre que solicitado e tivesse disponibilidade, acompanhei as turmas em visitas de estudo: Jardim Botânico. Fui também solicitado para uma reunião de coordenadores de Desporto Escolar em Palmela e participação como coordenador do Desporto Escolar no Corta-mato escolar em Setúbal. Mantive sempre que necessário contactos com a autarquia CMA, nomeadamente uma reunião no início do ano lectivo com o professor Anselmo, com o objectivo de colaboração entre as duas entidades.

Relativamente a outros serviços prestados à comunidade, neste sector foi procurado conhecer a comunidade em que a escola se integra e que serve, pelo que a sua visita foi essencial de forma a compreender a realidade dos alunos, e assim, contribuir para uma melhor relação pedagógica.

Como membro do corpo docente da escola, nunca me recusei ao desempenho dos cargos pedagógicos para que fui nomeado, e nesse desempenho coloquei o maior interesse, capacidade e disponibilidade.

Quanto às exigências do artigo 10º do E.C.D., foram cumpridos os deveres profissionais a que este artigo se refere, tanto aos deveres gerais inerentes ao funcionalismo público, como os deveres específicos da carreira docente do Ensino Básico e Secundário, estes últimos contidos em todas as alíneas do nº2 de citado artigo.

A formação contínua faz parte das exigências que se colocam ao professor de uma forma premente. Assim e na perspectiva de aperfeiçoamento pessoal e profissional, durante este ano lectivo, participei em Acções de Formação, Congressos e Seminários dentro da área da minha actividade profissional;

Nos dias 18 e 19 de Outubro de 2003, participei numa Acção de Formação de “Adaptação ao Meio Aquático” – organizada pelo Aminata em Évora;

Nos dias 27 a 29 de Novembro de 2003, participei no “VI Congresso Nacional de Educação Física” – em Lisboa;

Nos dias 24 a 30 de Janeiro de 2004, participei na Acção de Formação “Desportos de Inverno – Ski -” em Serra Nevada, organizada pelo Centro de Área Educativa do Oeste;

Nos dias 27 e 28 de Fevereiro de 2004, participei no Fórum Municipal de Desporto organizado pela CME;

No dia 15 de Maio de 2004, participei numa Acção de Formação de Natação “Evolução e Características de Técnica de Bruços Variantes e Condições de Eficiência” – organizada pelo Aminata em Évora;

Nos dias 28 de Junho a 6 de Julho participei na Acção de Formação “Actividades de Exploração de Natureza em Meio Escolar (Nível II)”, em Évora.

Fazendo o exame retrospectivo e crítico, em forma de balanço, julgo poder concluir, que foi com empenho e responsabilidade que realizei as tarefas educativas, foram utilizados métodos pedagógicos apreendidos durante a formação inicial, de forma a adaptá-los às realidades específicas da população escolar com a qual trabalhei. A experiência mostra, que apesar de os resultados terem sido compensadores, que me deve ser possível, nos próximos anos, reforçar e qualificar as minhas iniciativas, especialmente na área da educação em geral, onde as perspectivas são tão largas que sempre muito mais e melhor se pode fazer. Do mesmo modo e para garantir um crescente sucesso escolar, considero necessário intensificar as relações da escola com os encarregados de educação, sensibilizando-os mais vivamente no sentido de aumentarem os seus contactos com os professores, esta preocupação advém do facto de corroborar com alguns autores que consideram que a relação da escola com os encarregados de educação é um factor de vital importância para o sucesso pedagógico do processo de Ensino e das Aprendizagens.

Penso, que procurei uma constante actualização e valorização da minha formação com o intuito de conseguir um estilo próprio, acessível e eficaz. Assim, procurei dar o meu melhor com competência e responsabilidade.

6. CONCLUSÃO

O Estágio Pedagógico é a parte terminal da Formação Inicial do professor, uma formação que irá prolongar-se ao longo de toda a vida profissional, num processo sempre inacabado de Formação Contínua (Matos, Gomes, Graça & Queirós, 1993).

Destacamos alguns momentos como sendo os mais relevantes, nomeadamente a importância do planeamento entre outros que em baixo mencionamos. Estes permitiram que a eficácia das nossas intervenções, pudesse de alguma forma melhorar a qualidade das aulas e conseqüentemente a eficácia do processo ensino e aprendizagem. Este processo permitiu-nos confrontar os nossos conhecimentos e concepções anteriormente assimiladas com as situações práticas de ensino.

Posteriormente a etapa da realização, aquela onde nos sentimos verdadeiramente úteis e onde tivemos oportunidade de expor todo o nosso trabalho. Sendo que algumas das nossas preocupações iniciais eram de chegar a todos os alunos, à sua individualidade, que estes tivessem um bom Tempo Potencial de Aprendizagem, aprendessem e utilizassem para cada matéria a terminologia correspondente e que sempre que necessário e adequado fossem emitidos feedbacks que contribuíssem para a motivação dos alunos.

Salientamos o seguinte: Os pontos referidos anteriormente já não constituem uma preocupação, mas sim uma realidade positiva, no entanto, assumimos que mais algum trabalho haveria a fazer e que se o tempo de aulas fosse mais prolongado, melhor seria a nossa acção e melhores poderiam ter sido os resultados. Outro aspecto que consideramos importante e que foi sendo trabalhado e aperfeiçoado, foi a organização da turma durante a aula (criar rotinas de disposição nos diferentes espaços) e a resposta às necessidades que esta havia demonstrado no sentido de se criar a cada novo exercício um espaço para demonstração e exemplificação prática (com o envolvimento dos alunos).

Se na etapa anterior nos sentimos relativamente à vontade, na etapa da avaliação tal não aconteceu. Para nós este momento foi algo complexo, numa fase inicial. Fosse para nos avaliarmos ou para avaliar, os colegas ou alunos. No caso dos colegas, principalmente após as aulas observadas, foi sempre uma tarefa não muito apetecível a de ter de falar ou escrever sobre a sua prestação. Por tudo, isto tentámos evoluir no sentido de descontrair nas primeiras aulas do ano lectivo e nas aulas supervisionadas: missão “quase” cumprida!

Relativamente à avaliação, inicialmente deparámo-nos com algumas dificuldades por todo o processo que está implícito à mesma, ainda que todo o processo de avaliação estivesse facilitado,

devido aos cuidados extremos na elaboração dos documentos de apoio. Essas dificuldades foram sobretudo ao nível do planeamento, nomeadamente na fase da avaliação formativa e sumativa.

No que respeita à avaliação formativa, inicialmente sentimos algumas dificuldades em realizar registos nas aulas. Facto que com o passar do tempo e com o conhecimento dos alunos, esta dificuldade foi sendo colmatada tornando-se uma tarefa normal ao longo das aulas de avaliação formativa.

Quanto à nossa participação na escola fazemos uma apreciação muitíssimo positiva, em grande parte devido aos seguintes motivos: as atitudes dos professores e dos funcionários para conosco e a autonomia fornecida pelo nosso orientador para a realização das actividades na escola. Consideramos, que desde sempre tivemos a sorte de ser vistos pelos professores da escola, em geral, e das turmas em particular, como um professor e não tanto como um professor estagiário, talvez derivado da nossa forma de estar e lidar com as situações da aula. No que diz respeito à total autonomia que nos foi fornecida pelo nosso orientador no momento de planear e executar as actividades por nós propostas, de referir que sempre pudemos contar com o seu incentivo e conselhos de quem já dedica ao ensino alguma parte da sua vida.

Finalmente, no que diz respeito ao nosso desenvolvimento profissional, assumimos que o trabalho proposto neste ano lectivo, foi deveras importante para o enriquecimento enquanto futuro docente nos ciclos de ensino referidos e consistiu num enorme desafio para nós estagiários enquanto grupo. Mesmo quando as coisas pareciam não correr pelo melhor, mesmo quando já não suportávamos a ideia de que não sairia dali um bom trabalho, não baixamos os braços.

Podemos afirmar que, após finalizar esta etapa, sentimos que estamos mais aptos a cumprir a função de professor, a adequar todo um conjunto de conhecimentos e conteúdos a situações concretas. Levamos deste ano muitas experiências, muita sabedoria, muitos momentos que em tudo modificaram o nosso ser. Num mundo que é e não é o nosso, descobrimos aquilo a que chamamos de caminho, que embora diferente se tornou muito aliciante e muito gratificante.

Ao longo deste ano todo o trabalho que desenvolvemos no estágio, foi deveras gratificante na nossa formação como professores. A sua mais valia implicou todo o leque de experiências e desafios, que de certa forma contribuíram positivamente para o enaltecer e melhorar ainda mais as nossas competências pedagógicas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta área de tão grande saber e conhecimento que é a educação, sabemos que nunca houveram fórmulas, nem receitas. O que há mesmo é que cada realidade é diferente da outra, cada aluno é diferente, cada turma é diferente, cada escola é diferente, surgindo-nos diariamente novos desafios, dificuldades, às quais temos que nos adaptar. Encontrar soluções para resolvê-las.

Assim, surgiu o nosso interesse para frequentar este mestrado, apesar de já sermos profissionalizados neste grupo disciplinar, mas com habilitação só para o 2º ciclo do ensino básico.

Sentimos de alguma forma que o nosso processo de formação estava inacabado, havia algo que faltava na nossa formação. Tínhamos consciência que deveríamos/poderíamos melhorar as nossas práticas, experiências, tornar-nos mais consciente à luz de novas vivências e de mais conhecimento.

Sendo a PES uma unidade curricular como uma componente de formação integradora da formação educacional geral, das didáticas específicas, da formação cultural, social e ética, da formação em metodologias de investigação educacional e da formação na área da docência, que visa o desenvolvimento pessoal e profissional do futuro docente, através da iniciação à prática profissional num determinado domínio de habilitação para a docência, permitiu-nos perceber quais as metodologias e processos necessários para podermos ser cada vez mais profissionais de excelência.

Seguimos como referência o que afirma Crum (2002), “a formação no âmbito do domínio pedagógico do conteúdo é definitivamente a competência essencial para o professor de Educação Física, (p: 70).

Também Schempp (2003), valoriza o papel das vivências pessoais e da formação curricular, afirmando que o conhecimento não pode ser visto como algo que se apanha já pronto a usar, em vez disso, as pessoas constroem o conhecimento quando associam novas informações a conhecimentos que já possuem, fruto da experiência e do estudo.

Pensamos que muito fica por dizer deste processo, a escolha, a condução, a partilha, o apoio, as adversidades, a motivação e a responsabilidade, foram os ingredientes que no seu todo fizeram deste processo, um processo contínuo, natural e eficaz. Temos alguma dificuldade em quantificar a grandeza da nossa aprendizagem, o valor do nosso crescimento enquanto Ser. O estágio foi o

processo que marcou de certa forma o final da nossa formação enquanto docente de Educação Física, nos ciclos de ensino mencionados.

Salientamos também, a relação estabelecida com toda a comunidade escolar, desde os funcionários aos professores de outras disciplinas e até com a própria direcção. Talvez o facto de termos sido alunos desta Escola, possa ter sido um factor de ajuda a essa relação. Pensamos que o trabalho desenvolvido e a postura assumida desde o início do ano lectivo, na qual atribuímos particular valor ao nosso professor orientador, permitiu-nos diferenciar e elevar os nossos conhecimentos perante toda a comunidade escolar. Não é o facto de sermos reconhecidos perante a escola que nos alegra particularmente, é sim o facto da escola poder contar com o nosso trabalho, onde os alunos foram e serão sempre os protagonistas.

Continuando assim, a ser nossa pretensão encontrar formas de aferir, referir e aprimorar a nossa acção enquanto professores, caminhando no bom caminho, aquele a que chamamos caminho da docência e do ensino de qualidade da disciplina de Educação Física.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrantes, P. (2002). A avaliação das Aprendizagens no Ensino Básico. In Ministério da Educação (Ed.), *Reorganização Curricular do Ensino Básico: Avaliação das Aprendizagens, das concepções às práticas*. Lisboa.

Araújo, D. (2005). *O contexto da Decisão. A Acção Táctica no Desporto*. Lisboa: Visão e Contextos.

Bloom, B. (1979). *Caracteristiques individuelles et apprentissages scolaires* (V. D. Landsheere, Trad.). Bruxelles : Editions Labor.

Bom, L., Carreiro da Costa, F., Jacinto, J., Cruz, S., Pedreira, M., Rocha, L., et al. (2001). *Programa de Educação física do 3º ciclo do ensino básico (Reajustamento)*.

Bom L. (2010). "The Carousel Effect. Curriculum in Action as a Management Routine". Faculdade de Educação Física e Desporto – Universidade Lusófona, Lisboa. Portugal. Comunicação ao Congresso Internacional do AISEF da Corunha.

Borrvalho, A. (2002). Didáctica da Matemática e Formação Inicial: Um Estudo com Três Futuros Professores. *Tese de Doutoramento não publicada. Évora: Universidade de Évora*.

Carreiro da Costa, F. (1995). A Investigação sobre a Eficácia Pedagógica. *Inovação*. Vol. IV, nº 1, 9-27.

Carvalho, L. (1994). Avaliação das aprendizagens em Educação Física. *Boletim SPEF*, 10/11, 135-151.

Castro, H. (2009). Percepções dos professores relativamente à diferenciação pedagógica em alunos com PEA. Pós-Graduação em Ensino Especial. Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. Porto.

Clark, C. & Peterson, P. (1986). Teachers' thought processes. In: M. Wittrockl (edits.) *Handbook of Research of Teaching*. 3rd ed. New York: Macmillan, 255-296.

Correia, L. M. (2003). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais. Um guia para Educadores e Professores*. Porto: Porto Editora.

Cortesão, L. (2002). Formas de ensinar, formas de avaliar: Breve análise de práticas de avaliação. In Ministério da Educação (Ed.), *Reorganização Curricular do ensino Básico: Avaliação das aprendizagens, das concepções às práticas*. Lisboa.

Crum, B. (2002). Funções e Competências dos Professores de EF: Consequências para a Formação Inicial. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, pp. 61-76.

Cruz, J. (2002). *A intervenção pedagógica do treinador de Hóquei em Patins: estudo aplicado em treinadores do escalão de infantis A*. Porto: FCDEF-UP. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto (2001). Diário da República nº201, 30 de Agosto de 2001. I Série-A. Ministério da Educação.

Decreto-Lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro (2007). Diário da República nº38, 22 de Fevereiro de 2007. I Série. Ministério da Educação.

Decreto Regulamentar nº2/2008 de 10 de Janeiro, (2008). Diário da República nº 7, 10 de Janeiro de 2008. 1ª Série. Ministério da Educação.

Departamento de Pedagogia e Educação (2010). Guião para elaboração do relatório correspondente à unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada. Universidade de Évora. Documento não publicado.

Dicionário da Língua Portuguesa (2004). Porto Editora.

Documento de Apoio à Organização Curricular e Programas de Educação Física, (2010). Equipa responsável pelas Metas de Aprendizagem de Educação Física. Ministério da Educação. DGIDC. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Etchepare, L. (2000). *A avaliação escolar da Educação Física na rede municipal, estadual, particular e federal de ensino de Santa Maria*. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

Farias, C. (2007). *A intervenção pedagógica do conteúdo do treinador de Futebol. Estudo Aplicado em treinadores Licenciados em Educação Física nos Escalões de Escolinhas e Infantis*. Porto:

FADEU-UP. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Ferraz, M. J., Carvalho, A., Dantas, C., Cavaco, H., Barbosa, J. & Tourais, L. (1994). *Avaliação criterial/Avaliação normativa. Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem*. Lisboa: IIE.

Ferreira, A. (2009). A Diferenciação Pedagógica nas Aulas de Educação Física em Alunos com Perturbações do Espectro do Autismo. A Perspectiva dos Professores de Educação Física. Tese de Mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Gomes, M. (2009). A Arte de e para a vida. *Revista Saber Educar / Cadernos de Estudo*, nº 14. Escola Superior Paula Frassinetti. Porto.

Graça, A. (1997). O Conhecimento Pedagógico do Conteúdo no Ensino do Basquetebol. Tese de Doutoramento não publicada, FCDEF/UP, Porto.

Graça, A. (2001). Breve roteiro da investigação empírica na pedagogia do desporto: A investigação sobre o ensino da educação física. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1, 1, 104-113.

Hegarty, S. (1994). Integration and the Teacher. In C. Meyer, S. Pijl and S. Hergaty (Eds.). *New Perspectives in Special Education: a Six Country Study of Integration*. London: Routledge.

Matos, Z., Gomes, P., Graça, A. e Queirós, P. (1993). Comparação do tipo e grau de preocupações de professores experientes e professores em situação de estágio. In: J. Bento & A. Marques (Eds.), *A Ciência do Desporto. A Cultura e o Homem*, 493 – 500. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade do Porto e Câmara Municipal do Porto.

Ministério da Educação. (2008). Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de Janeiro. *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 4, 154-164.

Monteiro, V. (2008). Atitude dos Professores de Educação Física no Ensino dos Alunos com Deficiência. Tese de Mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Moretto, V. (2007). *Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento de competências*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Mota, J. (1989). As funções do feedback pedagógico. *Revista Horizonte*, VI (31), 23-26.

- Nielsen, L. B. (1999). *Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula*. Porto Editora. Porto.
- O.M.S. (1989). *Classificação Internacional das deficiências, incapacidades e desvantagens (handicaps). Um manual de classificação das consequências das doenças*. Lisboa. Ministério do Emprego e Segurança Social/Secretariado Nacional de Reabilitação.
- O.M.S. (2003). *Classificação Internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde*.
- Pacheco, B.; Valencia, P.; Hallahan e Kuffman (1997). A Deficiência Mental In: *R. Bautista (Eds), Necessidades Educativas Especiais (209-223)*. Dinalivro. Lisboa.
- Peralta, H. (2002). Como avaliar competências? Algumas considerações. In P. Abrantes e F. Araújo (Coords). *Reorganização Curricular do Ensino Básico-Avaliação das Aprendizagens: das concepções às práticas (pp.27-33)*. Lisboa: Editorial do ME/DEB.
- Perrenoud, P. (2000). *Pedagogia Diferenciada: das intenções à acção*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pestana, G. (2006). O Sucesso comunicativo nas actividades desportivas. Estudo do feedback pedagógico do treinador e do desportista no ensino das actividades desportivas. *Horizonte, XXI (124)*, 29-35.
- Petitjean, B. (1984). Formes et fonctions des différents types d'évaluation. *Pratiques, Metz, CRESEF*, n. 44, p. 5-20.
- Piéron, M. (1984). *Didactique et Methodologie des Activités Physiques*. Liège : Université de Liège.
- Piéron, M. (1996). *Formação de Professores. Aquisição de técnicas de ensino e supervisão Pedagógica*. Edições FMH – UTL, Lisboa.
- Pomar, C. et al (s/d). *Necessidades de Formação dos Professores e Estratégias Promotoras da Sala de Aula Inclusiva*. Centro de Investigação em Educação e Psicologia. Universidade de Évora, Portugal.
- Pomar, C. et al (2007). *Guião de Entrevista. Projecto Íris*. Universidade de Évora.
- Programas Nacionais de Educação Física (do 2º ciclo, do 3º ciclo e ensino secundário) (Novembro 2001).
- Programa de Educação Física 10º, 11º e 12º ano, Cursos Gerais e Tecnológicos (Setembro 2001), Ministério da Educação. Departamento do Ensino Secundário.

Projecto Educativo da ESAG (2010-1013). Escola Secundária André de Gouveia. Évora.

Reid, M., Crespo, M., Lay, B., & Berry, J. (2007). Skill acquisition in tennis; Research and current practice. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 10(1), 1-10.

Ribeiro, L. C. (1990). *A avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.

Rodrigues, D. (2006). Dez ideais (mal) feitas sobre Educação Inclusiva. In D. Rodrigues (ed.), *Educação Inclusiva. Estamos a Fazer Progressos?* Lisboa: FMH. Edições.

Rodrigues, D. (2007). *Investigação em Educação Inclusiva, 2*. Lisboa: FMH.

Rosado, A. (s/d). Planeamento da Educação Física: Modelos de Leccionação. Retirado Agosto, 2010, de http://home.fmh.utl.pt/~arosado/Modelos20021_ficheiros/frame.htm.

Sanches, C. & Jacinto, M. (2004). Investigação sobre o pensamento dos professores: Multidimensionalidade, contributos e implicações. *Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*: ano/vol. 03, pp.131-233.

Schempp, P. G. (2003). The role of knowledge and experience in expert sport instruction (Electronic version). *Journal de la recherché sur l' Intervention en Education Physique et Sport*, 3, 22. Retirado em Janeiro de 2005, <http://www.fcomte.iufm.fr/recherche/journal13/Schempp%203.pdf>.

Shulman, L. (1986). Those Who Understand: knowledge Growth in Teaching. *Educational Researcher*, 15(2), 4-14.

Siedentop, D. (1983). *Development teaching skills in Physical Education*, 2nd edition. Palo Alto: Mayfield Publishing Company.

Tardif, M. (2000). Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. *Revista Brasileira de Educação*, 13, 5-24.

Warnock, M. (1978). *Special Education Needs: Reporto of committee of inquiry into the education of handicapped children and young people*. London: Her Majesty" Stationery Office.

William, A. M., & Hodges, N. (2005). Practice, instruction and skill acquisition in soccer: Challenging tradition. *Journal of Sports Sciences*, 23(6), 637-650.

Williams, R. (2005). *Preciso saber se estou indo bem!* Rio de Janeiro: Sextante.

ANEXO 1 – Planeamento Anual de Turma

Planeamento Anual de Turma 7º ano 2010/2011											
Período	1º Período			2º Período				3º Período			
Etapas F.D.	1º Etapa Avaliação Inicial		2º Etapa Aprendizagem / Desenvolvimento		3º Etapa Desenvolvimento / Aplicação			4º Etapa Aplicação Consolidação			
Meses	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Abril	Maio	Junho
Datas	21 Setembro a 26 Outubro		29 Outubro a 19 Novembro	23 Novembro a 17 Dezembro	4 a 28 Janeiro	1 a 18 Fevereiro	22 Fevereiro a 18 Março	22 Março a 8 Abril	26 Abril a 13 Maio	17 Maio a 3 Junho	7 a 22 Junho
Unidades de Ensino	1ª UE		1ª UE	2ª UE	3ª UE	1ª UE	2ª UE	3ª UE	1ª UE	2ª UE	3ª UE
Nº de semanas	5 Semanas		4 Semanas	4 Semanas	4 Semanas	3 Semanas	4 Semanas	3 Semanas	3 Semanas	3 Semanas	3 Semanas
Nº de aulas	15		11	10	12	9	11	8	9	9	5
Espaço	P1 / P2 / E1 / E2		P2 / E1 / E2	P1 / P2 / E1 / E2	P1 / P2 / E1 / E2	P2 / E1 / E2	P1 / P2 / E1 / E2	P1 / P2 / E2	P1 / E1 / E2	P1 / P2 / E1	E2 / P2
Matérias	Fitnessgram Todas as Matérias incluídas no protocolo de Avaliação Inicial da Escola		Basquetebol Futebol Voleibol Badminton Atletismo Ginástica Solo G Aparelhos	Conhecimentos Basquetebol Andebol G Aparelhos Badminton Ginástica de Solo Atletismo Futebol	Conhecimentos Basquetebol Andebol G Aparelhos Badminton Ginástica de Solo Voleibol Atletismo Futebol	Conhecimentos Voleibol G Aparelhos Basquetebol Orientação	Basquetebol Andebol G Aparelhos Badminton Ginástica de Solo Voleibol Atletismo Futebol	Basquetebol Andebol G Aparelhos Ginástica de Solo Voleibol Futebol	Basquetebol Andebol G Aparelhos Badminton Ginástica de Solo Voleibol Atletismo Futebol	Fitnessgram Atletismo Futebol Dança Conhecimentos Ginástica de Solo	Voleibol G Aparelhos Basquetebol Conhecimentos
Objectivos	Determinar aptidões e dificuldades dos alunos. Revisão dos conteúdos do ano anterior. Identificar alunos fracos e potencialidades. Aprendizagem de rotinas. Melhoria da condição física.		Objectivos Intermédios – definidos no plano desta Etapa de acordo com o planeamento de cada matéria.			Objectivos Intermédios – definidos no plano desta Etapa de acordo com o planeamento de cada matéria.			Objectivos finais definidos no plano desta etapa. Consolidação e revisão das matérias, recuperação de alunos ou matérias mais atrasadas; abordagem de matérias alternativas.		Consolidação e revisão das matérias, recuperação de alunos ou matérias mais atrasadas; abordagem de matérias alternativas.

ANEXO 3 – Ficha de Caracterização turma

Escola Secundária André de Gouveia

Ano Lectivo 2010/2011

Este inquérito é confidencial

DADOS BIOGRÁFICOS			
Nome:		Ano:	Turma: N.º
Data de nascimento:	/ /	Idade:	Naturalidade:
Morada:			
CP:		Concelho:	
Telefone:	Telemóvel:	Email:	

ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO			
Nome:		Parentesco:	
Data de nascimento:	/ /	Idade:	Naturalidade:
Morada:			
CP:		Concelho:	
Telefone:	Telemóvel:	Email:	
Profissão:	Telefone do emprego:		
Situação Profissional Actual: (Assinala com X)			
<input type="checkbox"/> Efectivo	<input type="checkbox"/> Contratado	<input type="checkbox"/> Reformado	<input type="checkbox"/> Desempregado

OCUPAÇÃO DE TEMPOS LIVRES			
Actividades complementares a que te dedicas:			
Desportos preferidos:			
Praticas alguma modalidade fora da escola? Qual?			
És federado em alguma modalidade desportiva? Qual (ais)?			
Depois das aulas o que mais gostas de fazer? (Assinala com X)			
Desporto	Ver TV	Videojogos	Ler
Estudar	Ouvir musica	Internet	Ir ao café
Outras:			

NA ESCOLA (Assinala com X)			
Gostas de estudar?	Sim	Não	Às vezes Quando?
Gostas da tua escola?	Sim	Não	Porque?
Quais as disciplinas preferidas?			
Quais as que gostas menos?			
Clube em que gostarias de participar:			
Actividade (s) que gostarias de fazer:			
Gostas das aulas de Educação Física?			
Qual (ais) a(s) modalidade(s) da disciplina de Educação Física que gosta(s) mais?			
Tipo de actividade que preferes ver dinamizada nas aulas: (Assinala com X)			

Trabalho de grupo		Aulas expositivas		Fichas de Trabalho		Pesquisa	
Outras – quais?							

SAÚDE/ALIMENTAÇÃO (Assinala com X)

Tipo de Dificuldade?	Visuais		Auditivas		Motoras		Fala	
Outras – Qual(ais)?								
Tipo de Alergias:								
A que horas te costumam deitar?				Número de horas de sono:				
Onde tomas o pequeno-almoço?								
Onde almoças normalmente?								
Quantas refeições fazes por dia?								
Quais os alimentos que costumam comer às refeições?								

Das matérias abaixo indicadas, assinala as que queres ser avaliado conforme as opções apresentadas.

MATÉRIAS CURRICULARES EDUCAÇÃO FÍSICA				
Áreas	Sub-áreas	Matérias	Opção	Matérias para Avaliação
ACTIVIDADES FÍSICAS	Jogos Desportivos Colectivos	Voleibol	Escolhe 2 modalidades	
		Futebol		
		Andebol		
		Basquetebol	Escolhe 1 modalidade	
		Rugby		
		Corfebol		
	Ginástica		Escolhe 1 matéria (Ginástica ou Atletismo)	
	Atletismo			
	Actividades Rítmicas Expressivas	Tradicionalis	Escolhe 1 modalidade	
		Danças latino-americanas		
		Danças Modernas		
	Raquetes	Badminton	Escolhe 1 modalidade	
	Outras	Orientação		
		Jogos Tradicionais		
Desportos Combate				

NOTA: Apesar de escolherem as matérias que querem ser avaliados. Todas as outras que irão ser abordadas nas aulas de Educação Física, entram em linha de conta para a vossa avaliação no âmbito de: (atitudes, empenho, interesse, motivação).

ANEXO 4 – Planeamento Anual Turma

Planeamento Anual de Turma 11º CT1 2010/2011											
Período	1º Período			2º Período				3º Período			
Etapas F.D.	1º Etapa Avaliação Inicial		2º Etapa Aprendizagem / Desenvolvimento		3º Etapa Desenvolvimento / Aplicação			4º Etapa Aplicação Consolidação			
Meses	Setembro	Outubro	Out./Nov.	Dezembro	Janeiro	Janeiro/Fevereiro	Março	Abril	Abril	Maio	Junho
Datas	20 Setembro a 20 Outubro		25 Outubro a 29 Novembro	6 a 15 Dezembro	3 a 26 Janeiro	31 Janeiro a 28 Fevereiro	2 a 30 Março	6 Abril	27 Abril	2 a 30 Maio	1 a 20 Junho
Nº de semanas	5 Semanas		5 Semanas	2 Semanas	4 Semanas	4 Semanas	4 Semanas	1 Semana	1 Semana	4 Semanas	4 Semanas
Nº de aulas	22		18	6	16	18	14	2	2	18	12
Espaço	P1 / P2 / E1 / E2		P2 / E1 / E2	P1 / P2 / E1 / E2	P1 / P2 / E1 / E2	P1 / P2 / E1 / E2	P1 / E1 / E2	P1	E1	P1 / P2 / E1 / E2	E1/E2 / P1/P2
Matérias	Fitnessgram Todas as Matérias incluídas no protocolo de Avaliação Inicial da Escola		Basquetebol Futebol Voleibol Badminton Atletismo Ginástica Solo G Aparelhos Cond. Fis. Rugby	Conhecimentos G Aparelhos Ginástica de Solo Auto-avaliação	Basquetebol Andebol G Aparelhos Badminton Ginástica de Solo Voleibol Atletismo Futebol Rugby Cond. Física	Voleibol G Aparelhos Basquetebol Futebol Basquetebol Andebol Corfebol Badminton Cond. Física Atletismo	Basquetebol G Aparelhos Badminton Ginástica de Solo Voleibol Atletismo Futebol Conhecimentos Rugby	G Aparelhos Voleibol Corfebol Badminton Auto-avaliação	Rugby Atletismo	Fitnessgram Atletismo Futebol Dança Ginástica de Solo Badminton Rugby Ginástica de Aparelhos Orientação Corfebol	Voleibol G Aparelhos Basquetebol Conhecimentos Ginástica Solo Dança Cond. Física Badminton
Objectivos	Determinar aptidões e dificuldades dos alunos. Revisão dos conteúdos do ano anterior. Identificar alunos fracos e potencialidades. Aprendizagem de rotinas. Melhoria da condição física.		Objectivos Intermédios – definidos no plano desta Etapa de acordo com o planeamento de cada matéria.			Objectivos Intermédios – definidos no plano desta Etapa de acordo com o planeamento de cada matéria. Abordagem de matérias alternativas.			Objectivos finais definidos no plano desta etapa. Consolidação e revisão das matérias, recuperação de alunos ou matérias mais atrasadas; Abordagem de matérias alternativas.		Consolidação e revisão das matérias, recuperação de alunos ou matérias mais atrasadas; Abordagem de matérias alternativas.

ANEXO 5

Guião de Entrevista¹

AS PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA FACE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE NAS SUAS AULAS”

ENTREVISTA

Número () Data () Escola ()

Identificação/recolha de dados dos Professores entrevistados

I - Dados de identificação

Nome:

Idade:

Sexo: (F) (M)

Anos de Serviço:

II - Formação:

Curso Superior: ()

Pós-Graduação ()

Mestrado ()

Doutoramento ()

Formação Específica em NEE ()

III - Experiência com a inclusão de alunos com NEE

Que tipo de experiências teve/trabalhou (caso/tipo)?

Em que contexto(s)?

Durante quanto tempo?

Considera essa formação suficiente?

¹ Adaptado de “Projecto IRIS” Janeiro 2007. Universidade de Évora

“AS PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA FACE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE NAS SUAS AULAS”

GUIÃO DE ENTREVISTA

DIMENSÃO I: ESCOLA INCLUSIVA

Tema - Percepção de Escola Inclusiva

Questão:

1. Para si o que é uma escola inclusiva?

DIMENSÃO II: PAPEL/CONTRIBUTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Tema - Práticas de Ensino

Questões:

1. O que faz no contexto da sua aula com alunos com NEE para que ela seja inclusiva / que práticas de ensino promove neste sentido?
2. A inclusão dos alunos com NEE nas aulas traduz-se em exigência e esforços adicionais para o professor? Porquê?
(Trabalho acrescido na planificação / leccionação das aulas com NEE)
3. Em que medida considera que a Educação Física, enquanto disciplina escolar poderá contribuir para a inclusão de alunos com NEE?

Tema - Suporte ao Professor

Questões:

1. Existe alguém que trabalhe consigo no sentido de o apoiar para que a sua aula seja inclusiva? (apoios específicos, materiais, equipas de suporte, projectos, actividades, etc).
- Se sim, quem? Como funciona? Quais os apoios?
 - Se não, considera que deveria existir?

Tema – Crenças de Auto-Eficácia

Questão:

1. Em que medida considera que as suas acções podem contribuir para alterar as competências dos alunos em contexto inclusivo?

DIMENSÃO III: BARREIRAS FÍSICAS E RECURSOS

Tema - Obstáculos

Questão:

1. Quais são os principais obstáculos que encontra numa aula de Educação Física com alunos com NEE?

Tema – Recursos

Questão:

1. Quais são os principais recursos existentes para a promoção de uma aula de Educação Física com alunos com NEE?

Tema – Benefícios

Questão:

1. Quais os principais benefícios ou mais-valias que as suas aulas com alunos NEE poderão ter?

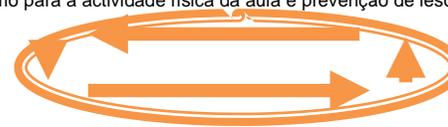
ANEXO 6 – Plano de Aula

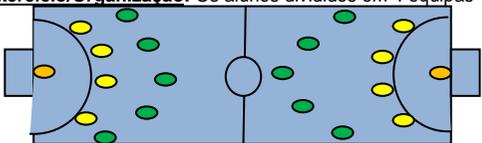


ESCOLA SECUNDÁRIA ANDRÉ DE GOUVEIA / NÚCLEO DE ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - PLANO DE AULA - 2010/2011



Aula Nº: 39 e 40	Ano/Turma: 11º ano	Data: 22/11/10	Orientador: Emanuel Silveira	Professor: Luís Socorro	Local: E2 Exterior	Hora: 08.15/9.45	Tempo: 90 min.
Material: bolas de basquetebol, coletes, bolas de andebol e sinalizadores				Nº de Alunos: 18	Função Didáctica: Aprendizagem		Etapa: II
Matérias: Basquetebol e Andebol				Matéria Nuclear: Basquetebol Prioritária / Grupos por Níveis			
Objectivo específico: Basquetebol (Ataque organizado; Enquadramento em atitude ofensiva básica; Drible de progressão; Fintas e Lançamento parado ou na passada). Andebol (Ocupação racional do terreno de jogo)							
Grupos de Trabalho Diferenciado: G1 G2 G3 G4							

FASE	T. T	T. P	SEQUÊNCIA DE TAREFAS / OBJECTIVOS OPERACIONAIS	ESTRATÉGIAS DE CONTROLO E ORGANIZAÇÃO / ESQUEMA / CRITÉRIOS DE ÊXITO
I N I C I A L	8.15'	10'	<u>Tolerância de início de aula</u>	<p>✚ Ouvir com atenção as informações do professor. Alunos em semi-círculo, de frente para o professor.</p>  <p>C.E: Procurar atrair a atenção dos alunos; Aumentar os níveis de motivação, vontade, interesse e desempenho dos alunos.</p> <p>✚ Preparação/Adaptação do organismo para a actividade física da aula e prevenção de lesões.</p>  <p>C. E: Manter um ritmo de corrida constante, durante o período de corrida. Controle respiratório. C. E: Realizar os exercícios com amplitude e correcção.</p>
	8.25'	5'	- Instrução inicial acerca dos conteúdos e dos objectivos a abordar na aula. Explicação clara e concisa dos exercícios a desenvolver.	
	8.30'	15'	<p style="text-align: center;"><u>Activação e Mobilização Geral</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Mobilização articular. <ul style="list-style-type: none"> • Rotações de MS/MI; - Corrida contínua; - Corrida de estafetas; - Corrida de Velocidade. 	
P R I N C I P A L	8.50'	10'	- Explicação oral dos exercícios a realizar. Sua dinâmica e objectivos. Demonstração.	<p>✚ Os alunos divididos em 4 grupos realizam as tarefas: O G1 e G2 irão fazer o exercício em conjunto na 1ª estação. Dois alunos farão de defesa (1 de cada equipa), trocando com colega após execução do exercício.</p> <p>1ª Estação <u>Exercício/Organização:</u> Duas filas com 4 alunos, iniciando o exercício o primeiro aluno de cada fila através de drible em direcção aos dois defesas que se encontram à sua frente. Chegando perto dos defesas, os alunos na posse de bola, tentarão ultrapassá-los através de fintas, sejam elas de corpo ou fintas com drible e com velocidade para seguidamente terminarem em cesto através de lançamento parado ou na passada.</p>  <p>Adaptações Possíveis: Os alunos ganham um ponto individual por cada cesto; Possibilidade de colocação de uma defesa mais activa ou menos activa.</p> <p>C. Ê: Liberta-se do defesa utilizando se necessário fintas e drible para finalizar; No Lançamento parado, o jogador enquadra-se com o cesto, pernas flectidas e avança o pé do lado da mão que lança e faz uma extensão simultânea de braço e tronco. E por último no lançamento na passada faz dois apoios no solo, seguido de uma elevação máxima do corpo e com o joelho direito flectido.</p>
	9.00'	5'	1ª Estação: 4x4 Vs defesa activa <u>G1</u> <u>G2</u>	
		+		

P R I N C I P A L	9.00'	10'	<p>2ª Estação: Jogo Basquetebol 3x3 + 1 (joker da equipa que ataca)</p> <p>G3</p> <p>G4</p>	<p>2ª Estação</p> <p>Exercício/Organização: Os alunos, em 2 equipas de 3 elementos + (1 joker), realizam em meio campo de basquetebol, jogo de 3x4 de acordo com as regras definidas para o mesmo.</p>  <p>C. Ê:</p> <p>Introdutório:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ressalto Ofensivo e Defensivo. <p>Elementar:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Desmarca-se e acompanha o seu adversário directo (Defesa Individual), procurando recuperar a posse de bola o mais rápido possível; ✓ Dificulta o drible, o passe e o lançamento, colocando-se entre o jogador e o cesto na defesa do jogador com bola; ✓ Dificulta a abertura de linhas de passe, colocando-se entre o jogador e a bola, na defesa do jogador sem bola; ✓ Participa no ressalto defensivo, reagindo ao lançamento, colocando-se entre o seu adversário directo e o cesto.
	9.30'	10'	<p>3ª Estação: Jogo de Andebol (4x3)</p> <p>G1 + G4 / G2 + G3 (equipa que ataca tem sempre + 1 jogador / Joker)</p>	<p>3ª Estação</p> <p>Exercício/Organização: Os alunos divididos em 4 equipas + 1 joker. Duas equipas em cada meio-campo.</p>  <p>C. E: Elementar</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Desmarca-se rapidamente, oferecendo linhas de passe ofensivas garantindo a ocupação equilibrada do espaço de jogo; ➤ Opta por um passe a um jogador em posição mais ofensiva ou por drible em progressão para permitir a finalização; ➤ Finaliza, se recebe a bola em condições favoráveis, em remate em salto, utilizando fintas e mudanças de direcção, consoante a oposição, para desenquadrar o seu adversário directo;
F I N A L	9.30'	2'	<p>Retorno à calma</p> <p>- Os alunos efectuam os alongamentos de modo a realizarem o retorno à calma.</p> <p>- Esclarecimento de dúvidas e dificuldades sentidas durante a aula. E arrumação de material.</p> <p>Tolerância final de aula</p>	<p>Ação: Alongamentos;</p> <p>Contexto: Turma; Ocupação racional do espaço ou local indicado pelo professor.</p> <p>C.E: Redução do trabalho, do ponto de vista fisiológico e mental, de forma a levar os diferentes sistemas orgânicos dos alunos a uma condição o mais próximo possível do seu "estado inicial".</p> 
	9.32'	3'		<p>- Reflexão sobre os conteúdos da aula com os alunos dispostos à frente do professor.</p> 
	9.45'	10'		

OBSERVAÇÕES:

Ficha de Auto – Avaliação Educação Física

Nome: _____ Nº _____

	1º Período				2º Período				3º Período			
	Sempre	Frequente mente	Algumas vezes	Raramente	Sempre	Frequent emente	Algumas vezes	Raramente	Sempre	Frequente mente	Algumas vezes	Raramente
Participação nas Aulas:												
Fui assíduo												
Fui pontual												
Fui responsável												
Estive atento												
Particpei com entusiasmo												
Empenhei-me nas tarefas propostas												
Cooperei com os colegas												
Cumpri as regras estabelecidas												
Fiz-me acompanhar do material												
Fui cuidadoso com o material												
Comportei-me adequadamente												

	1º Período				2º Período				3º Período			
	Sempre	Frequente mente	Algumas vezes	Raramente	Sempre	Frequent emente	Algumas vezes	Raramente	Sempre	Frequente mente	Algumas vezes	Raramente
Espírito Desportivo:												
Aceitei os companheiros de equipa												
Não ridicularizei quando ganhei												
Aceitei a derrota de forma natural												
Aceitei as decisões dos árbitros												
Respeitei as críticas justificadas												
Aceitei os resultados dos jogos												

	1º Período				2º Período				3º Período			
	Fraco	Satisfaz	Bom	Muito Bom	Fraco	Satisfaz	Bom	Muito Bom	Fraco	Satisfaz	Bom	Muito Bom
Conhecimentos:												
Identifico as matérias trabalhadas												
Identifico os materiais utilizados												
Conheço os gestos técnicos												
Conheço as regras das modalidades												
Conheço as formas de organização												

Classificação	1º Período	2º Período	3º Período
<i>De acordo com todos os parâmetros, que referi, acho que mereço:</i>	Nível 1 _____	Nível 1 _____	Nível 1 _____
	Nível 2 _____	Nível 2 _____	Nível 2 _____
	Nível 3 _____	Nível 3 _____	Nível 3 _____
	Nível 4 _____	Nível 4 _____	Nível 4 _____
	Nível 5 _____	Nível 5 _____	Nível 5 _____

Comentários:

ANEXO 8 – Plano de Etapas 7º ano Ensino Básico

1º PERÍODO						
	DATA	DIA	T.	ESPAÇO	MATÉRIA	
1ª E T A P A	21 Setembro	3ª Feira	45'	Pavilhão1	Fitnessgram	
	24 Setembro	6ª Feira	90'	Pavilhão1	Fitnessgram	
	28 Setembro	3ª Feira	45'	Exterior2	Basquetebol	
	1 Outubro	6ª Feira	90'	Exterior2	Voleibol / Futebol	
	8 Outubro	6ª Feira	90'	Pavilhão2	Andebol / Atletismo	
	12 Outubro	3ª Feira	45'	Exterior1	Atletismo	
	15 Outubro	6ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo	
	19 Outubro	3ª Feira	45'	Pavilhão1	Ginástica Solo	
	22 Outubro	6ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica Solo e Aparelhos	
	26 Outubro	3ª Feira	45'	Exterior2 / P1	Badminton	
2ª E T A P A	29 Outubro	6ª Feira	90'	Exterior2	Basquetebol / Futebol	
	2 Novembro	3ª Feira	45'	Pavilhão2	Voleibol	
	5 Novembro	6ª Feira	90'	Pavilhão2	Voleibol / Badminton	
	9 Novembro	3ª Feira	45'	Exterior1	Atletismo	
	12 Novembro	6ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo / Futebol	
	16 Novembro	3ª Feira	45'	Pavilhão1	Ginástica de Solo	
	19 Novembro	6ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica Solo e Aparelhos	
	23 Novembro	3ª Feira	45'	Exterior2 / Sala	Conhecimentos	
	26 Novembro	6ª Feira	90'	Exterior2	Basquetebol / Andebol	
	30 Novembro	3ª Feira	45'	Pavilhão2	Ginástica de Aparelhos	
	3 Dezembro	6ª Feira	90'	Pavilhão2	Ginástica Aparelhos / Badminton	
	7 Dezembro	3ª Feira	45'	Exterior1 / Sala	Conhecimentos	
	10 Dezembro	6ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo / Futebol	
	14 Dezembro	3ª Feira	45'	Pavilhão1	Ginástica de Solo	
	17 Dezembro	6ª Feira	90'	Pavilhão1	
	2º PERÍODO					
	3ª E T A P A	4 Janeiro	3ª Feira	45'	Exterior2 / Sala	Conhecimentos
7 Janeiro		6ª Feira	90'	Exterior2	Andebol	
11 Janeiro		3ª Feira	45'	Pavilhão2	Basquetebol	
14 Janeiro		6ª Feira	90'	Pavilhão2	Voleibol / Badminton	
18 Janeiro		3ª Feira	45'	Exterior1	Atletismo	
21 Janeiro		6ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo / Andebol	
25 Janeiro		3ª Feira	45'	Pavilhão1	Ginástica de Solo	
28 Janeiro		6ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica Solo e Aparelhos	
1 Fevereiro		3ª Feira	45'	Exterior2 / Sala	Conhecimentos	
4 Fevereiro		6ª Feira	90'	Exterior2	Basquetebol / Badminton	
8 Fevereiro		3ª Feira	45'	Pavilhão2	Voleibol	
11 Fevereiro		6ª Feira	90'	Pavilhão2	Voleibol / Ginástica de Aparelhos	
15 Fevereiro		3ª Feira	45'	Exterior1	Orientação	
18 Fevereiro		6ª Feira	90'	Exterior1	Orientação / Orientação	
22 Fevereiro		3ª Feira	45'	Pavilhão1	Ginástica de Solo	
25 Fevereiro		6ª Feira	90'	Pavilhão1	Atletismo / Ginástica de Solo	
1 Março		3ª Feira	45'	Exterior2	Basquetebol	
4 Março	6ª Feira	90'	Exterior2	Andebol / Futebol		
11 Março	6ª Feira	90'	Pavilhão2	Badminton / Atletismo		
15 Março	3ª Feira	45'	Exterior1	Atletismo		
18 Março	6ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo / Badminton		
22 Março	3ª Feira	45'	Pavilhão1	Ginástica de Solo		
25 Março	6ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica Aparelhos e Solo		
29 Março	3ª Feira	45'	Exterior2	Basquetebol		
1 Abril	6ª Feira	90'	Exterior2	Andebol / Futebol		
5 Abril	3ª Feira	45'	Pavilhão2	Voleibol		
8 Abril	6ª Feira	90'	Pavilhão2		
3º PERÍODO						
4ª E T A P A	26 Abril	3ª Feira	45'	Exterior1	Atletismo	
	29 Abril	6ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo / Badminton	
	3 Maio	3ª Feira	45'	Pavilhão1	Ginástica de Solo	
	6 Maio	6ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica Solo e Aparelhos	
	10 Maio	3ª Feira	45'	Exterior2	Andebol	
	13 Maio	6ª Feira	90'	Exterior2	Basquetebol / Voleibol	
	17 Maio	3ª Feira	45'	Pavilhão2	Fitnessgram	
	20 Maio	6ª Feira	90'	Pavilhão2	Fitnessgram / Fitnessgram	
	24 Maio	3ª Feira	45'	Exterior1 / Sala	Conhecimentos	
	27 Maio	6ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo / Futebol	
	31 Maio	3ª Feira	45'	Pavilhão1	Dança	
	3 Junho	6ª Feira	90'	Pavilhão1	Dança / Ginástica Solo	
	7 Junho	3ª Feira	45'	Exterior2 / Sala	Conhecimentos	
	14 Junho	3ª Feira	45'	Pavilhão2	Ginástica Aparelhos	
17 Junho	6ª Feira	90'	Pavilhão2	Voleibol / Basquetebol		
21 Junho	3ª Feira	45'	Exterior 1		

ANEXO 9 – Plano de Etapas 11º ano Ensino Secundário

1º PERÍODO						
	DATA	DIA	Tempo	ESPAÇO	MATÉRIA	CONTEÚDOS / Estratégia
1ª E T A P A	20 Setembro	2ª Feira	90'	Pavilhão1	Fitnessgram	Vaivém; Peso; Altura
	22 Setembro	4ª Feira	90'	Pavilhão1	Fitnessgram	Força; Flexibilidade
	27 Setembro	2ª Feira	90'	Exterior2	Basquetebol e Futebol	Avaliação diagnóstica
	29 Setembro	4ª Feira	90'	Exterior2	Voleibol	Avaliação diagnóstica
	4 Outubro	2ª Feira	90'	Pavilhão2	Andebol / Atletismo	Avaliação diagnóstica
	6 Outubro	4ª Feira	90'	Pavilhão2	Badminton /Atletismo	Avaliação diagnóstica
	11 Outubro	2ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo	Avaliação diagnóstica
	13 Outubro	4ª Feira	90'	Exterior 1	Atletismo	Avaliação diagnóstica
	18 Outubro	2ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica Solo e Aparelhos	Avaliação diagnóstica
20 Outubro	4ª Feira	90'	P1	Ginástica Solo e Aparelhos	Avaliação diagnóstica	

2ª E T A P A	25 Outubro	2ª Feira	90'	Exterior2	Basquetebol / Voleibol	Passes; Drible; Lançamento na passada; jogo 3x3	
	27 Outubro	4ª Feira	90'	Pavilhão2	Voleibol / Futebol	Passes por cima, jogo 3x3	
	3 Novembro	2ª Feira	90'	Pavilhão2	Ginástica Solo e Condição Física	Avaliação diagnóstica (ETAPA 1)	
	8 Novembro	2ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo / Futebol / Rugby		
	10 Novembro	4ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo / Futebol / Rugby		
	15 Novembro	2ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica de Solo / Ginástica Aparelhos	Rolamento à frente e atrás, apoio invertido (pino), saltos	
	17 Novembro	4ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica Solo / Ginástica Aparelhos	Rolamento à frente e atrás, roda, pino, salto de coelho e salto eixo	
	22 Novembro	2ª Feira	90'	Exterior2	Basquetebol / Andebol		
	29 Novembro	2ª Feira	90'	Pavilhão2	Voleibol / Basquetebol / Condição Física	Passes; Drible; Lançamento. Jogo 3x3, 1x1. Exercício força.	
	6 Dezembro	2ª Feira	90'	Exterior 1	Conhecimentos	Aula teórica sobre Educação Física / Desporto	
	13 Dezembro	2ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica de Aparelhos / Solo		
	15 Dezembro	4ª Feira	90'	Pavilhão 1	Auto-avaliação		
	2º PERÍODO						
	3 Janeiro	2ª Feira	90'	Exterior2	Andebol / Voleibol		
	5 Janeiro	4ª Feira	90'	Exterior2	Voleibol / Futebol		
10 Janeiro	2ª Feira	90'	Pavilhão2	Basquetebol / Condição F. / Voleibol			
12 Janeiro	4ª Feira	90'	Pavilhão2	Voleibol / C Física / Atletismo	Jogo. Condição física e Salto Altura.		
17 Janeiro	2ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo / Rugby	Jogo. Velocidade e salto comprimento.		
19 Janeiro	4ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo / Rugby			
24 Janeiro	2ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica de Solo e Aparelhos			
26 Janeiro	4ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica Solo / Ginástica Aparelhos Condição Física			

3ª E T A P A	31 Janeiro	2ª Feira	90'	Exterior2	Futebol / Voleibol	
	2 Fevereiro	4ª Feira	90'	Exterior2	Basquetebol / Andebol	
	7 Fevereiro	2ª Feira	90'	Pavilhão2	Corfebol / Basquetebol	
	9 Fevereiro	4ª Feira	90'	Pavilhão2	Voleibol / Badminton / Cond. Física	
	14 Fevereiro	2ª Feira	90'	Exterior1	Futebol / Atletismo	
	16 Fevereiro	4ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo / Rugby	
	21 Fevereiro	2ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica de Solo / Ginástica aparelhos	
	23 Fevereiro	4ª Feira	90'	Pavilhão1	Condição Física / Ginástica de Solo	
	28 Fevereiro	2ª Feira	90'	Exterior2	Basquetebol / Andebol	
	2 Março	4ª Feira	90'	Exterior2	Voleibol / Basquetebol	
	14 Março	2ª Feira	90'	Exterior1	Futebol / Atletismo	
	16 Março	4ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo / Rugby	
	21 Março	2ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica Aparelhos / Badminton	
	23 Março	4ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica Solo / Ginástica Aparelhos	
	28 Março	2ª Feira	90'	Exterior2	Futebol / Voleibol	
	30 Março	4ª Feira	90'	Exterior2	Conhecimentos	
	4 Abril	2ª Feira	90'	Pavilhão1	Badminton / Corfebol	
6 Abril	4ª Feira	90'	Pavilhão1	Voleibol / Ginástica Aparelhos		

3º PERÍODO

4ª E T A P A	27 Abril	4ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo / Rugby	
	2 Maio	2ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica Solo / Ginástica Aparelhos	
	4 Maio	4ª Feira	90'	Pavilhão1	Ginástica de Solo / Ginástica Aparelhos	
	9 Maio	2ª Feira	90'	Exterior2	Orientação	Perceber simbologia básica, orientação do mapa. Percurso simples em par
	11 Maio	4ª Feira	90'	Exterior2	Orientação	Perceber simbologia básica, orientação do mapa. Percurso simples em par
	16 Maio	2ª Feira	90'	Pavilhão2	Basquetebol / Voleibol / Fitnessgram	
	18 Maio	4ª Feira	90'	Pavilhão2	Badminton / Corfebol / Fitnessgram	
	23 Maio	2ª Feira	90'	Exterior1	Rugby / Atletismo	
	25 Maio	4ª Feira	90'	Exterior1	Atletismo / Futebol / Rugby	
	30 Maio	2ª Feira	90'	Pavilhão1	Dança	
	1 Junho	4ª Feira	90'	Pavilhão1	Dança / Ginástica Solo	
	6 Junho	2ª Feira	90'	Exterior2	Conhecimentos	
	8 Junho	4ª Feira	90'	Exterior2	Voleibol / Basquetebol	
	13 Junho	2ª Feira	90'	Pavilhão2	Condição F / Badminton / Voleibol	Posição base, passe e manchete, Remate. Abdominais, Flexões; saltos laterais; dorsais; agachamentos.
	15 Junho	4ª Feira	90'	Pavilhão2	Ginástica aparelhos / Basquetebol	
	20 Junho	2ª Feira	90'	Exterior1	Auto-avaliação	

ANEXO 10 – Protocolo de Avaliação ESAG

ESCOLA SECUNDÁRIA ANDRÉ DE GOUVEIA - ÉVORA

Educ. Física -
Prof. ???

SÍNTESE DA AVALIAÇÃO SUMATIVA INTERNA

1º PERÍODO
ANO - ??? TURMA ???

Nº	NOME	ÁREAS DE AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA														
		Níveis nas 7 melhores Activ. Fis.				Proposta Class. A.F.		Class. Final A.F.		APTIDÃO FÍSICA 1 a 4 = nº testes c/ Suc. (Insuc.) / S (Suc.)		CONHECIMENTOS I (Insucesso) / S (Sucesso)		Outros Factores de apoio à reflexão do Prof. I (Insat.)/S (Satisf.)/B (Bom)		PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO
		NI	I	E	A	Dep.E.F.	I (Insuc.)-3-4-5	1 a 4	Decisão Prof.	0-100%	Decisão Prof.	Emp./Rel.	Ass./Pont.	1-5		
1						?	?		?		?				?	
2						?	?		?		?				?	
3						?	?		?		?				?	
4						?	?		?		?				?	
5						?	?		?		?				?	
6						?	?		?		?				?	
7						?	?		?		?				?	
8						?	?		?		?				?	
9						?	?		?		?				?	
10						?	?		?		?				?	
11						?	?		?		?				?	
12						?	?		?		?				?	
13						?	?		?		?				?	
14						?	?		?		?				?	
15						?	?		?		?				?	
16						?	?		?		?				?	
17						?	?		?		?				?	
18						?	?		?		?				?	
19						?	?		?		?				?	
20						?	?		?		?				?	
21						?	?		?		?				?	
22						?	?		?		?				?	
23						?	?		?		?				?	
24						?	?		?		?				?	
25						?	?		?		?				?	
26						?	?		?		?				?	
27						?	?		?		?				?	
28						?	?		?		?				?	

ANEXO 11 – Grelha de Registo Avaliação Formativa

Turma:		Grelha Avaliação Formativa / Voleibol											
		Introdutório				Elementar				Avançado			
Nomes		a) Passe alto de Frente; b) Manchete; c) Serviço por baixo				d) Passe alto de costas; e) Serviço por cima; f) Remate em apoio; g) Remate com salto				h) Bloco; i) Deslocamentos; j) Posição base ofensiva; l) Posição base defensiva			
		NR	RD	R	RC	NR	RD	R	RC	NR	RD	R	RC
1	A												
2	B												
3	C												
4	D												
6	E												
7	F												
8	G												
9	H												
10	I												
11	J												
12	L												
13	M												
14	N												
15	O												
16	P												
17	Q												
19	R												
20	S												

Legenda: NR (1) - Não Realiza; RD (2) – Realiza dificuldade; R (3,4) – Realiza; RC (5) – Realiza Correctamente

ANEXO 12 – Grelha de Registo Avaliação Formativa “Atitudes”

Avaliação Mensal

1º Período		Notas				
		Empenho	Participação	Comportamento	Assiduidade	Pontualidade
1	A					
2	B					
3	C					
4	D					
6	E					
7	F					
8	G					
9	H					
10	I					
11	J					
12	L					
13	M					
14	N					
15	O					
16	P					
17	Q					
19	R					
20	S					

Legenda: INS - Insuficiente; SUF - Suficiente; BOM - Bom; MT BOM - Muito Bom.

ANEXO 13 – Proposta de Avaliação Inicial

ESCOLA SECUNDÁRIA ANDRÉ DE GOUVEIA DEPARTAMENTO DE EXPRESSÕES
ÁREA DISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

No sentido de simplificar a Avaliação Inicial (Diagnóstica) e considerando que o aluno só possui o nível (NI, I, E ou A) quando cumpre os elementos referidos no programa, apresento a seguinte proposta de avaliação Inicial:

- **DESPORTOS COLECTIVOS**
- Para as diferentes modalidades são equacionadas 2 Situações (A e B):

Andebol

SITUAÇÃO A

<i>Exercício Critério:</i> 2 a 2 os alunos executam passe e recepção até que ao aproximar da baliza 1 deles entra em drible e remata em salto	<i>Critérios de avaliação:</i> <ul style="list-style-type: none">➤ Passa e Recebe a bola em progressão (pés para a frente) sem perder a bola;➤ Progride em drible mantendo o controle da bola;➤ Remata em salto, combinando a corrida com o salto para remate. <i>Indicadores de Observação:</i> <ul style="list-style-type: none">➤ Arma o braço;➤ Não perde a bola;➤ Remata em salto
---	--

SITUAÇÃO B

<i>Exercício Critério:</i> Jogo 5 x 5	<i>Critérios de avaliação:</i> <ul style="list-style-type: none">➤ Dá continuidade ao jogo, não perdendo a bola, passando e recebendo ou rematando quando oportuno;➤ Após passe desmarca-se (não segue a bola);➤ Sem bola, procura espaços vazios para receber;➤ Acompanha o seu adversário directo. <i>Indicadores de Observação:</i> <ul style="list-style-type: none">➤ Não perde a bola;➤ Quer no ataque, quer na defesa está sempre em deslocamento.
---	---

Basquetebol

SITUAÇÃO A

Exercício Critério: 2 a 2 os alunos executam passe e recepção até que ao aproximar do cesto 1 deles entra em drible, faz lançamento na passada e de seguida vai ao ressalto.	Crítérios de avaliação: <ul style="list-style-type: none">➤ Controla a bola em drible;➤ Lança na passada com o número de apoios correctos;➤ Passa e recebe sem perder a bola. Indicadores de Observação: <ul style="list-style-type: none">➤ Não perde a bola ao driblar;➤ 2 apoios no lançamento na passada.
--	--

SITUAÇÃO B

Exercício Critério: Jogo 3 x 3 em meio campo	Crítérios de avaliação: <ul style="list-style-type: none">➤ Dá continuidade ao jogo, não perdendo a bola, passando e recebendo ou lançando quando oportuno;➤ Após passe desmarca-se (não segue a bola);➤ Sem bola, procura espaços vazios para receber;➤ Acompanha o seu adversário directo. Indicadores de Observação: <ul style="list-style-type: none">➤ Não perde a bola;➤ Quer no ataque, quer na defesa está sempre em deslocamento;➤ Na defesa está sempre junto do seu atacante.
--	---

Futebol

SITUAÇÃO A

Exercício Critério: Após recepção, o aluno contorna os pinos em slalon até ao último pino, faz paragem e passe ao companheiro seguinte.	Crítérios de avaliação: <ul style="list-style-type: none">➤ Controle da bola com os 2 pés;➤ Recepção e passe em segurança. Indicadores de Observação: <ul style="list-style-type: none">➤ Executa a tarefa em corrida sem perder a bola e sem se afastar demasiado dos pinos.
---	--

SITUAÇÃO B

Exercício Critério:	Crítérios de avaliação: <ul style="list-style-type: none">➤ Dá continuidade ao jogo, não perdendo a bola, passando e recebendo ou rematando quando
----------------------------	---

Jogo 4 x 4	<p>oportuno;</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Após passe desmarca-se (não segue a bola); ➤ Em situação de 1x1, ultrapassa o defesa sem perder a bola. <p>Indicadores de Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Não perde a bola; ➤ Quer no ataque, quer na defesa está sempre em deslocamento.
------------	---

Voleibol

SITUAÇÃO A/B

<p>Exercício Critério:</p> <p>Jogo em campo reduzido, 2 + 2 em cooperação (com ou sem rede): com o objectivo de manter a bola no ar o máximo tempo possível</p>	<p>Crítérios de avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Desloca-se e posiciona-se para dar continuidade ao jogo (utilizando passe ou manchete); ➤ Serve por baixo. <p>Indicadores de Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ A bola permanece no ar pelo menos 3 jogadas; ➤ Não perde a bola (a bola fica “jogável”).
--	--

Desportos Gimnicos

○ Aparelhos e Solo

<p>Exercício Critério:</p> <p>Bock ou plinto – realização de saltos;</p> <p>Minitrampolim – realização de saltos;</p> <p>Trave – realiza marcha à frente + meia-volta + marcha atrás;</p> <p>Solo (colchões) – realiza cambalhota à frente e atrás + 1 elemento com apoio invertido.</p>	<p>Indicadores de Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Transposição dos aparelhos com recepção equilibrada; ➤ Bock ou plinto - realiza outro salto para além do salto ao eixo (entre mãos ou extensão); ➤ Minitrampolim - realiza outro salto para além do salto em extensão; ➤ Trave – não perde o equilíbrio. ➤ Solo (colchões) – “queixo ao peito” nas cambalhotas; alinhamento dos segmentos no apoio invertido.
---	--

Badmington

<p>Exercício Critério:</p> <p>2 a 2(a uma distância de + ou – 6m), com ou sem rede, realizam o maior número de batimentos possível</p>	<p>Crítérios de avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Desloca-se e posiciona-se para bater o volante à frente do corpo, efectuando batimentos por baixo ou por cima, conforme a trajectória do volante.
--	---

	<p>Indicadores de Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Pega correcta; ➤ Braço armado (no batimento por cima); ➤ Manutenção do volante no ar por pelo menos 3 jogadas.
--	---

Atletismo

Exercício Critério:	Crítérios de avaliação/ Indicadores de Observação:
Salto em altura (tesoura)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Encadeia a corrida com a chamada; ➤ Define uma fase de voo, ultrapassando a fasquia (rapazes 1m; raparigas 90cm).
Salto em comprimento (distancia mínima 2m para as raparigas e 3m para os rapazes)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Encadeia a corrida com a chamada sem desacelerar; ➤ Faz a impulsão para a frente e para cima (levanta o joelho na chamada); ➤ Ultrapassa a distância mínima).
Lançamento do peso 2kg , de lado, atingindo uma distância mínima de 5m	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Cotovelo alto e afastado; ➤ Extensão da perna e braço no lançamento; ➤ Ultrapassa os 5m (inclusive).
Corrida com obstáculos (barreiras)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Encadeia a corrida com a passagem dos obstáculos (não é necessário técnica de transposição) sem desacelerar acentuadamente.
Corrida de estafetas	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Passa e recebe o testemunho com segurança sem perder acentuadamente a velocidade
Corrida de velocidade (20m)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Acelera até o final

NOTA: A Avaliação Inicial das seguintes modalidades é feita em simultâneo com a sua leccionação: Ginástica Acrobática, Patinagem, Danças Sociais e Tradicionais, Escalada, Orientação e Ténis de Mesa.

ANEXO 14 – Resultados da Avaliação Inicial

Quadro Registo Avaliação Inicial

N.º	Nomes	Atletismo	Ginástica Solo	Ginástica Aparelhos	Voleibol	Futebol	Basquete	Andebol	Badminton
1	A	-	-	-	-	-	-	-	-
2	B	NI	NI	NI	I	I	I	I	I
3	C	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	-
6	D	I	I+	I+	I+	E	I+	I+	I
7	E	-	-	-	-	-	-	-	-
8	F	I	E	E	E	E	E	I+	I+
10	G	NI	PI	NI	NI	I+	NI	NI	I
11	H	NI	NI	NI	I	NI	I	I	I+
12	I	I	PI	I+	E	E	E	I+	I
13	J	PI	NI	PI	I+	I	I	I	I
14	L	NI	NI	PI	NI	I	I	I	I
15	M	PI	I+	I	I+	I+	I	I+	I
16	N	PI	NI	I	I	I	I	I+	NI
17	O	NI	PI	NI	I	I	I	I	NI
18	P	PI	I	I	I	I	I	I	NI

ANEXO 15 – Grelha de resultados Avaliação Final

Avaliação Sumativa do 3º Período

Alunos		JDC				Ginástica		Atletismo	Conhecimentos	Atitudes	Nota Final
		Voleibol	Andebol	Futebol	Basquetebol	Aparelhos	Solo	C/S/L			
		Nível	Nível	Nível	Nível	Nível	Nível	Nível	Menção	Menção	
2	A	I	I	I	PE	-	PI	I	S	SB	3
3	B	PI	PI	NI	PI	-	PI	PI	S	S	3
6	C	E	PE	E	E	-	E	E	SB	EX	5
7	D	-	-	-	-	-	-	-	-	NS	1
8	E	E	PE	E	E	-	E	E	SB	S	5
10	F	I	PI	I	I	-	I	I	S	S	3
11	G	E	PE	I	PE	-	PI	PE	EX	SB	4
12	H	E	PE	E	E	-	PE	E	S	S	5
13	I	PE	I	I	I	-	PI	I	SB	SB	3
14	J	I	PE	PE	I	-	PI	I	S	NS	3
15	L	E	PE	E	E	-	E	E	SB	SB	5
16	M	PE	I	PE	PE	-	I	PE	SB	SB	4
17	N	E	PE	E	E	-	E	E	EX	EX	5
18	O	E	I	I	PE	-	E	E	S	S	4
19	P	NI	-	NI	PI	-	PI	NI	S	S	3
20	Q	I	PI	PI	I	-	I	I	S	S	3

NI

Não introdutório

PI

Parte Introdutório

I

Introdutório

PE

Parte Elementar

E

Elementar

ANEXO 16 – Grelha de resultados do Fitnessgram

Resultados dos testes de Condição Física

N.º			Flexibilidade Inferior – Senta e alcança	Pregas adiposas	Força Superior – braços	Flexibilidade do tronco	FORÇA MÉDIA	Flexibilidade Superior – Ombros	MEDIDAS ANTROPOMÉTRICAS		TESTE VAI-DEM (Aptidão Aeróbia)	
	Nome	Idade	D - Registo - E	Registo	Registo	Registo	Registo	Registo	Altura	Peso	Registo	
1	A		38	35	NR	0	+	53	S	1.64	70	29
2	B		26	26	NR	0	+	17	S	1.64	55	20
4	C		34	31	NR	7	+	60	S	1.68	46	46
6	D		36	-	NR	11	+	32	S	1.72	67	89
7	E		31	31	NR	3	+	17	S	1.63	59	20
8	F		-	-	NR	-	-	-	S	-	-	-
9	G		43	41	NR	0	+	25	S	1.52	47	24
10	H		39	36	NR	4	+	31	S	1.67	48	28
11	I		14	12	NR	6	27	80	S	1.81	66	43
12	J		27	24	NR	15	26	60	S	1.77	65	61
13	L		31	32	NR	5	+	41	S	1.59	56	45
14	M		-	-	NR	-	-	-	S	-	-	-
15	N		27	24	NR	0	+	19	S	1.63	63	26
16	O		21	19	NR	0	19	28	S	1.64	68	38
17	P		27	27	NR	12	24	37	S	1.68	57	55
19	Q		36	36	NR	4	+	44	S	1.57	48	21
20	R		47	50	NR	0	+	63	S	1.67	58	24

ANEXO 17 – Grelha de Definição das Matérias

Ensino Básico

Matéria / Capacidade	Diagnóstico	Prioridade	Prognóstico
Gin de Solo	E	Menos prioritária	PA
Atletismo	I	Prioritária	E
Ginástica de Aparelhos	I	Prioritária	E
Badminton	I	Prioritária	E
Voleibol	NI	Muito Prioritária	I
Basquetebol	I	Prioritária	E
Futebol	NI	Muito Prioritária	I
Andebol	I	Menos Prioritária	E
Fitnessgram/Força superior (extensões de braços)	Sucesso	Prioritária	Sucesso

Ensino Secundário

Matéria / Capacidade	Diagnóstico	Prioridade	Prognóstico
Gin de Solo	NI	Muito prioritária	I
Atletismo	NI	Muito Prioritária	I
Ginástica de Aparelhos	I	Prioritária	E
Badminton	I	Prioritária	E
Voleibol	I	Prioritária	E
Basquetebol	I	Prioritária	E
Futebol	I	Menos Prioritária	E
Andebol	I	Menos Prioritária	E
Fitnessgram/Força superior (extensões de braços)	Insucesso	Muito prioritária	Sucesso